Marcos Luiz Cripa

A cobertura da Educação no jornal *Folha de S. Paulo*: Uma análise comparativa dos anos 1973 e 2002

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
São Paulo - 2007

Marcos Luiz Cripa

A cobertura da Educação no jornal *Folha de S. Paulo*: Uma análise comparativa dos anos 1973 e 2002

Dissertação apresentada à Comissão de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação, sob a orientação do prof. Dr. Adilson Citelli.

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
São Paulo - 2007

Banca Examinadora

_____

_____

_____

À Terêsa Cristina Alvisi, companheira com quem pretendo ver sóis e luas até o fim de meus dias; aos filhos Lucas, Mateus e Beatriz, que compreenderam a ausência forçada pelos anos que duraram esta pesquisa. Agradeço especialmente a duas pessoas que contribuíram imensamente para o meu aprimoramento intelectual: o mestre Jair Borin, que apontou os caminhos entre a prática jornalística e a reflexão na universidade, mas que, infelizmente, não pode ver esse trabalho concluído, e Adilson Citelli, meu orientador, com quem tive o prazer de aprender a pesquisar e a dedicar atenção especial ao texto. Agradeço, ainda, ao amigo Luiz Gonzaga Mineiro, meu diretor nas TVs Record e SBT, pelo constante incentivo e por ter liberado importantes momentos para esta pesquisa.

Resumo

Este trabalho busca compreender o comportamento da *Folha de S.-Paulo* em dois períodos, na cobertura da educação. Em 1973, quando o jornal implantou editoria específica para a cobertura da área, e em 2002, ocasião em que as matérias sobre o tema eram editadas no caderno Cotidiano, como ocorre ainda na atualidade. Trata-se de um comparativo, levando-se em consideração a análise de conteúdo de 62 edições da *Folha*: 31 no o ano de 1973, e outras 31 em 2002. A hipótese central partiu da premissa que a *Folha de S. Paulo* afirma em seus editoriais que está na educação a solução dos graves problemas sociais brasileiros, porém não dedica atenção à cobertura jornalística dessa temática. Além do comparativo, foram realizadas entrevistas com o propósito de analisar o comportamento editorial do jornal nos dois períodos. O estudo faz referência, ainda, às áreas da Educação e Educomunicação (novo campo de intervenção social que agrega princípios da educação e da comunicação), e pondera sobre o papel do jornal na sociedade.

Palavras-chave: Jornalismo e educação, Educomunicação, edição de jornais, papel da imprensa, Projeto Folha.

Abstract

This thesis tries to examine *Folha de S.Paulo*'s standing in two time periods with regard to the coverage of education issues. In 1973, when the Brazilian daily newspaper created a specific section to cover the area, and in 2002, when reports on the subject began to appear in the Metropolitan section, as is still the case today. A comparison was made from the analysis of 62 editions of the paper: 31 during 1973 and another 31 in 2002. Our main hypothesis derived from the premise that *Folha* advocates education as the solution to Brazil's grave social problems but fails to give the subject due coverage in its pages. Apart from comparing the two time periods, we conducted interviews with a view to analyzing the editorial patterns of the newspaper in the given periods. This work also makes reference to the areas of Education and Educommunication – a new field of social intervention which encompasses principles of education and communication – and ponders on the role of the media in society these days.

Keywords: Journalism and education, Educommunication, newspaper edition, press role, Folha Project.

Índice

Resumo 5
Abstract 6
1. Introdução 8
1.1 – O discurso sobre a educação 8
1.2 – O discurso que envolve a educação 12
1.3 – O interesse pela Folha 15
2. Metodologia 18
2.1 – Desobstruindo obstáculos 18
2.2 – Corpus da pesquisa 21
2.3 – Coleta de dados 22
3. Educação e comunicação 25
3.1 – Educação e ideologia 25
3.1.1 – Educação 26
3.3 – Políticas públicas: dívida histórica 29
3.2 – Educomunicação 32
4. Indústria jornalística e sociedade 36
4.1 – Modelo de imprensa capitalista 36
4.2 – O espetáculo como discurso 41
4.3 – O papel da imprensa 45
4.4 – O debate sobre o fim do jornal impresso 51
5. A Folha e o novo modelo 53
de fazer jornalismo 53
5.1 – Sobressaltos históricos 54
5.2 – Projeto Folha 60
6. Contexto histórico: do enfrentamento político de 1973 à globalização de 2002 67
6.1 – Configurando os anos 70 67
6.2 - Anos de Chumbo 68
6.3 – Imprensa, internet e globalização 73
7. A pesquisa 77
7.1 – Perseu Abramo: jornalismo e política 77
7.1.1 – O jornalista 79
7.1.2 – O professor 80
7.1.3 – O sindicalista 81
7.1.4 – O político 82
7.1.5 – Atenção especial aos estudantes 83
7.2 – O surgimento e a extinção da editoria de educação 84
7.3 – A setorização da cobertura de educação 89
8. Análises dos resultados 94
8.1 – Padrão de indexação 94
8.2 – Números que indicam padrão editorial 97
8.3 – Número de matérias publicadas 105
8.4 – Análise de centímetro por coluna 109
8.5 – Origens das matérias 111
8.6 – Análise da cobertura centrada no eixo SP/Brasília/Rio de Janeiro 114
8.7 – Análise da cobertura no interior de São Paulo 120
8.8 – Chamadas de primeira página 125
9. Conclusões 127
10. Bibliografia 133
Entrevistas 140
Modelo da Ficha de Pesquisa 151
Anexo I 152
Anexo II 184

1. Introdução

"Muita gente ainda vê o jornalismo como apostolado, uma missão evangélica, uma coisa quase religiosa. Mas o jornalismo é um negócio para se produzir um bem de consumo de cuja venda se espera obter lucro; é feito em escala, em quantidades de massa; e acho que essa é a característica mais marcante do jornalismo".

Carlos Eduardo Lins da Silva

1.1 – O discurso sobre a educação

Em 1994, como resultado da sua pesquisa de doutorado, a professora do Departamento de Planejamento e Administração da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), e atual conselheira da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE) do Ministério da Educação (MEC), Regina Vinhaes Gracindo, publicou o *livro O escrito, o dito e o feito – Educação e partidos políticos,* lido por este pesquisador naquele mesmo ano.

Na obra, a autora oferece uma radiografia do papel da política institucionalizada nos partidos na definição das diretrizes adotadas para a educação, com o objetivo de identificar as concepções de ensino que eles possuem. Classificado no prefácio escrito pelo professor e educador Lauro Carlos Wittmann como "de grande ossatura e que mergulha no processo de estabelecimento das diretrizes políticas e da própria legislação, identificando e ex-

plicitando o desempenho dos atores que legislam sobre educação –os partidos políticos“, o trabalho de Regina Gracindo comprova que existe um abismo entre o que está escrito nos documentos programáticos dos principais partidos brasileiros, o que dizem seus líderes, e como reflete a ação concreta parlamentar por meio da apresentação de emendas e do voto em plenário.

À época da realização da pesquisa, o Brasil tinha 41 partidos políticos registrados no Tribunal Superior Eleitoral (em 2007, são 29), mas apenas 18 fizeram parte do estudo da professora da UnB. Exatamente os que tinham representação no Congresso Nacional: PDC, PDS, PFL, PRN, PSC, PTB, PTR, PDT, PL, PMDB, PRS, PSDB, PST, PC do B, PPS, PSB, PT e PV. A pesquisadora, metodologicamente, dividiu os partidos em três grupos, assim denominados: *Invariante*, integrado historicamente por agremiações políticas conservadoras ou de direita (PDC, PDS, PFL, PRN, PSC, PTB e PTR); *Mudancista*, que agrega partidos que propõem mudanças de estratégias capitalistas, mas não estruturais (PDT, PL, PMDB, PRS, PSDB e PST); e *Transformador*, que reúne os grupos partidários que à época possuíam o marxismo como modelo de Estado e sociedade (PC do B, PPS, PSB, PT e PV).

Apesar das distintas colorações ideológicas, em resumo o trabalho indica que na maioria esmagadora das vezes, uma coisa é o que escrevem doutrinariamente os partidos, outra é o que dizem seus líderes em entrevistas e discursos, e outra, ainda muito diferente, é como votam seus parlamentares.

O registro do trabalho da professora Regina Gracindo se fez necessário para indicar o momento no qual surgiram as bases do interesse deste pesquisador em estudar o tema educação, desta vez na imprensa. Cabe salientar que a leitura da obra aconteceu quando, entre 1994 e 1999, trabalhávamos na assessoria de imprensa da Associação dos Docentes da USP

(Adusp) e percebíamos, pelo acurado acompanhamento diário dos principais periódicos brasileiros, que, de um lado, as publicações, principalmente a *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo* (ambos sediados na capital paulista), registravam em editoriais a importância da educação como fator transformador da sociedade, mas negligenciavam a cobertura em relação ao tema. Em geral ela era esporádica, superficial e oficial. Um verdadeiro contra-senso, se levarmos em consideração que assim como os partidos políticos, a imprensa também elegera a educação tema estratégico de discurso. Da leitura diária dos referidos jornais, saltava aos olhos o indicativo de que a importância atribuída à educação não se refletia na cobertura jornalística do dia-a-dia. Parecia-nos que uma coisa era dita (escrita), e outra realmente feita.

No que se refere ao discurso jornalístico, Citelli (2006:41-42) relata:

> Ao movimentar o mundo das palavras, os veículos de comunicação fazem mais do que lançar mão de um mediador técnico capaz de apresentar pensamentos ou embelezar idéias. Trata-se, antes de tudo, de criar alternativas e escolhas facultadas por este ou aquele termo, esta ou aquela maneira de elaborar o enunciado, e, por decorrência, a informação, o conhecimento, em caso limite, o saber. Parte destes procedimentos pouco afeitos à ingenuidade de identificar na palavra apenas um nomeador de coisas são estratégias de persuasão e convencimento que darão suporte à elaboração/manutenção/reformulação de entendimentos e compreensões, crenças e valores, jogos de revelação e ofuscamento de ideologias, mecanismos que acentuam ou obscurecem interesses, compromissos com grupos e classes; num termo, a inocência recebe como presente um sonoro grito de adeus.

Vieira (2000:5), ex-diretor executivo da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), afirma que são (e sempre foram) recorrentes nos editoriais da imprensa brasileira as idéias de educação para todos, de educa-

ção de qualidade para todos, e da necessidade de urgentes investimentos no aprimoramento e qualificação do professorado.

Diz o autor:

> Tais “slogans” habitam com naturalidade os últimos parágrafos dos editoriais, sejam eles exigindo combate à desigualdade ou à exploração sexual de crianças e adolescentes, à violência ou à exploração do trabalho escravo infantil, ou ainda como trilha obrigatória para o alinhamento do país entre as nações mais desenvolvidas.

Essa afirmativa pode ser comprovada no parágrafo final do editorial da *Folha de S.Paulo* de 15 de fevereiro de 2000, que trata do avanço no número de matrículas no ensino médio em 1999, e traz como título: Educação distante.

Vejamos:

> A universalização do bom ensino fundamental e médio, com a necessária formação de docentes qualificados, é ainda um desafio para o Brasil. Renunciar a ela é renunciar ao futuro.

No discurso da direção do jornal, representado no editorial, fica implícito que o desenvolvimento e a universalização da educação (o editorial refere-se ao ensino fundamental e médio) estão relacionados com a necessidade de evolução do país, rumo ao futuro.

Outro exemplo está contido no editorial da *FSP* de 31 de agosto de 2002, que analisa o resultado do censo escolar daquele ano e tem como título: Acesso ao ensino.

Diz o seguinte, o trecho que pretendemos destacar:

> Enquanto essa situação (de desigualdade) não for revertida, o Brasil estará de algum modo limitando as chances de ascensão social dos jovens de famílias mais pobres. As oportunidades não são iguais, e isso enfraquece a própria noção de democracia.

1.2 – O discurso que envolve a educação

Após a promulgação da Constituição de 1988, também chamada de Constituição Cidadã por causa dos avanços sociais que trouxe, a sociedade elegeu o tema educacional como prioritário. Principalmente durante a discussão que se seguiu, de 1989 até dezembro de 1996, quando foi aprovada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). A lei é resultado de duas propostas muito distintas. A primeira, fruto de uma série de debates abertos com a sociedade, organizados pelo Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública, e outra elaborada pelos então senadores Darcy Ribeiro, Marco Maciel e Maurício Correa, em articulação com o Poder Executivo, por meio do Ministério da Educação.

A divergência principal das propostas centrava-se no papel que o Estado deveria desempenhar em relação à educação. A dos setores organizados da sociedade civil apresentava grande preocupação com mecanismos de controle social do sistema de ensino, enquanto a dos senadores previa uma estrutura de poder mais centrada nas mãos do governo. Em que pesem algumas idéias da sociedade civil terem sido incorporadas na nova LDB, saiu-se vencedora a proposta do MEC, defendida pelos senadores.

São estas as principais características da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que ainda estão vem vigor:

– gestão democrática do ensino público e progressiva autonomia pedagógica e administrativa das unidades escolares;

– ensino fundamental obrigatório e gratuito;

– carga horária mínima de 800 horas distribuídas em 200 dias, na educação básica;

– formação de docentes para atuar na educação básica em curso de nível superior, sendo aceito para a educação infantil e as quatro primeiras séries do fundamental formação em curso Normal do ensino médio;

– a União deve gastar no mínimo 18%, e os Estados e Municípios no mínimo 25% de seus respectivos orçamentos na manutenção e desenvolvimento do ensino público.

É importante destacar, porém, que antes, até a metade da década de 1950, a educação no Brasil era, para muitos, questão meramente civilizatória, e utilizava-se largamente a expressão *progresso* para justificar avanços nas mais diversas áreas, inclusive na educação. O termo *desenvolvimento* somente passaria a ser aplicado a partir do governo Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK), entre 1956 e 1961. Juscelino estabeleceu um plano que tinha como mote principal “crescer 50 anos em cinco”. Conhecido como “Plano de Metas”, a proposta de JK era desenvolver a indústria de base, investir na construção de estradas e hidrelétricas, e aumentar a extração de petróleo. Palavra da fase “juscelinista”, *desenvolvimento* entrou definitivamente, a partir de então, no dicionário brasileiro, e foi utilizada largamente, inclusive pelo regime militar (1964/1985).

Naquela época, nos textos publicados na imprensa, a expressão ganhava contornos de cultura e preparação do país para novas formas de produção. Brandão (1981) conta que associar “educação” a “mudança”, no en-

tanto, não é novidade, tendo sido constante seu uso desde as primeiras décadas do século passado. Mas só mais tarde, a partir de 1960/70, quando políticos e cientistas começaram a chamar “mudança” de “desenvolvimento” (social, econômico, nacional, regional, de comunidades etc) foi lembrado que a educação também deveria ser a ele associada.

Ainda segundo o autor, foi o momento de importante transição. Antes de serem difundidas pelo mundo idéias de *mudança* e de necessidade de *mudança social*, a educação era pensada como algo que preserva, conserva e resguarda, justamente de se mudarem, e de se perderem, as tradições de “um povo”, “uma cultura” ou “uma civilização”.

De acordo com Brandão (1981:83):

> Antes de se inventarem políticas de desenvolvimento, a educação era prescrita como um direito da pessoa, ou como uma exigência da sociedade, mas nunca como um investimento. Um investimento como outros, como os de saúde, transporte e agricultura. A educação deixa finalmente de ser vista como um privilégio, um direito apenas, e deixa também de ser percebida como um meio apenas de adaptação da pessoa à mudança que se faz sem ela, e que apenas a afeta depois de feita.

A nova Constituição, portanto, alavancou a discussão acerca do tema, mas não só a imprensa ou os políticos se apropriaram do discurso de que a solução para todos os males da sociedade estaria na educação. A sociedade, de uma forma ampla, passou a reproduzir o discurso. Ainda hoje, em cada canto deste país, é comum ouvir-se a expressão: “Educação é tudo”. Em 2004, por exemplo, o ex-premiê espanhol Felipe González agradou uma seleta platéia de empresários brasileiros ao afirmar que “a educação é a única variável que nunca falha para o desenvolvimento de um país” (Villela, 2005).

Também estudiosos no campo do trabalho enfatizam a relação com a educação como item a ser ponderado quando se avalia o desenvolvimento do país. Pastore (1999) afirma que o ajuste das instituições trabalhistas terá de levar em conta um conjunto de fatores, dentre eles o salário, encargos sociais, produtividade e educação. Camargo (1997) ressalta que qualificação exige educação e treinamento; e essas são as principais deficiências dos trabalhadores brasileiros.

Como se percebe, cada vez mais é difundida a idéia de que a educação está na base da solução dos grandes problemas brasileiros. Conquanto seja o discurso de variados setores da sociedade, a educação vem sendo apresentada, de maneira geral, como panacéia, até mesmo por programas de televisão. Tomemos como exemplo a vinheta da TV Globo, que diz: "Educação é tudo".

1.3 – O interesse pela *Folha*

Uma vez identificado o interesse geral em debater as questões ligadas à educação, e diante da hipótese de a imprensa adotar discurso diferente da prática no que diz respeito à cobertura da temática, era chegado o momento deste pesquisador definir o veículo de imprensa com o qual iria trabalhar. Optamos pelo jornal *Folha de S.Paulo*, que também chamaremos de *Folha e FSP.* O fizemos porque pesquisa aplicada entre o final de 1996 e meados de 1997, em 269 professores, em sua maioria das redes públicas estadual e municipal de São Paulo, e que teve seu resultado divulgado no livro *Comunicação e Educação – A Linguagem em Movimento* (2002)[1], trouxe dados reveladores sobre o hábito de leitura dessa categoria profissional, o que nos fez refletir ainda mais a respeito da maneira como o sistema educacional é tratado pela imprensa. O estudo indica que 91,45% dos professores pesquisados lêem jornais, 39,78% o fazem diariamente, e 59,48% lêem a *FSP.*

[1] Citelli, Adilson. Editora Senac.

Além disso, pesquisa da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI)[2], realizada nos anos de 1997 e 1998, constata que dos quatro principais jornais brasileiros de circulação nacional, a *Folha* publicou o maior número de matérias sobre educação naquele período: 275 reportagens, o que significou 46,4% do total da amostra. O segundo jornal em número de matérias veiculadas foi *O Estado de S.Paulo,* com 134 (22.6%); o terceiro, *O Globo,* com 120 reportagens (20.2%); e o quarto*, Jornal do Brasil*, com 64 reportagens (10.8%).

Apesar do aparente interesse dos jornais pela cobertura da área educacional, uma segunda pesquisa da ANDI[3], realizada em 2004, com 5.362 textos publicados por 57 jornais brasileiros, mostra que um dos principais desafios da mídia impressa é conseguir problematizar o tema simultaneamente a outras discussões da agenda pública.

No resumo executivo da pesquisa ANDI (2005:11) essa deficiência da imprensa ficou explicita:

> De modo geral, o que se percebe é que a cobertura de educação não é abrangente no sentido de realizar amplas conexões com outras temáticas e que também apresenta dificuldades em inovar e ampliar a reflexão dentro do próprio universo educacional... É a educação que se dá em espaços formais que se destaca na imprensa. Assuntos que vão além disso e das questões institucionais envolvendo os diferentes atores da educação acabam por contar com um reduzido espaço nas páginas dos jornais.

---

[2] Divulgada na publicação *Mídia & Educação – Perspectivas para a qualidade da informação*, 2000.
[3] *A educação na imprensa brasileira – Responsabilidade e qualidade da informação*, 2005. Disponível no site www. Andi.org

Antes de passarmos ao próximo capítulo, no qual explicitaremos a metodologia, gostaríamos de realçar que o nosso trabalho não se propõe fazer uma leitura histórica da *Folha de S.Paulo*. Ele busca avaliar compromissos e interesses envolvidos na produção do jornal em dois momentos distintos da história brasileira (1973 e 2002), e avaliar se existiram mudanças na cobertura da educação nos períodos indicados. Vamos, porém, nos valer da "história" registrada nas páginas da *FSP* para desenvolver a nossa pesquisa.

2. Metodologia

"Uma das tarefas de uma sociedade racionalmente organizada consiste em descobrir e controlar quaisquer fatores que intervenham na eficiência da comunicação".

Harold D. Lasswell

2.1 – Desobstruindo obstáculos

Neste capítulo, pretendemos mostrar os caminhos metodológicos adotados para a realização da pesquisa, além de tornar claras as opções sobre o tema e a coleta de dados. A metodologia, diz Lopes (2003:93), é investigação específica e constitui-se metateoria ou metaciência, de acordo com a definição de Kaplan, que a emprega para indicar o estudo – descrição, explicação e justificação – dos métodos e não os próprios métodos. Método será entendido na pesquisa, portanto, como um conjunto de decisões e opções particulares feitas ao longo do processo de investigação.

Para Lopes (2003:94),

> O campo de pesquisa é o lugar da prática e da elaboração dos objetos do conhecimento científico, da sua construção sistemática e da fundamentação empírica dos fatos com que lida. É o lugar efetivo do trabalho dos pesquisadores, dinâmico e dialético, no qual se elabora uma prática científica... Nas palavras de Pierce, a metodologia auxilia a desobstruir as vias de investigação dos obstáculos que esta encontra.

Diante do exposto, a nossa proposta foi realizar um estudo da comparação do volume de matérias publicadas sobre educação nos anos de 1973 e de 2002, na *Folha de S.Paulo,* identificando as principais fontes utilizadas nas reportagens e os locais de origem das matérias. Trata-se, empiricamente, de explicar o comportamento do jornal ao cobrir o tema quando da criação da editoria de Educação, em 1973, e 29 anos depois, quando foi lançado o caderno *Sinapse*[4]*.* Além disso, o trabalho se estrutura na interação da mídia com a educação e com o uso do jornal na sala de aula.

Para chegar aos objetivos a que o trabalho se propõe, o percurso metodológico foi dividido nas seguintes etapas:

A quantificação levou em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento. É o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem. Trata-se de levantar tais dados e agrupá-los visando à sua quantificação e transformação em indicadores e estes em variáveis e fatores mensuráveis, conforme sugere Laurence Bardin (1977).

---

[4] O Sinapse, publicação mensal da *Folha*, circulou pela primeira vez dia 23 de julho de 2002. Teve vida curta: apenas 41 edições. Ao retirar a publicação de circulação, dia 29 de novembro de 2005, o jornal reafirmou o princípio de mercado como justificativa. Alegou restrições econômicas, de equipe, e mostrou que a taxa de leitura do caderno não era alta (56%). Veja análise do *ombudsman* Marcelo Beraba na edição da *FSP* de 4/12/2005.

Nesta etapa, que Lopes (2003:129-130) classifica de Técnica de Seleção, adotamos a coleta envolvendo três operações de transformações técnicas:

1) Por meio da quantificação, as informações foram transformadas em indicadores empíricos e estes em variáveis e fatores mensuráveis;
2) A partir da codificação, os traços significativos do objeto foram reunidos em categorias; e
3) Pela descrição, os fenômenos concretos foram organizados em tipos empíricos.

A pesquisa que nos permite estabelecer parâmetros matemáticos e estatísticos para a averiguação da hipótese central de que a imprensa afirma uma coisa nos editoriais sobre a importância da educação e adota postura diferente quando realiza a cobertura jornalística da área, foi aplicada no jornal *Folha de S. Paulo* pelos motivos mencionados no capítulo anterior.

2.2 – *Corpus* da pesquisa

Escolhemos o ano de 1973 porque marca o período da implantação da Seção de Educação na *FSP,* o que significou a delimitação de um espaço físico específico dentro do jornal para a publicação de matérias da área de educação. E estabeleceu-se o ano de 2002 como parâmetro de comparação em decorrência do lançamento do Caderno *Sinapse*, encarte mensal da *Folha* destinado a abrir espaço ao debate sobre educação, conforme explicitado em sua primeira edição, que circulou no dia 23 de julho daquele ano. Porém, a pesquisa não terá parâmetro no caderno *Sinapse*, mas na edição diária da *Folha*. Também não foram incluídos eventuais cadernos especiais publicados pela *Folha*, a exemplo do *Fovest*. Metodologicamente adotamos um mesmo parâmetro, que permite comparar os dois períodos sem correr o risco de distorções. O caderno *Sinapse* é citado para demarcar momento meramente histórico do jornal.

Para a análise, foi definido o *corpus* da pesquisa (reportagens publicadas em 1973 e em 2002) identificado pela metodologia de um mês composto para cada um dos anos. Ou seja: 31 dias para o ano de 1973 e outros 31 dias para o ano de 2002, totalizando a análise 62 edições. A utilização desse procedimento em pesquisa dessa natureza, encontra respaldo em vários autores, entre eles Hansen, A., conforme atesta o Núcleo de Estudos sobre a Mídia e Política, do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (NENP-CEAM), no livro *Mídia e Educação – Perspectivas para a qualidade da Informação (2000)*. Além disso, estão consideradas nesse *corpus* a *representatividade*, a *exaustividade* e a *homogeneidade*, segundo estabelecido por Greimas (1966:143).

O *corpus* é formado por 483 textos publicados pela *Folha de S.Paulo* em dias escolhidos em sorteio para os 12 meses do ano, conforme representados nas tabelas 1 e 2:

Tabela 1: ano de 1973

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
05/01	09/02	01/03	07/04	04/05	16/06	21/07	22/08	02/09	06/10	08/11	10/12
12/01	14/02	17/03	13/04	11/05	26/06	29/07	25/08	03/09	23/10	20/11	18/12
			28/04	19/05			27/08	15/09	24/10		
			30/04						31/10		
2 dias	**2 dias**	**2 dias**	**4 dias**	**3 dias**	**2 dias**	**2 dias**	**3 dias**	**3 dias**	**4 dias**	**2 dias**	**2 dias**

Tabela 2: ano de 2002

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
08/01	15/02	01/03	22/04	05/05	04/06	11/07	02/08	03/09	07/10	13/11	18/12
09/01	20/02	10/03		17/05	16/06	14/07	12/08	06/09	30/10	23/11	24/12
		19/03		21/05		25/07	31/08	29/09		26/11	
		28/03		27/05							
2 dias	**2 dias**	**4 dias**	**1dia**	**4 dias**	**2 dias**	**3 dias**	**3 dias**	**3 dias**	**2 dias**	**3 dias**	**2 dias**

2.3 – Coleta de dados

A codificação considerou os traços mais significativos do objeto e estes foram reunidos em categorias, segundo dados coletados e transcritos em Ficha de Pesquisa aplicada a cada uma das matérias identificadas nas edições pesquisadas. O trabalho de campo foi realizado inteiramente no Sistema de Arquivo do governo do Estado de São Paulo, na edição *standard* da *FSP,* e visava apurar:

A) Quantificação: Total de centímetros de texto por coluna em cada uma das reportagens;

B) Fonte de informação: Ministro - Educador - Pesquisador - Técnico - Dirigente sindical - Outros;

C) Origem da reportagem;

D) Setor de atuação: Privado – Público;

E) Tema abordado (nível de ensino):

1) Educação infantil

2) Ensino fundamental (antigo I Grau)

3) Ensino médio (antigo II Grau)

4) Ensino superior.

A partir das informações constantes das Fichas de Pesquisas foram produzidos gráficos e tabulações que indicam campos de sentido. Ao todo foram analisadas 483 matérias, como dito anteriormente: 415 relativas ao ano de 1973 (Anexo I) e 68 ao ano de 2002 (Anexo II). Cinqüenta matérias de educação encontradas na *Folha Campinas*, *Folha Vale* (São José dos Campos) e *Folha Ribeirão* (Ribeirão Pedro) foram descartadas da pesquisa do ano de 2002, porque estavam inseridas em cadernos regionais e poderiam ensejar desvios no resultado final do comparativo com o ano de 1973. Segundo Lins da Silva (2005:19), os cadernos regionais da *Folha* surgiram em meados da década de 1990, na mesma linha do que vinham fazendo diversos jornais americanos, como uma das fórmulas para tentar reverter o declínio de circulação paga que se acentuava já naquele tempo nos EUA.

Durante a fase de interpretação dos dados buscamos mostrar as estatísticas não só para indicar quantificações, mas principalmente a fim de procurar entender como se dava a política editorial do jornal em relação ao

tema pesquisado nos períodos de 1973 e de 2002. Entendemos, assim como Borin (1987:121), que os frios dados das pesquisas só ganham importância quando seus resultados possibilitam o entendimento do fenômeno social nos seus aspectos mais intrínsecos. “Os resultados da pesquisa são pertinentes quando se entrosam numa relação de causa e efeito de modo a contemplar todas as angulações possíveis do fenômeno observado”, afirma o professor.

As entrevistas feitas com jornalistas que trabalharam na *Folha* e com o diretor de redação daquele periódico, seguiram o modelo “semi-estruturadas”, padrão explicitado por Thiollent (1980). Elas tiveram como objetivo identificar a massa crítica dos envolvidos na produção das matérias sobre educação. Thiollent (1980:32) diz que o questionário, concebido num modelo de observação direta ou de questionamento, conterá uma lista de perguntas cuja temática corresponde, em princípio, a uma “tradução” das hipóteses de pesquisa sob forma interrogativa.

É importante destacar, como assinalados nos próximos capítulos, que a pesquisa no jornal *Folha de S.Paulo* foi realizada em dois períodos. No primeiro deles, 1973, o país vivia o auge da ditadura militar que cerceava e ameaçava toda a sociedade brasileira, inclusive a imprensa. No livro *A censura política brasileira 1968-1978* (1980), Paolo Marconi descreve de que maneira os representantes do Golpe de 1964 operacionalizavam a censura à imprensa, buscando controlar a opinião de jornais e de jornalistas. Mas, paradoxalmente, a *Folha* implantou eficiente cobertura de educação. O segundo período (2002), em contraposição histórica, está inserido num mundo globalizado e de amplas liberdades democráticas no país, como veremos mais adiante.

3. Educação e comunicação

"Especificamente humana, a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos".

Paulo Freire

3.1 – Educação e ideologia

Não vamos nos aprofundar nos princípios da educação do Brasil, porque este não é o foco do nosso trabalho e porque inúmeros trabalhos acadêmicos já trataram desta questão. Neste capítulo nos interessa repassar alguns conceitos de educação e registrar o surgimento no país da Educomunicação, novo campo de intervenção social que agrega princípios da educação e da comunicação para desenvolver formas de pensar e agir na sociedade moderna. Além disso, nosso estudo está inserido na linha de pesquisa educacional da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, que vem aprofundado analises sobre a Educomunicação.

3.1.1 – Educação

Do ponto de vista conceitual, a educação vai muito além dos bancos escolares. Em seus textos, Paulo Freire defende que a pedagogia deve ser conscientizadora e atuar como força de mudança e libertação. Ela se dá ao longo da vida e, portanto, não se limita à escola. Considerado um dos mais importantes educadores brasileiros, o autor deixou vasta obra, mas foi no livro *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa* (1997) que impregnou de conceitos professores comprometidos com a transformação da educação, e mostrou que não há docência sem discência, e que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, criticidade, risco e aceitação do novo, reflexão crítica sobre a prática e requer, dentre outras coisas, reconhecer que a educação é ideológica.

Para ele, a educação não pode ser apenas "o ato de depositar", no qual os alunos são os depósitos e o professor aquele que deposita. Essa é a concepção da "educação bancária", que tão bem teve seu conceito desenvolvido na obra *Conscientização – Teoria e prática da libertação*. Diz Paulo Freire (1979:79-80): a "educação bancária" mantém e reforça as contradições através das práticas que refletem a sociedade opressora em seu conjunto:

a) o professor ensina, os alunos são ensinados;

b) o professor sabe tudo, os alunos nada sabem;

c) o professor pensa para si e para os estudantes;

d) o professor fala e os alunos escutam;

e) o professor estabelece a disciplina e os alunos são disciplinados;

f) o professor escolhe, impõe sua opção, os alunos submetem-se;

g) o professor atua e os alunos têm a ilusão de atuar graças à ação do professor;

h) o professor escolhe o conteúdo do programa e os alunos – que não foram consultados – adaptam-se;

i) o professor confunde a autoridade do conhecimento com sua própria autoridade profissional, que ele opõe à liberdade dos alunos;

j) o professor é sujeito do processo de formação enquanto que os alunos são simples objetos dele.

Ao se referir a Paulo Freire, Brandão (1981) afirma que "reinventar a educação" sempre foi uma expressão muito cara ao educador e aos seus companheiros que atuaram no Instituto de Desenvolvimento e Ação Cultural. O mais importante na palavra "reinventar", segundo o autor, é a idéia de que a educação é invenção humana e, se em algum lugar foi feita de um modo, pode ser mais adiante refeita, diferente, diverso, até oposta.

Para Brandão (1981:100):

> Muitas vezes um dos esforços mais persistentes em Paulo Freire é um dos menos lembrados. Ao fazer a crítica da educação capitalista, que ora chamou também de "educação bancária", ora de "educação do opressor", ele sempre quis desarmá-la da idéia de que ela é maior do que o homem. De que as pessoas são um produto da educação, sem que ela mesma seja uma invenção das pessoas, em suas culturas, vivendo as suas vidas.

O autor recorre ainda a Paulo Freire ao dizer ser estreita a visão de que a educação se confunde com escolarização, e só se encontra no "formal", "oficial", "programado", "técnico" e "tecnocrático". Não há uma forma única nem um único modelo de educação, afirma Brandão (1981:9). "A escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensi-

no escolar não é a única prática e o professor profissional não é seu único praticante", diz o autor.

Durkheim (1976:34-35), em um de seus textos clássicos, *A educação como processo socializador: função homogeinizadora e função diferenciadora* também reflete a respeito do papel clássico da educação e pergunta se esta palavra não tem sido, muitas vezes, empregada em sentido demasiadamente amplo, para designar o conjunto de influências que, sobre a nossa inteligência ou sobre a nossa vontade, exercem os outros homens. Durkheim recorre ainda a Kant, para quem "o fim da educação é desenvolver, em cada indivíduo, toda a perfeição de que ele seja capaz" .

Analisada sob esta ótica, não há como escapar da educação no processo de inserção social de um indivíduo, seja formal ou extra muros escolares. Conforme Brandão (1981:7), está em casa, na rua, igreja ou escola, de um modo ou de muitos, todos envolvemos pedaços da vida com ela para aprender, ensinar e aprender-e-ensinar. Para saber, fazer, ser ou conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

E é exatamente no entendimento deste conceito de educação que o jornal pode desempenhar papel de fundamental importância à sociedade. Ao apresentar o panorama geral da *Educação na mídia brasileira – Responsabilidade e qualidade da informação* (ANDI, 2005:16), os pesquisadores envolvidos com o projeto que busca identificar quem deve ser responsável pelo amplo universo das políticas educacionais, apregoam que neste início de século, a educação deve ser pensada como um processo que se dá durante da vida, não estando limitado, portanto, ao tempo que se passa na escola, na sala de aula. Essa perspectiva implica formar indivíduos autônomos e críticos capazes de construir saberes ao longo da existência, inclusive através da leitura de jornais. Não basta assimilar conteúdos curriculares e dominar

técnicas. É necessário que se invista no desenvolvimento do potencial individual, de modo a habilitar as pessoas para o renovado e ativo papel de cidadania.

3.3 – Políticas públicas: dívida histórica

A educação, porém, é muito mais que a representação feita pelos jornais. Sua relevância está explicitada na Constituição Federal de 1988, no seu Artigo 212, que estabelece que a União aplicará, anualmente, nunca menos de 18% da receita resultante da arrecadação de impostos, compreendida e proveniente de transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino; os Estados, Distrito Federal e Municípios aplicarão 25%.

Apesar da exigência de mais investimentos ter contribuído para algumas melhorias na educação após 1988, principalmente no que se refere ao ingresso das crianças no ensino fundamental, ainda não foi suficiente para resgatar uma dívida histórica com a alfabetização de adultos, a evasão escolar, o ingresso num curso superior e a valorização dos profissionais da área.

O *Relatório Global de Monitoramento: Educação para Todos*[5], divulgado na primeira semana de novembro de 2005 pela Unesco, e que avalia o desempenho de 121 países, coloca o Brasil no 71° lugar no *ranking* de desenvolvimento da educação no mundo. É constrangedor o Brasil estar atrás de países vizinhos como Argentina (27°), Chile (41°) e Uruguai (50°). O quadro fica ainda pior quando considerado o número de crianças que conseguem alcançar a quinta série do ensino fundamental. Nesse quesito, o Brasil vai para o 83° lugar, próximo de países como Zâmbia e Senegal

[5] O relatório completo está disponível no site www.unesco.org.br

O estudo da Unesco constrói o *ranking* com base no Índice de Desenvolvimento Educacional (IDE), fórmula que soma vários dados diferenciadamente: matrícula na escola primária, qualidade da educação ministrada, evasão e repetência. O baixo número de horas que as crianças passam na escola e o alto índice de repetência são os dois casos mais problemáticos do desempenho brasileiro, de acordo com o relatório da Unesco.

Segundo Malta Campos (2000:17),

> Durante décadas, talvez durante toda a nossa história, a área da educação foi totalmente destituída de prestígio. A educação até dez anos atrás era um assunto quase invisível, de pouca importância. Como carreira, dizia-se que era de "espera marido", seguida por aquelas moças que conseguem menos ponto na Fuvest, ou por aquelas que fogem da matemática no curso normal, profissão escolhida por mulheres que ganham menos e compatibilizam o trabalho com o casamento. Esse estereótipo também existe em outros países, mas é mais profundo no Brasil. Isso criou uma série de vícios. Consolidou-se um campo profissional mal pago, desprestigiado, segregado, atrasado em relação a áreas como sociologia ou psicologia.

A Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios do IBGE relativa a 2005, divulgada em parte pela revista *Veja* (edição 1976), também mostra distorções que se explicam por causa do baixo volume de investimento público na educação, principalmente no ensino fundamental e médio. Segundo a pesquisa, 58% dos alunos ricos (cuja família tem renda média de R$ 15 mil/mês) estudam de graça nas universidades públicas brasileiras, enquanto 66% dos alunos considerados pobres pagam para estudar em universidades particulares.

Relata ainda a matéria que estudo conduzido pelo professor João Batista de Oliveira, que tomou como base a Prova Brasil (exame nacional apli-

cado às turmas de 4ª e 8ª séries do ensino fundamental), indica que os estudantes de escolas públicas apresentam atraso de quatro anos nos conteúdos exigidos para a série em que estão matriculados. “Só um milagre os faria passar num vestibular concorrido”, diz o professor à revista.

Mesmo diante deste quadro, a reportagem da *Veja* (2006) encontrou uma ilha de excelência na rede pública, que se estivesse implantada em todo o país tiraria o Brasil da posição vexatória que se encontra no *ranking* da Unesco, relativo à educação.

Vejamos o que é retratado na matéria:

> Um bom exemplo vem do CIEP Guiomar Gonçalves Neves, em Trajano de Morais, município a 250 quilômetros do Rio de Janeiro. Das 41 mil escolas avaliadas na Prova Brasil, foi a que recebeu a melhor nota em português e ficou em segundo lugar em matemática. Não há nada de glamouroso nessa escola do interior. Os pais dos estudantes vivem com um salário mínimo por mês e não tiveram chance de completar os estudos. Suas paredes carecem de pintura e há vazamentos nos banheiros. O que a faz sobressair é a fórmula simples, baseada num tripé de comprovada eficiência acadêmica. Primeiro, ela oferece uma jornada de estudos esticada, de oito horas – o dobro da média nacional. No tempo extra, os estudantes recebem aulas de reforço e os professores corrigem as lições. Outro fato que ajuda a desvendar o sucesso dessa escola de interior são seus esforços para aumentar a participação dos pais na vida escolar. A direção promove festas e reuniões pedagógicas. Os professores estão visivelmente envolvidos com o projeto educacional. Quase todos decidiram cursar uma universidade.

Principal projeto de Leonel de Moura Brizola em dois mandatos como governador do Estado do Rio de Janeiro (1982/1986 e 1990/1996), os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) foram idealizados pedagógica e organizacionalmente pelo educador Darcy Ribeiro como forma de, com o auxílio da educação, tirar as crianças da rua durante o dia. Oscar Niemeyer

participou da concepção arquitetônica, que previa, além dos espaços específicos de salas de aulas, áreas de convivência e de práticas esportivas, restaurante, biblioteca e alojamento.

Durante os dois governos de Leonel Brizola no Rio de Janeiro foram construídos cerca de 500 CIEPs. O modelo pedagógico foi abandonado na última década e meia, e grande parte deles passou a funcionar como escola de meio turno. As que resistem, como a Guiomar Gonçalves Neves, são exceção no sistema educacional fluminense.

3.2 – Educomunicação

Uma vez relatados os principais problemas da educação no Brasil, é necessário estabelecer, neste momento, o marco da junção dos campos Comunicação e Educação no país, como forma de explicitar o papel do jornal nesta pesquisa, bem como ressaltar que Mário Kaplun (1985) foi o primeiro a utilizar o termo Educomunicação. Porém, o seu conceito restringia-se às atividades específicas de educação para a recepção crítica dos meios. O termo recebeu uma re-significação, dada pelo professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Ismar de Oliveira Soares, e passou a nomear um novo campo de intervenção social e de atuação profissional (MEC, 2000).

Conforme atesta Citelli[6], o Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da USP (NCE) e a revista *Comunicação & Educação*, publicação do Departamento de Comunicações e Artes daquela escola, têm desempenhado papel fundamental na discussão, implantação e difusão do conceito de Educomunicação.

---

[6] *Reflexões sobre uma pesquisa envolvendo formação de professores*. XXVII Intercom, 2004.

É importante ressaltar também que a década de 1990 foi marcada por contribuições sobre a inter-relação Comunicação/Educação. Em 1996, na ECA-USP foi fundado o NCE, integrado por professores que trabalham com Comunicação e Educação, cuja proposta é a busca de caminhos para uma maior e mais eficaz integração da Comunicação nos espaços educativos, de acordo com Silva Filho (2004).

Em 1997 e 1998, o NCE, em parceria com a Universidade de Salvador (Bahia), desenvolveu a pesquisa *Comunicação e Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. Com especialistas de 12 países da América Latina e da Península Ibérica, os pesquisadores constataram que, de fato, um novo campo de intervenção social, com estrutura e atividades próprias, estava se formando. Essa pesquisa marcou o início da sistematização no âmbito da Educomunicação, procurando definir sua metodologia e estrutura.

O objetivo central do trabalho era descobrir se a inter-relação Comunicação e Educação já havia se firmado como novo campo de intervenção social e não apenas disciplina na grade escolar. Os pesquisadores constataram que tal inter-relação existe e se estrutura de modo processual, mediático, transdisciplinar e interdiscursivo, ajudando a pensar o sistema comunicativo.

O professor Soares (2001) mostra que, quando se trata de espaços educativos, também está se falando da mídia como formadora de opinião e principal emissora dos contratos de leitura, da relação interdiscursiva da mediação-recepção do mundo contemporâneo, e não apenas de escolas no sentido tradicional do termo.

Nesse aspecto, todo o processo midiático ganha importância educacional. Baccega (2000), por exemplo, diz que os meios de comunicação são educadores privilegiados, visto que contribuem para a construção da cidadania, seja através do jornal, TV, rádio ou internet. Para Braga; Calazans (2001), o jornal, ao lado das bibliotecas, dos museus e dos bancos de dados, é visto como uma das disponibilidades paraeducacionais na sustentação de necessidades de informação e aprendizagem da sociedade.

Desde a configuração do novo campo abrangendo a Comunicação e a Educação, vários estudiosos têm se dedicado a pesquisar a relação da mídia com a educação. Mas a professora da Unesp, *Campus* de Marília (SP), Alice Faria, é uma das pessoas que mais têm se aprofundado na análise do papel que o jornal exerce em sala de aula. As duas principais obras de Alice Faria sobre o assunto[7] mostram como ler de maneira crítica todas as partes do jornal; das manchetes aos suplementos; da economia à cultura e da política ao cotidiano. De acordo com a professora, a utilização do jornal auxilia a aquisição da linguagem, a ampliação do vocabulário, a capacidade de analisar discursos e colabora na inserção do aluno como cidadão. Levar jornais/revistas para a sala de aula é trazer o mundo para dentro da escola**.** Ainda segundo a pesquisadora**,** por apresentar um conjunto dos mais variados conteúdos, o jornal preenche plenamente seu papel de objeto de comunicação, transformando-se em uma ponte entre os conteúdos teóricos dos programas escolares e a realidade.

Segundo a autora (1996:12), para os alunos o jornal:

1) É o mediador entre a escola e o mundo;

[7] Ver: *Como usar o jornal na sala de aula* (1996) e *O jornal na sala de aula* (2004), ambos da Editora Contexto.

2) Ajuda a relacionar seus conhecimentos prévios e sua experiência pessoal de vida com as notícias;

3) Leva-os a formar novos conceitos e adquirir conhecimentos a partir de sua leitura;

4) Ensina-os a aprender a pensar de modo crítico sobre o que lêem;

5) Estabelece novos objetivos de leitura.

Para os professores, segundo a mesma autora, o jornal é excelente material pedagógico, sempre atualizado, desafiando-os a encontrar o melhor caminho didático para usar esse material na sala de aula.

Entretanto, Faria alerta seus leitores que os jornalistas selecionam os dados, recortam os fatos de um contexto e os reconstroem em outro: o das páginas do jornal ou transmissões de rádio e TV. Baseada nessa premissa, a autora refere-se ao professor Ciro Marcondes Filho, que afirma não ser o jornalismo neutro e nem objetivo. Sobre o modelo de jornalismo praticado no Brasil, iremos discorrer no capítulo seguinte.

4. Indústria jornalística e sociedade

"Já um escritor referiu à imprensa aquele conceito de Esopo sobre a palavra: dela se pode dizer todo o bem e todo o mal. Serve de respiradouro às mais baixas paixões humanas; usam-na como instrumento de luta os mais puros idealistas. A humanidade não a estima e teme-a exageradamente. Há mais memória dos seus defeitos, que de sua qualidades, dos seus malefícios que do bem que produz. Recorda-se a calúnia que disseminou, ou criou, mas não se fala da reputação feita, ou na justiça que provocou. Comenta-se o erro que traz, mas esquece-se o acerto constante. É porque o público, como escreve Dalafosse, sente mais suas vilezas do que seus benefícios".

Barbosa Lima Sobrinho

4.1 – Modelo de imprensa capitalista

A partir da invenção da prensa e dos tipos móveis, em 1447, por Johan Gutenberg, surgiu a era do jornal moderno. Antes, as civilizações utilizavam expedientes de baixíssima tiragem para se comunicar através da escrita. A *Acta Diurna*, implantada por Júlio César em Roma, cerca de 59 anos a.C., é considerada por muitos historiadores o mais antigo "jornal". Tratava-se de textos inseridos em placas expostas em lugares públicos de grandes cidades. Mais tarde, no século VIII, em Pequim (China), surgiram boletins escritos à mão, também de tiragem reduzida. O invento de Gutenberg foi um marco, pois a partir da sua utilização começaram a aparecer publicações com tiragens muito superiores às obtidas até então, chegando atualmente a milhões de exemplares, a exemplo do diário japonês *Yomiuri Shimbun:* 14.246.000[8]

De acordo com Ribeiro (1994), embora amplamente utilizada na edição de livros, a tipologia de Gutenberg foi empregada tardiamente para pro-

[8] Tabela dos 100 maiores jornais do mundo e suas respectivas tiragens está disponível no site www.anj.org.br

duzir gazetas, porque a instalação de oficinas tipográficas era dispendiosa e sua produção censurada. Segundo histórico da Associação Nacional de Jornais (ANJ)[9], na primeira metade do século XVII os jornais surgiram efetivamente como periódicos, produtos de países da Europa Ocidental, como a Alemanha (que publicou o *Avisa Relation oder Zeitung* em 1609), a Bélgica (o *Nieuwe Tijdingen* em 1616), a Inglaterra (o *London Gazette* em 1665) e a França (o *Gazette de France* em 1631).

O jornal, tal como o conhecemos na atualidade, nasceu na França, quando o jornalista Théophraste Renaudot fundou o *Gazette de France.* Pela primeira vez se assinalava claramente a questão da neutralidade e objetividade da informação jornalística. Renaudot pretendia comunicar os fatos, despojados de conotações afetivas, evoluindo para uma “exposição seca”.

Nos séculos que se seguiram, e até a metade do século XIX, o jornalismo europeu, conforme relata Ribeiro (1994), era, sobretudo, veículo de opinião ainda com tiragem irrisória.

No Brasil, relata o autor:

> Grandes distâncias, população dispersa e inculta, e uma economia voltada para a metrópole dificultavam a difusão de informações. Nos séculos XVI e XVII, a correspondência era trazida de Portugal de maneira informal e intermitente por viajantes, marinheiros, jesuítas e, do interior do território, por condutores de tropas e escravos... Exemplo maior do protojornalismo no Brasil é do baiano Gregório de Matos, cuja obra Ronald de Carvalho considera "o nosso primeiro jornal”, onde estão registrados os escândalos miúdos e grandes da época, os roubos, os crimes, os adultérios e até as procissões, os aniversários e os nascimentos (1994:20-21)

[9] www.anj.org.br

Segundo Ribeiro, trechos dos sermões do padre Antônio Vieira também são considerados com teor jornalístico. Textos panfletários foram usados na Revolução dos Alfaiates (Bahia, 1798) e na Inconfidência Mineira, com as *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga. No Brasil do século XVIII, surgiram inúmeros jornais, que chegavam a circular três vezes por semana, como a *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808). Em junho de 1808, pouco antes da *Gazeta*, foi lançado o *Correio Braziliense* ou *Armazém Literário*, considerado o primeiro jornal brasileiro. Também nesse século surgiram *Diário do Rio de Janeiro* (1822), *Sentinela* (1823), *Diário de Pernambuco* (1823), dentre outros.

O modelo do jornalismo atual tem suas raízes no século XIX, quando se verificou o desenvolvimento do primeiro *mass media*, a imprensa. De acordo com Traquina (2005:34), a vertiginosa expansão dos jornais permitiu a criação de empregos; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a atividade que ganhou novo objetivo: fornecer informação e não apenas opinião ou propaganda. A partir desse paradigma floresceram valores ainda identificados nos dias de hoje para definir o conceito de jornalismo: a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade e uma noção de serviço ao público.

Nos primórdios do século XIX, no entanto, a imprensa dominante era a opinativa, ideológica ou partidária. Os movimentos políticos-ideológicos podem ter contribuído para a politização da leitura e o surgimento do gênero opinativo. Porém, nos conta Pedro Sousa (2005:17), as circunstâncias históricas alteraram-se por causa do telégrafo e da expansão da linha férrea, e com os novos inventos aumenta não só a capacidade de circulação e difusão de jornais, como também o volume de informação disponível, passível de ser usada para a produção de notícias.

Assim, diz o autor, só por volta dos anos 30 do século XIX, começam a aparecer nos Estados Unidos alguns jornais menos opinativos e mais factuais e noticiosos. As notícias deixam de se circunscrever ao mundo da política, da economia e da guerra, e tornam-se dominantes, substituindo os artigos. Procurava-se fazer com que um grande número de pessoas pudesse entender as notícias com facilidade.

Pedro Sousa (2005:18) salienta que outros fatores contribuíram para o sucesso dessa transformação jornalística:

- A alfabetização;
- A concentração das pessoas em cidades, urbanização e urbanidade;
- O aumento do poder de compra;
- O aparecimento de empresas jornalísticas voltadas ao lucro e não à arregimentarão de partidários;
- Novos valores e novas formas de vida despertaram a atenção para o esporte, viagens etc;
- Os processos tecnológicos (rotativa, linotipia etc) permitem o aumento das tiragens dos jornais e o decréscimo dos custos de produção.

Em meados do século XIX, segundo histórico da ANJ, os jornais já haviam se tornado o principal veículo de divulgação e recebimento de informações. De 1890 a 1920, William Randolph Hearst (*New York Journal*) e Joseph Pulitzer *(New York Word)* construíram impérios editoriais nos EUA. Ambos tinham enorme influência na indústria jornalística e eram famosos pela maneira como exerciam o seu poder. No Brasil, também nesse período, os jornais começavam a se expandir, a exemplo de *O Globo*, *O Estado de S.Paulo* e a *Folha da Noite (*hoje *Folha de S.Paulo).*

No final do mesmo século XIX, ainda nos Estados Unidos, a maneira de produzir jornal sofreria uma mudança que a acompanharia até os dias atuais: os conteúdos passaram a corresponder ao interesse do leitor aos

quais eles se destinam. Surgia a geração da *penny press.* Como o nome indica, custava um *penny* o exemplar, acessível à maioria da população. Os donos das publicações tinham o interesse imediato de obter lucro, quer com as vendas, quer com a inclusão de anúncios publicitários. O jornalismo, afirma Pedro Sousa (2005:20), tornou-se mais noticioso. Seleção e síntese da informação e linguagem factual impuseram-se como fatores cruciais da narrativa jornalística, que posteriormente foram transmitidas de geração a geração de jornalistas, configurando-se como traços da cultura profissional.

Além da linguagem acessível, clara, concisa, direta, simples e precisa, Joseph Pulitzer introduziu no jornal *The Word* grafismo inovador e as manchetes. Em relação ao conteúdo, Pulitzer estimulou a abordagem das histórias pelo ângulo do interesse humano e a publicação de ilustrações. Essa política editorial buscava aumentar a proximidade com o interesse dos leitores.

O espaço conquistado pelo rádio no cenário da mídia a partir da década de 1920, pela televisão depois de 1950, e pela internet após 1990, contribuiu para que o mundo moderno conhecesse novas maneiras de produzir e distribuir a informação pelos mais variados meios de comunicação. Acentua-se também o conceito capitalista de que os jornais deveriam ser encarados como negócio e, portanto, obter lucros.

Kucinski (2004:79) afirma que desde o invento de Johan Gutenberg, a imprensa tornou-se capitalista: a notícia passou a ser vendida como mercadoria, primeiramente para uma nova classe de burgueses comerciantes e posteriormente para a massa de pessoas comuns. Produzido por uma indústria cada vez mais intensiva em capital, os jornais impressos já apresentaram tiragens crescentes, vendidos a preços unitários baixíssimos.

4.2 – O espetáculo como discurso

Ao longo da história do jornal, podem ser observadas acentuadas mudanças que permitiram o acesso cada vez maior de pessoas aos jornais, principalmente por causa do aumento das tiragens e o barateamento do exemplar, a partir da implantação de potentes máquinas rotativas, conforme relata Kucinski. Enfrentamos, notadamente nas últimas décadas, dois grandes movimentos: um de ordem empresarial; outro na maneira de fazer jornalismo propriamente dito.

O primeiro diz respeito a um número nunca visto de fusões e aquisições na indústria da comunicação, o que consolidou grupos de domínio mundial da mídia no final do século passado e início deste, de acordo com Costa (2006:197). São eles: Time Warner, Walt Disney, Vivendi-Universal, Viacom, Bertelsmann e News Corporation. Juntos, segundo o autor, passaram a gerar US$ 160 bilhões de receita, mais de um terço da receita total de US$ 415 bilhões das 50 maiores companhias de mídia, em todo o mundo.

Ainda segundo o autor, o Brasil também registra o modelo de concentração da mídia, porém restrito a grupos familiares, que controlam a quase totalidade dos meios de comunicação de massa: Abravanel (SBT), Civita (Abril), Frias (*Folha de S.Paulo*), Marinho (*Globo*), Mesquita (*O Estado de S.Paulo*), Saad (Bandeirantes) e Sirotsky (Rede Brasil Sul).

O segundo movimento refere-se ao discurso unificado da imprensa, decorrência do monopólio produzido pela concentração de rádios, TVs e jornais nas mãos de poucos controladores. A postura interfere diretamente na produção jornalística, gera conseqüências políticas, culturais, sociais e econômicas de longo alcance e profundidade e impede o debate plural e democrático das idéias.

Segundo relatório da VII Conferência Nacional sobre Direitos Humanos, essa concentração da mídia :

> Torna invisível - quando não demoniza atores e movimentos sociais, padroniza comportamentos, constrói percepções e consensos segundo critérios e métodos não transparentes e não submetidos ao controle das sociedades. Ao tratar as notícias como "produtos" sujeitos à "lei de mercado", a mídia recorre ao sensacionalismo, ao sexo e à "erotização" precoce das crianças, "glamouriza" o crime e cria estratagemas de sedução dos leitores e telespectadores [10].

E tudo de modo muito padronizado. É o que, segundo relato de Kucinski (2004), os estudiosos do nosso jornalismo chamam de "mesmice jornalística". No Brasil, os jornais de circulação nacional, como *O Globo, Jornal do Brasil, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo* se tornaram tão parecidos que é comum confundir um com o outro nas bancas de revistas: trazem as mesmas manchetes e fotos e apresentam a mesma forma gráfica (diagramação).

Para concorrer com a rapidez do rádio e as cores da televisão, o jornal do final do último século passou por uma revolução tecnológica incorporando cores e artigos curtos. O *USA Today* foi o primeiro jornal americano a implantar tais mudanças e a admitir publicamente que buscava concorrer com a linguagem televisiva, rápida e objetiva, porém sem profundidade de conteúdo. O exemplo do *USA Today* alastrou-se pelo mundo e foi adaptado por diversos jornais brasileiros.

Do ponto de vista do conteúdo jornalístico, esse novo modelo rompeu com a forma literária de relatar os fatos e relegou a um plano secundário a chamada grande reportagem. O texto curto e objetivo, sem contextualização, ganhou espaço nas edições dos periódicos de circulação nacional. Também

---

[10] *In*: Jr. José Arbex. *Uma outra comunicação é possível (e necessária)*, p 385/386

nesse contexto os *mass media* passaram a atuar com o conceito da *agenda setting* que é, segundo Barros Filho (2001:169), um tipo de efeito social da mídia. “É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá”.

Essa transformação editorial na maneira de produzir jornalismo abriu campo para o que José Arbex Jr. classifica de “showrnalismo”, ou seja, a espetacularização da notícia. Mas Zanotti (1995:56) aprofunda essa análise. Segundo ele, nos jornais diários o espetáculo encontra espaço fértil para se instalar na divulgação dos conflitos ou na busca do elemento conflitivo da informação. Claro, diz o autor, que este elemento não será o único, porém acaba sendo critério predominante na publicação de fatos jornalísticos. Em regime de economia de mercado, a produção do melhor espetáculo poderá determinar, em última instância, as chances de sobrevivência de uma empresa do ramo. Ainda de acordo com Zanotti, em nome do vale-tudo para conquistar o leitor, mesmo os jornais considerados sérios sucumbem a uma leitura mais severa do ponto de vista da qualidade da informação, e acabam produzindo o que se poderá chamar de desinformação.

Zonotti (1995:59) identifica três importantes elementos de produção jornalística ao se buscar o espetáculo noticioso: a pauta, a angulação e a estrutura do texto, conforme descrito a seguir:

> a) A pauta é precisamente o recorte que o jornalismo faz da realidade observável, devendo ter lastro com o fato, de divulgação ou de conhecimento recente, de interesse do seu público consumidor...
> b) A angulação, conforme Medina (1978:85/91), determina de que ponto de vista o assunto a ser tratado será visto pelo repórter...
> c) A estrutura do texto, o terceiro elemento a caracterizar a produção jornalística, é o maior diferencial existentes entre jornalismo e outros tipos de escritura, seja a literária, judiciária ou científica.

Para o autor, além dos elementos de produção, o jornalismo ainda tem a edição, com a qual poderá expor ao leitor o espetáculo planejado na redação. Tais elementos constituiriam, segundo o autor, os adereços do cenário em que ocorre a informação noticiosa na sociedade de consumo. Eles têm como objetivo atrair a atenção do leitor e motivá-lo a envolver-se no espetáculo da notícia. Destacam-se, ainda nesse processo, o título, o subtítulo, o *lide* (primeiro parágrafo da notícia), a retranca (parte desmembrada da matéria principal), a fotografia, a legenda (texto explicativo da foto) e a ilustração.

Ao analisar os desdobramentos do discurso político nos meios de comunicação, Citelli (2006:84-85-86) aprofunda as afirmativas explicitadas por Zanotti em relação ao campo da produção jornalística. Diz o autor que o ato discursivo caminha com celeridade na direção do espetáculo da linguagem, no que se pode incorporar, inclusive a dimensão da imagem, do gesto, do comportamento visando à televisão, à fotografia para os jornais e revistas.

Para exemplificar tal afirmativa, Citelli diz que atitudes histriônicas, retórica agressiva, olhares teatrais, como as que ocorreram nas CPIs que proliferaram em 2005 e 2006, passaram a fazer parte do espetáculo que acompanhava várias intervenções de deputados e senadores com o objetivo de alcançar três grandes objetivos: divulgação, demonstração e adesão. O autor elenca também algumas categorias que se mesclam e se ligam nas práticas discursivas de tipo político: 1) O discurso como cena; 2) O discurso como justificativa; 3) O discurso como farsa/engodo; 4) O discurso como pretexto; 5) O discurso como ataque/defesa[11].

[11] Ver Citelli, Adilson . Palavras – Meios de comunicação e edição. 2006, Cortez Editora.

4.3 – O papel da imprensa

Contextualizado o espetáculo no jornalismo moderno, e visto que ele é praticado tanto pelos que produzem a comunicação como aqueles que são retratados nos veículos, é importante fazer referência a Marcondes Filho (1993). O autor afirma que a retórica tradicional e clássica atribuía à imprensa o caráter de informar, de tornar os indivíduos conhecedores dos fatos e do mundo, trazendo os acontecimentos da esfera pública, em todos os níveis, para a casa das pessoas. Segundo Marcondes Filho (1993:126), alimentava-se a ficção de que a imprensa seria o retrato condensado do mundo em páginas de jornal, sendo uma certa reprodução reflexiva, pois o jornal é um espelho, de maneira miniaturizada, das coisas que se passam na sociedade. Visão ingênua do jornalismo, define Marcondes Filho. Na verdade, afirma, a imprensa instrumentaliza as informações que colhe, recebe ou mesmo fabrica, transformando-as em notícias para usá-las no jogo político-ideológico, ou seja, no jogo do poder vigente.

É imprescindível referirmo-nos a Baccega (2001), para entender a preocupação de estudiosos acerca do processo pelo qual passa a informação antes de ser veiculada. De acordo com a autora, O mundo que nos é trazido pelos relatos que assim conhecemos e a partir do qual refletimos, é um mundo que nos chega editado, ou seja, ele é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes milhares de mediações, até que manifeste no rádio, na televisão, no jornal.

Para aprofundarmos a análise de Baccega, recorremos a Perseu Abramo (2003:24):

> A relação entre a imprensa e a realidade é parecida com aquela entre um espelho deformado e um objeto que ele aparentemente reflete: a imagem do espelho tem algo a ver com objeto, mas não só não é o objeto como também não é a sua imagem, é a imagem de outro objeto que não corresponde ao objeto real.

O processo de edição de uma matéria jornalística segue um caminho que prevê várias seleções: primeiramente a pauta, que permite a escolha dos assuntos; em segundo lugar a escolha das fontes, que define quem serão os entrevistados; opções adotadas pelo repórter ao escrever o texto; a diagramação, que pode ou não ganhar destaque e a titulação do texto, que ganhará cores mais carregadas, dependendo do editor.

Os critérios de produção, seleção e organização das notícias são subjetivos, afirma Bahia (1990). Neles interferem elementos como competência, habilitação, capacitação e experiência – que distinguem entre a impressão superficial de quem considera importante tudo o que se escreve ou fala e a visão de quem só considera essencial o que é relevante.

Afirma o autor(1990:42):

> Não é só o valor da notícia como produto da apuração e como informação útil que está em jogo na seleção do editor, por exemplo. Aspectos como veracidade, legalidade, oportunidade, peso social, interesse particular, relevância, conseqüência, interesse e credibilidade influem na publicação.

Ainda segundo Bahia, a organização da notícia deve ser encarada decorrência da qualificação da informação e não método de restrição da liberdade. Trata-se de técnica, justificada pelo processo sofisticado da comunicação de massa, e não princípio deontológico para amparar desvios de conduta.

Mesmo aceitando como verdadeira tal assertiva, há que se registrar que nem sempre a imprensa tem comportamentos como o explicitado acima. A cobertura jornalística anterior e durante a invasão do Iraque pelos Estados Unidos da América, em 2004, é claro exemplo da instrumentalização da notícia. Divulgou-se exaustivamente a existência de armas químicas naquele país sem qualquer comprovação pela ONU (Organização das Nações Unidas). Sabe-se, hoje, que foram divulgadas informações falsas, e que a grande maioria da imprensa as "comprou" sem questionamento. O uso de novas tecnologias permitiu que a invasão fosse transmitida quase instantaneamente e as informações veiculadas sem a devida checagem jornalística.

Professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, Chaparro (1994:108) afirma que o escamoteio ou a distorção de informações; as pautas motivadas por interesses particulares não revelados; a irresponsabilidade com que se difundem falsas informações ao público; a acomodação dos repórteres a um jornalismo de relatos superficiais; os textos confusos e imprecisos; a facilidade com que a imprensa acolhe, sem apurar, denúncias que favorecem ou prejudicam alguém; e a freqüente prevalência dos objetivos do marketing sobre as razões jornalísticas são claros sintomas de desequilíbrio de identidade do jornalismo como função social.

Giddens (1990), ao falar sobre a modernidade e sua constante mudança, menciona que as práticas sociais, ai incluído o jornalismo como função social, são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando assim o seu cará-

ter. Já Laclau (1990), citado por Hall (2004:16-17), usa o conceito de "deslocamento", como veremos a seguir:

> Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por "uma pluralidade de centros de poder". As sociedades modernas não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única "causa" ou "lei". A sociedade não é, como os sociólogos pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma, como o desenvolvimento de uma flor a partir de seu bulbo. Ela está constantemente sendo "descentrada" ou deslocada por forças de si mesma".

O jornalismo, inserido na modernidade, vale-se, segundo Marcondes Filho (1993), das técnicas de seleção, ordenação, atribuição ou negação da importância de acontecimentos os mais diversos, que passam a funcionar como se fossem espelhos do mundo.

Apesar dos questionamentos a respeito do papel da imprensa e da notícia nos dias atuais, a função do jornal(ismo) é ser ético e necessário, de acordo com Dines (1986:20). Sua missão é perceber oportunidades para tornar-se imprescindível. “Veículos que não se vinculam a uma premência da natureza humana são descartáveis”, afirma. Para o autor, uma nação de grandes jornais é uma grande nação; sem esse valor intrínseco, sem esse quilate que advém do entendimento superior das suas funções, um jornal, por melhor que seja organizado e construído, será apenas catálogo de notícias.

Bahia (1990), por sua vez, defende que o jornal moderno é parte da cultura de massa, resultado de grandes transformações na imprensa, na sociedade e na história. Seu objetivo é informar, interpretar, orientar e divertir.

Acerca das funções jornalísticas em dada comunidade, Beltrão; Quirino (1996:142-143) levantaram bem a questão, ao afirmar:

> Do ponto de vista de que o objetivo básico da comunicação é a promoção de condições para a realização do homem na sociedade, a Comunicação de Massa deve exercer quatro funções, classificadas com o conteúdo manifesto de suas mensagens:
> 1 – Função informativo/jornalística, através da captação, interpretação e difusão de informações e opiniões sobre fatos, idéias e situações atuais, de interesse e importância para a segurança e orientação de cada indivíduo e da sociedade como tal.
> 2 – Função promocional, através do emprego de métodos e técnicas de persuasão, a fim de levar os diversos estratos da sociedade ao conhecimento e concordância com seu papel na mesma, com vistas ao desempenho social de uma ação econômica e política ordenada e satisfatória para o desenvolvimento e bem-estar pessoal e coletivo.
> 3 – Função educacional, através da transmissão de conhecimentos científicos, artísticos e morais, que constituem a herança e o patrimônio cultural da humanidade, a fim de que a evolução e o aperfeiçoamento cultural e social não sofram solução de continuidade.
> 4 – Função lúdica ou de entretenimento, através do oferecimento de recursos diversionais para que o homem preencha seus lazeres, liberte-se das pressões do cotidiano e recupere seu equilíbrio emocional pelo estabelecimento de relações mais íntimas com seu próximo e mais solidárias com seu semelhante, o que lhe permitirá a integração na sociedade, reduzindo sua solidão e frustração.

O livro *Iniciação à filosofia do jornalismo* (2003) transformou-se, pela profundidade da análise de Luiz Beltrão, num dos clássicos dos estudos do

jornalismo brasileiro. Segundo o autor, é complexa a definição de jornalismo nos nossos dias, dada a multiplicidade das manifestações.

Diz Beltrão (2003:66):

> Conhecemos numerosos conceitos de jornalismo, uns objetivos, outros literários, alguns positivos, outros puramente retóricos. Da nossa parte, fazer jornalismo é informar. Informação, bem entendido, de fatos atuais, correntes, que mereçam o interesse público, porque informar sobre fatos passados é fazer história, e o jornalismo, como assinala Rafael Mainar, é "a história que passa"[12]

Beltrão recorre a José Martí[13] para aprofundar a análise do papel do jornalismo:

> Mas não é função da imprensa (comprometida com o jornalismo) informar ligeira e frivolamente sobre os fatos que acontecem ou censurá-los com maior soma de afeto ou adesão... Toca-lhe, enfim, propor soluções, amadurecê-las, torná-las fáceis, reformá-las...

Assim, enfatiza Beltrão, os fatos correntes expostos pelo jornalismo têm de ser devidamente interpretados, porquanto informação, orientação e direção são atributos essenciais do periodismo. Exercendo-se pela difusão de conhecimentos, utilizando-se todos os recursos da técnica disponíveis ao seu conhecimento, o jornalismo tem por objetivo informar e orientar a opinião.

Parece-nos, portanto, fascinante, ler "a história que passou" nos jornais, no dizer de Rafael Mainar, mesmo sabedores de que ele é produzido

[12] Rafael Mainar, El arte del periodista, Barcelona, 1906:17.
[13]

para consumo imediato e se refere ao dia-a-dia. Capelato (1994) ressalta que do ponto de vista histórico, em cada página nos deparamos com aspectos significativos, os quais permitem recuperar lutas, ideais, compromissos e interesses. É exatamente esse o nosso interesse ao pesquisar como a *Folha de S. Paulo* cobre o tema educação.

4.4 – O debate sobre o fim do jornal impresso

Importante ressaltar que com o desenvolvimento das mídias eletrônicas o jornal sofreu sucessivas quedas de tiragem, mas resistiu. Quando surgiu o rádio, acreditava-se que seria o fim dos jornais. Depois veio a televisão, e com ela o debate sobre o fim dos periódicos impressos. Novamente o jornal resistiu. Agora surge a discussão em torno do crescimento do número de publicações digitais na internet. A polêmica está lançada entre jornalistas, acadêmicos e especialistas em novas tecnologias. Alguns acreditam que os jornais convencionais não sobreviverão, e até arriscam datas para a sua completa extinção. Há quem diga que esse fenômeno ocorrerá dentro dos próximos 15 anos; outros por volta de 2050.

A publicação inglesa *"The Economist"* sustenta enfaticamente, em sua edição de junho de 2006, que "os jornais ainda não começaram a fechar em massa, mas isso é uma questão de tempo". A revista informa que a circulação de jornais tem caído nos Estados Unidos, Europa Ocidental, América Latina, Austrália e Nova Zelândia. No resto do mundo, acrescenta, as vendas aumentaram.

Em São Paulo, ao participar de palestra sobre tendências na indústria de jornal, dia 30 de agosto de 2006, o jornalista Timothy Balding, diretor geral da WAN (sigla em inglês para Associação Mundial de Jornais) refutou, em entrevista à *Folha*, a reportagem da revista. Disse, que pesquisa da WAN em 216 países mostra que a circulação total cresceu 0,56% no ano de 2005 e 6% nos últimos cincos anos. Segundo Balding, a circulação caiu, nos

últimos cinco anos, nos Estados Unidos (-4%), no Japão (-2,8%) e no Brasil (-11,4%), mas cresceu na Índia (33%), na China (18%), na Mongólia (13,6%), e na Malásia (14,6%). Mas o diretor geral da WAN admite que o ritmo de crescimento na circulação de jornais no mundo tem caído. Foi de 3,9% nos anos de 2002/03, para 1,9% em 2003/04, e 0,5% em 2004/05.

A tabela mostra a circulação média diária dos jornais auditados no Brasil pelo IVC (Instituto Verificador de Circulação) de 1990 a 2004.

Circulação média diária dos jornais

Ano	Mil exemplares/dia	Variação %
1990	4.276	
1991	5.340	24,8
1992	5.621	5,26
1993	6.296	12,01
1994	5.896	- 6,35
1995	6.551	11,1
1996	6.472	- 1,21
1997	6.892	6,49
1998	7.163	3,93
1999	7.245	1,14
2000	7.883	8,81
2001	7.670	- 2,7
2002	6.972	- 9,1
2003	6.470	-7,2
2004	**6.522**	**+ 0,8**

Fonte: ICV/ANJ

No Brasil, de acordo com a tabela, a queda de tiragem acentuou-se a partir de 2000; nos Estados Unidos, segundo Costa (2006), a luz acendeu em 1990, quando a quantidade média de exemplares de jornais lidos em cada grupo de mil habitantes caiu para dois terços da circulação aferida na década de 1960.

Na contramão da tendência de redução do número de exemplares, fenômeno tipicamente brasileiro, identificado pelas fontes listadas na tabela seguinte, é o crescimento do número de títulos jornalísticos: passou de

1.980 no ano de 2001, para 3.004 em de 2004. Cai o número de exemplares/dia, aumenta o número de títulos em circulação.

Número de Jornais Brasileiros

Periodicidade	**2001**	**2002**	**2003**	**2004**
Diário	491	523	529	532
Semanal	937	1.221	1.405	1399
Quinzenal	249	377	395	397
Mensal	176	380	396	424
Bissemanal	93	113	125	131
Trissemanal	34	39	35	35
Outros		31	108	86
				3.004
Total	**1980**	**2.684**	**2.993**	

Fontes: ANJ, ABRE, ADJORI/SC, ADJORI/RS, ADI/RS e Mídia Dados

Em que pesem todos os prognósticos sobre o fim impresso, jornais americanos tentam, na atualidade, novo esforço para recuperar anunciantes que estão migrando para outras mídias. A Newspaper Association of America está lançando campanha que pretende mostrar uma nova imagem do jornal. Quer vender a idéia de que os jornais deixaram de ser um monte de papel e passaram a ser uma mídia de vanguarda reunindo *sites*, *podcast* e outros recursos. Resta saber se a campanha propiciará o resultado esperado.

5. A *Folha* e o novo modelo de fazer jornalismo

"É verdade que nada complexo pode ser bem coberto por um jornal, qualquer que seja ele; mas a Folha leva essa constatação ao limite extremo, desistindo, através de estipulações metodológicas, de operar com a complexidade".

Cláudio Weber Abramo

5.1 – Sobressaltos históricos

Um dos principais estudiosos da *Folha de S. Paulo,* que analisou as mudanças no processo de produção do jornal durante a implantação do Projeto Folha, Lins e Silva (1987:19), afirma que a publicação não possui uma biografia linear, como outros jornais importantes no Brasil (*O Estado de S. Paulo*, por exemplo). Em 85 anos de existência, pertenceu a quatro grupos diferentes de empresários e alterou sua política editorial inúmeras vezes.

Segundo Freitas (1999:113), tomando por base os vários estudos sobre o histórico da *Folha*, identificam-se claramente quatro fases do desenvolvimento do grupo. A primeira, de 1921 a 1930, caracteriza-se pela ausência de planejamento empresarial definido; a segunda, de 1931 a 1945, marca o início da consolidação empresarial; a terceira, de 1945 a 1962, experimenta significativo fortalecimento de sua estrutura organizacional e financeira. E por fim, a quarta fase, que se inicia em 1962, até os dias atuais, quando a *Folha* se transforma num dos mais importantes periódicos do país.

O jornal que depois se transformaria na *Folha de S.Paulo* foi fundado em 1921 pelos jornalistas Antônio dos Santos Figueiredo, Mariano Costa, Ricardo Figueiredo, Olival Costa e Pedro Cunha, todos oriundos dos quadros de *O Estado de S. Paulo*. Chamava-se *Folha da Noite* e circulou pela primei-

ra vez em 19 de fevereiro daquele ano. Segundo Mota; Capelato (1981), a idéia era se lançar um jornal vespertino, que não concorreria com os já existentes, e que esperava atrair leitores das classes médias urbanas, principalmente o funcionalismo público e o segmento do pequeno comércio e, quem sabe, até na classe operária, veiculando visão urbanística transformadora, diferente dos ideais predominantes na oligarquia agrária que governava o país. A *Folha da Noite,* durante longo período, foi impressa na gráfica do jornal *O Estado de S. Paulo*.

O empreendimento prosperou e, em julho de 1925, seus idealizadores lançaram também um matutino, chamado *Folha da Manhã*. Os dois jornais recebiam de seus proprietários, segundo Lins da Silva (1987:21), uma mesma orientação editorial, voltada para os problemas urbanos locais. Em 1931, iniciava-se a segunda fase da organização. Os jornais foram vendidos para Octaviano de Lima (fazendeiro), Diógenes de Lemos e Guilherme de Almeida, que imprimiram uma política de defesa dos interesses dos cafeicultores paulistas. A organização mudou sua razão social para Empresa Folha da Manhã Ltda, mas os jornais mantiveram os nomes. De acordo com Mota; Capelato (1981:63), no período em que Octaviano de Lima esteve à frente da presidência do grupo, os jornais ganharam fisionomia empresarial, emancipando-se financeiramente.

Essa fase durou até 1945, quando ocorreram nova venda e troca de razão social. O grupo passa a se chamar Empresa Folha da Manhã S/A. A diretoria era composta por José Nabantino Ramos, Alcides Ribeiro Meireles e Clóvis Medeiros Queiroga. Dos três proprietários, Nabantino Ramos é o que mais se destaca. Ele marcou sua administração por uma obcecada tentativa de modernizar a empresa e diminuir o improviso jornalístico.

Em seu livro *Jornalismo, dicionário enciclopédico*, Nabantino assinala:

> Procedendo eu da advocacia, que se desenvolve sob disciplina de normas, sentia, como diretor de jornal, a falta de regras, tanto para o trabalho diário, como para reger as relações do periódico com o meio que atuava[14].

De 1945 a 1962, Nabantino Ramos deu linha editorial ao jornal e expandiu a atuação do grupo. Em 16 de maio de 1947, é criada a gráfica Impres, destinada ao abastecimento internos dos jornais, mas que acabou se tornando empresa especializada na impressão de livros para o mercado editorial. No começo dos anos 50, afirma Freitas (1999), parte de seus equipamentos foi incorporada à Folha da Manhã S.A e ajudou a garantir, a duras penas, o volume de impressão requerido pelos jornais, que se tornou um problema por causa das dificuldades de importação de máquinas.

Em 1948, o grupo comprou a Rádio Excelsior S.A., mas quatro anos depois de concretizado o negócio, a Assembléia Geral Ordinária das Folhas decidiu que fossem desfeitos os vínculos com a Excelsior. Em 1949, o grupo fundou a *Folha da Tarde*.

Os três títulos da Folha da Manhã S.A., *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*, existiram conjuntamente até 1960, quando a direção decidiu unificá-los em apenas um periódico, a *Folha de S. Paulo.* A empresa abria mão de tentar editar três jornais com características diferentes, e editaria apenas, um com três edições diárias (Freitas, 1999). Meses depois, Nabantino optou por duas edições diárias: uma matutina, outra vespertina.

Mesmo com a expansão, a Empresa Folha da Manhã vivia situação contraditória. De acordo Mota; Capelato (1981), peritos da PriceWaterhouse atestaram que em 30 de abril de 1962 a circulação ”média, diária, líquida e paga” da *Folha de S.Paulo* era de 177.061 exemplares. Porém, afirma Paschoal (2006), José Nabantino e Clóvis Queiroga quebravam a cabeça com problemas financeiros. O terceiro sócio, Alcides Ribeiro Meirelles, tinha mor-

[14] In:Lins da Silva, Carlos Eduardo. Mil dias (1987:23)

rido em 1961, e seus sucessores se mantiveram afastados do dia-a-dia da empresa.

Segundo Paschoal, a greve dos jornalistas, em 1961, liquidara com as últimas forças de Nabantino Ramos.

Vejamos o que diz o autor:

> Muitos dos jornalistas da *Folha* que entraram em greve eram alunos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, onde Nabantino se formara e da qual se tornaria professor em 1965. Ele dera estágio e emprego a alguns deles e agora se sentia traído(2006:146).

Octavio Frias de Oliveira, que compraria o Grupo Folha em 13 de agosto de 1962, junto com Carlos Caldeira Filho, afirma o seguinte em depoimento a Paschoal, publicado no livro que retrata a sua trajetória:

> O Zé Nabantino teve um desaponto muito grande com a greve dos jornalistas. Ele nunca imaginou que aquilo fosse acontecer na *Folha* e se desencantou muito com o jornal. Com isso, ele queria vender a qualquer custo, de qualquer jeito. Não lembro mais qual foi a quantia que ele pedia à vista. Acabou aceitando menos (2006:148).

A empresa que Octavio Frias de Oliveira, com origens no setor financeiro, e Carlos Caldeira Filho, do ramo da construção civil, haviam comprado estava em sérias dificuldades econômicas. O primeiro problema que os dois enfrentaram foi reorganizar a empresa do ponto de vista financeiro e administrativo. Tarefa que levou pelo menos cinco anos, diz Lins da Silva (1987:25). Portanto, de 1962 a 1967 (considerada a primeira fase da nova gestão) não houve tempo para preocupações com o jornal em si. Todos os esforços, afirma o autor, se concentravam no saneamento financeiro da Empresa Folha da Manhã S/A.

Ainda segundo Lins da Silva (1987:26) a *Folha* continuou a ser um jornal para as classes médias urbanas. O cientista e jornalista J. Reis foi mantido na chefia de redação, muito embora o jornalista Cláudio Abramo logo viesse a colaborar com Octavio Frias na concepção editorial do jornal. No período de 1968 a 1974, a preocupação essencial não era a redação, embora alguns traços da política editorial posterior pudessem começar a ser percebidos, em especial em conseqüência da influência de Cláudio Abramo.

A segunda fase de Frias e Caldeira à frente do grupo foi marcada pela reformulação do sistema de distribuição e composição do jornal, com a introdução do *off-set*, fotocomposição e novas impressoras. Esse período é chamado pelos historiadores da *Folha* de “revolução tecnológica”. O ano de 1967, relatam Mota; Capelato, assistiria à maior modificação do parque gráfico da *Folha*. O jornal entrava em nova era jornalística, do ponto de vista de sua produção material, ao passar a ser impresso com a técnica do off-set.

Segundo os autores:

> O equipamento era composto de 3 máquinas, de 8 unidades cada uma, num total de 24 unidades, pesando 300 toneladas. Chegara do exterior no mês de maio de 1967, via Rio de Janeiro, em etapas sucessivas, por navio. Os componentes de fotomecânica, um conjunto de aparelhos foto-eletrônicos

> ultra-sensíveis, vieram por via aérea da Itália, da Alemanha, dos Estados Unidos e da Inglaterra. Esta foi uma das primeiras mudanças tecnológicas da *Folha*. Nas décadas seguintes, a empresa atualizou constantemente seu parque gráfico (1981:200).

Somente a partir de 1974, com a empresa reestruturada, Frias passou a dar mais atenção à redação, empreendendo linha editorial mais aberta, no dizer de Lins da Silva (1987), preocupada com os problemas das desigualdades sociais e com a idéia de manter o jornal independente. Com a morte de Caldeira, no início da década de 80, Frias passou a liderar sozinho as empresas e a operar a transição da presidência do grupo para seu filho, Luís Frias. Segundo Freitas (1999:124), a mudança de comando instaura outro ritmo ao crescimento, caracterizado pelo fortalecimento da integração horizontal e iniciativas que levam à diversificação multimídia. Além disso, também fica claro que a partir de 1984 as atividades ligadas à mídia se revestem de certa autonomia em relação ao conjunto dos negócios controlados por Octavio Frias.

É deste período o desenvolvimento de uma filosofia que marcará a *Folha* até os dias atuais: investimentos na qualidade do produto, implantação do Projeto Folha e forte ação de *marketing*. Graças a essas iniciativas, afirma Freitas (1999), a tiragem dos jornais do grupo dá um salto elevado, principalmente a *Folha de S. Paulo,* que chega a ultrapassar a marca de 1 milhão de exemplares diários, principalmente nos finais de semana, na metade da década de 1990.

Segundo Freitas (1999:124):

> Nunca uma empresa jornalística havia delimitado tão explicitamente uma estratégia mercadológica para um jornal/produto no Brasil como acontecera com a *Folha*, fato que acabou se tornando regra, acirrando cada vez mais a concorrência e abrindo espaço para debates sobre qual a natureza e as funções do jornal na sociedade brasileira.

No período compreendido de 1962 a 1984, a título de registro histórico, dois jornalistas com personalidade e ideologia distintas marcaram a vida do jornal que esboçava um novo projeto editorial: Cláudio Abramo e Boris Casoy. Em 1978, um documento do Conselho Editorial, que havia sido criado naquele mesmo ano, oferece os pontos indicativos da tendência editorial da *Folha*, de acordo com Lins da Silva (1987:29). O texto, com a participação de ambos, falava em "melhores condições de vida para a maioria da população através da organização de um regime democrático, liberdade de informação, fortalecimento dos organismos da sociedade civil, distribuição mais eqüitativa da renda nacional, apoio à livre iniciativa, submissão de toda a economia ao interesse social e preservação da identidade cultural brasileira".

Ainda segundo Lins da Silva (1987:29)

> Esses pontos indicativos mais ou menos norteiam a preocupação editorial da *Folha* nos anos seguintes. Mas a consolidação primeiro da "abertura" e depois da democracia no país, simultânea ao processo de cristalização das opiniões do jornal, fez que afinal a *Folha* passasse a se preocupar mais com sua própria organização enquanto jornal e com fórmulas para solucionar as dificuldades jornalística-técnicas com que se deparava.

5.2 – Projeto Folha

Para melhor compreendermos a postura editorial que a *Folha de S.-Paulo* buscava, deve-se retornar inicialmente ao ano de 1981, quando divulgou-se internamente, o documento *A Folha e alguns passos que é preciso dar*. O texto foi, na verdade, a primeira sistematização daquilo que viria a ser conhecido como Projeto Folha, e preconiza três metas: informação correta, interpretações competentes sobre essa informação e pluralidade de opiniões sobre os fatos.

Quatro anos mais tarde, em julho de 1985, a *Folha* publicou o *Projeto Editorial da Folha 1985-1986*, que tratava de "adequar o jornal a uma nova fase, marcada pela implantação do regime democrático e espaço público menos dicotômico, com matizes mais sofisticados e possibilidades múltiplas". Isso significou, na verdade, substituir o debate ideológico pela cobertura técnica. Em setembro de 1986, o jornal publicou o *Projeto Editorial da Folha 1986-1987,* e em agosto de 1988, o *Projeto Editorial da Folha 1988-1989.*

Somente quase uma década depois o jornal voltou a publicar novo projeto editorial. Concebido como *Projeto Editorial 1997,* o texto foi dividido em seis partes principais, cujos títulos reproduzimos:

I) Um panorama de mudanças na economia, na política e nas idéias;
II) Investimentos, novas tecnologias e pressões de mercado;
III) Um jornalismo cada vez mais crítico e criticado;
IV) Seleção de fatos e compreensão de seus nexos num texto mais livre;
V) Treinamento, reciclagem e combate sistemático a erros; e
VI) Crítica, pluralidade e apartidarismo num espaço em reformulação.

Além de analisar a evolução do jornalismo na década de 1980 e início da de 1990, principalmente o período que levou ao *impeachment* do ex-pre-

sidente Fernando Collor de Melo, e de dizer que se firmou nos meios impressos o prestígio de um profissionalismo independente, submetido apenas às forças de mercado, pela primeira vez um texto referente ao Projeto Editorial da *Folha* tece comentários acerca da globalização:

> Os últimos dez anos ostentam... uma constelação de mudanças espetaculares na política, na economia, nas idéias. Na metáfora agora tão batida da Queda do Muro, entrou em colapso a concepção maniqueísta de valores complementares e soluções opostas, que prevalecia desde pelo menos a passagem do século. É como se as cartas da ideologia estivessem sendo reembaralhadas e um novo jogo, ainda indefinido, começasse. A dualidade política foi substituída por um consenso. Uma só superpotência impôs seu predomínio ao mundo, quase todas as sociedades procuram se aproximar de seu modelo. Com pouca variação de grau, há uma só receita econômica (o mercado), uma só fórmula institucional (a democracia), num mundo que tende inevitavelmente à "globalização". Pois não se trata de um sistema estanque, mas que se propõe a enquadrar toda diversidade étnica ou cultural num mesmo modelo, já batizado como "fim da História", desde que cumpridos os preceitos da livre competição e da técnica.

Porém no item 4 – Seleção de fatos e compreensão de seus nexos num texto mais livre – o projeto deixa claro o tratamento que dará à informação:

> Foram relacionados, até aqui, alguns dos desafios que assediam o jornalismo de modo simultâneo e sob diversos prismas: político, empresarial, tecnológico, mercadológico, jurídico. Não existe, evidentemente, uma fórmula capaz de responder de antemão a todos eles. Somente a experiência dos próximos anos permitirá defini-la, conforme os prognósticos que hoje é possível esboçar forem corroborados ou tiverem de sofrer retificações. Determinadas linhas de ação, no entanto, parecem claras como diretrizes a ser adotadas pelo jornalismo diário. O atendimento cada vez mais copioso e eficaz de demandas específicas não faz desaparecer –ao contrário, ressalta a necessi-

> dade de meios que possam funcionar como âncoras de referência geral. Em meio à balbúrdia informativa, a utilidade dos jornais crescerá se eles conseguirem não apenas organizar a informação inespecífica, aquela que potencialmente interessa a toda pessoa alfabetizada, como também torná-la mais compreensível em seus nexos e articulações, exatamente para garantir seu trânsito em meio à heterogeneidade de um público fragmentário e dispersivo. Em outras palavras, o jornalismo terá de fazer frente a uma exigência qualitativa muito superior à do passado, refinando sua capacidade de selecionar, didatizar e analisar.

Após esta análise, o texto propõe a utilização de pesquisas para orientar a pauta de interesse dos leitores e recomenda uma melhor seleção de assuntos:

> É recomendável que a gama de assuntos a ser cobertos até mesmo se reduza em alguma medida, desde que em contrapartida sua seleção seja mais pertinente, e o tratamento que receberem, mais compreensivo. Uma tal mudança implica repercussões na pauta, na reportagem, no texto, na edição. É preciso maior originalidade na identificação dos temas a ser objeto de apuração, bem como uma focalização mais precisa de sua abordagem. Pesquisas de opinião possibilitam conhecer um pouco melhor as necessidades do público e aproximar a pauta do jornal e a vivência concreta do leitor.

Ao finalizar o item 4, é proposta uma forma mais eficaz à edição gráfica:

> A edição enfrenta também o desafio de mobilizar as possibilidades de pesquisa propiciadas pela informática, utilizar melhor a computação gráfica, desenvolver a utilização elegante de imagens coloridas. Será cada vez mais importante que esses esforços parciais sejam integrados de modo criativo e didático, a fim de assegurar uma apresentação mais aguda de tudo o que se decidiu considerar importante no dia.

No item 5 – Treinamento, reciclagem e combate sistemático a erros – o projeto propõe evoluir nos mecanismos de recrutamento, com o objetivo explicito de elevar o nível médio dos quadros profissionais, e, dentre outros, estabelece a necessidade de "desestatização" do noticiário, pois o jornalismo ainda é fortemente atrelado a agendas, fontes e declarações oficiais.

Esta são, em síntese, os pontos que nos interessavam registrar no Projeto Folha, visto que mantêm relação com o nosso trabalho, conforme poderá ser observado nos capítulos seguintes.

5.3 – Universo On Line

Por não interessar diretamente ao nosso trabalho, não dedicaremos neste sumário do histórico da *Folha de S.Paulo* espaço para o relato de outros negócios ligados ao grupo, como por exemplo a Companhia Litográphica Ypiranga, Impres e Plural Editora e Gráfica. Porém, a criação do portal de internet Universo On Line *(UOL)* merece registro pelo fato não só de ter sido pioneiro no Brasil na implantação de plataforma de serviços *online*, mas principalmente porque se transformou em referência mundial de mídia eletrônica. O UOL, lançado experimentalmente em 28 de abril de 1996, desde o princípio foi pautado no conceito serviço, informação, entretenimento e comércio eletrônico, segundo depoimento de seu primeiro diretor, Caio Túlio Costa, a Freitas (1999).

Além de reproduzir a edição do jornal *Folha de S.Paulo*, o UOL passou a dar ênfase à informação segmentada. A editoria de educação do portal, por exemplo, começou a veicular matérias e serviços antes exclusividade da versão impressa, como a cobertura de vestibulares, listas de aprovados, *ranking* de colégios e faculdades, biografias, dicas de português etc. Ainda de acordo com Freitas (1999:136), a vocação para produtos e serviços pela

rede W*eb*, principalmente para grupos de mídia como o da *Folha*, salientava-se à medida que os recursos tecnológicos para acesso ao conteúdo avançavam e a rede caminhava na direção comercial, fazendo com que o público se voltasse para o consumo de serviços e informações mais abrangentes. Registre-se que o autor refere-se a público e não a leitor.

O Portal UOL, na atualidade, além de ter se transformado em ferramenta de navegação na internet, oferece uma gama muito grande de opções de serviços e conteúdos. Destacamos os *links* relacionados a seguir, em ordem alfabética: Álbum de fotos, Bate-papo, Biblioteca, Bichos, Blog/Fotolblog, Busca, Carros, Cinema, Corpo e Saúde, Crianças, Diversão e Artes, Economia, Educação, E-mail, Empregos, Esporte, Folha Online, Horóscopo, Humor, Jogos, Jornais, Música, Personalidades, Rádio UOL, Revistas, Classificados, Sexo, Sites Pessoais, Tecnologia, Televisão, Tempo/Trânsito/Mapas, UOL News, Vestibular e Viagem.

Em entrevista a nós concedida, Costa (2006), afirma que, apesar do UOL dispor de um enorme aporte educacional e reunir parceiros importantes da educação, não houve migração de assuntos do jornal impresso para o portal de internet da *Folha*.

Diz ele:

> O que migrou foi o serviço que antes era prestado pelo impresso. Por exemplo: publicar a lista das principais redações ou as listas dos aprovados nos vestibulares, consumia uma quantidade enorme de papel. É um custo muito alto para indústria de jornal. Na internet, o espaço é mais barato.

Uma vez explicitado o contexto da trajetória da *Folha de S.Paulo* e relatados os princípios básicos que nortearam o surgimento do Projeto Folha, além de sumariarmos a implantação do portal UOL, vamos dedicar o próxi-

mo capítulo à análise das circunstâncias políticas presentes nos períodos da nossa pesquisa. O primeiro deles, 1973, marcadamente ideológico; o segundo, 2002, inserido no mundo globalizado.

6. Contexto histórico: do enfrentamento político de 1973 à globalização de 2002

"Os embustes históricos apenas mudam de forma. E a imprensa desempenha nesse processo de deformação, papel importante, coadjuvando os meios de massa. Quem controla a imprensa e os meios de massa não precisa mais de golpes militares".

Nelson Werneck Sodré

6.1 – Configurando os anos 70

A partir de 1974, a empresa sanada financeiramente, Octavio Frias de Oliveira passou a dar atenção à redação, empreendendo uma linha editorial mais aberta e preocupada com os problemas das desigualdades sociais e a idéia de manter o jornal independente, como assinala Lins da Silva (1987). No entanto, é preciso salientar que nos anos anteriores a esse período, de acordo com Paschoal (2006), a Empresa Folha da Manhã apoiou o golpe militar de 1964. A *Folha da Tarde*, um dos jornais do grupo (fundada em 1967), reuniu a direita infiltrada por gente ligada à repressão. Nessa fase, o jornal publicava títulos como "Lamarca, o louco, é o último chefe do terror".

Ainda de acordo com o relato de Paschoal, essa postura evoluiu para o uso, em alguns casos, de caminhonetes da *Folha* pelos militares e culminou num ataque da facção de esquerda VAR-Palmares a três desses veícu-

los do jornal, queimados como forma de represália. Octavio Frias foi ameaçado de morte, o que obrigou sua família a ir morar, com proteção do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), no 8° andar do prédio do jornal, onde havia um apartamento feito a pedido do sócio Carlos Caldeira. O Dops foi um órgão repressivo do governo brasileiro durante o regime militar, e em várias de suas dependências foram praticadas as mais bárbaras torturas durante o período ditatorial. Na casa de Frias e na *Folha* havia segurança do Departamento de Ordem Política e Social. Ele e toda a família só se deslocavam em carro civil do Dops, com agentes portando metralhadora. Otavio Frias Filho, atual diretor de redação da *Folha*, em depoimento a Paschoal (2006:239), nega que o pai tivesse conhecimento de que caminhões ou caminhonetes da empresa foram usados pela repressão.

6.2 - Anos de Chumbo

Para alguns jornalistas e historiadores, a década de 1970 começou no dia 13 de dezembro de 1968, quando o presidente Artur da Costa e Silva, o segundo dos cinco militares que governariam o Brasil pelo período de 21 anos (de 1964 a 1985), baixou o Ato Institucional n° 5, instrumento utilizado para fechar o Congresso Nacional, calar a resistência ao regime e tolher todas as liberdades individuais. O AI-5, como ficou conhecida a medida, abriu caminho para prisões arbitrárias, torturas e o surgimento de grupos de extermínio. Segundo o *Dossiê Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil*[15], do Centro de Documentação Eremias Delizoicov e da Comissão de Familiares, 380 pessoas foram assassinadas pela ditadura militar ou estão desaparecidas.

Naquele ano de 1968, três fatos foram marcantes para levar os militares a endurecer o jogo na defesa do golpe de quatro anos antes:

[15] www.desaparecidospoliticos.org.br

1) No dia 28 de março, o clima era de manifestação pública contra o governo e a polícia invadiu o Restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, a propósito de reprimir um grupo de estudantes que preparava um protesto. Na operação um policial matou com um tiro o estudante secundarista Edson Luis Lima Souto, de 16 anos. No enterro, 50 mil pessoas se aglomeraram em frente à Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro. O caixão coberto com a bandeira brasileira desfilou pela cidade, em meio a um clima de revolta.

2) A morte de Edson Luis provocou, três meses depois, em 26 de junho, a chamada "Passeata dos cem mil", até então a maior manifestação contra o regime militar. Durante seis horas, cerca de 100 mil pessoas ocuparam as ruas do Rio de Janeiro em defesa da democracia. Apesar do grande número de pessoas, nenhum incidente foi registrado. Segundo o jornal carioca *Correio da Manhã*, edição de 27 de junho de 1968, a segurança foi feita pelos próprios estudantes, que chegaram a prender e a soltar um policial que incitava os jovens a depredar os prédios,

3) Em agosto, a situação ficou ainda pior. O deputado Márcio Moreira Alves, da tribuna da Câmara, recomendou que as moças se recusassem a dançar com cadetes em protesto contra o regime militar. O governo pediu licença para processar o deputado. Em 12 de dezembro, a Câmara rejeitou a solicitação de suspensão das imunidades parlamentares de Márcio Moreira Alves. No dia seguinte foi editado o AI-5.

O Congresso Nacional foi imediatamente colocado em recesso, o que, na prática, significou o seu fechamento. Também fechadas as Assembléias Legislativas e as Câmaras Municipais; cassados mandatos eletivos e suspensos os direitos políticos de quem se opunha ao governo. A partir daquele momento o Brasil viveria um regime de exceção, no qual até uma reunião de amigos numa esquina era reprimida.

Toda a década de 1970 foi marcada pela violência e pela opressão. Mas no governo do general Emílio Garrastazu Médici, de 30 de outubro de 1969 a 15 de março de 1974, a tortura e os grupos de extermínio se instalariam no país. Médici ficou conhecido como o "Carrasco Azul", alusão ao sobrenome Garrastazu, e seu período à frente da presidência por "anos de chumbo", em função da repressão.

A comunicação e a indústria cultural viveram período de intensa censura. As áreas musical, teatral e jornalística passaram a ser vigiadas pelos censores. Nas redações chegaram a exigir a instalação de salas específicas para o "desenvolvimento de suas atividades". A revista *Veja* e o jornal *Estado de S.Paulo* foram os veículos mais visados pela censura. Para Marconi (1980:13), o país passou a viver a psicose da segurança nacional.

Eram comuns, segundo o autor, as ordens de censura, como a que reproduzimos:

> De ordem superior, fica terminantemente proibida, por qualquer meio de comunicação, rádio, televisão e jornais, até o dia 5 de maio do corrente ano, a divulgação de notícias relacionadas com o aniversário de Lenin ou qualquer divulgação relativa à Cortina de Ferro" *(ordem da censura distribuída à imprensa brasileira pela Polícia Federal no dia 15 de abril de 1971)*.

Ou ainda, também de acordo com Marconi (1980:37):

> De ordem superior, fica terminantemente proibida a publicação de críticas ao sistema de censura, seu fundamento e sua legitimidade, bem como qualquer notícia-crítica, referência escrita, falada e televisada, direta ou indiretamente formulada contra órgão de censura, censores e legislação censória" *(ordem da Polícia Federal distribuída em 4 de junho de 1973)*.)

Em relação à censura jornalística, não só empresas foram cerceadas, mas perseguidos muitos de seus profissionais, a exemplo de Hélio Fernandes, Ruy Mesquita, Cláudio Abramo, Alberto Dines, Mino Carta e Hamilton Almeida Filho.

Em depoimento a Marconi (1980:175), em 19 de setembro de 1978, Cláudio Abramo disse da perseguição que sofrera:

> Eu acho normal que pessoas como o Mino (Carta) e eu tenham sido freqüentemente vítimas. É normal que a gente desperte hostilidades, porque nós somos pessoas difíceis, temos opinião, não abrimos mão de certas coisas. Embora às vezes tenhamos afinidades com os donos, nós mantemos sempre uma grande distância do ponto de vista de nossas convicções, de nossas posições. Então somos pessoas que não são cômodas e passamos a ser tratados como leprosos, como não-pessoas.

Com os jornais, as rádios e as televisões censurados, e muitos jornalistas da chamada g*rande imprensa* perseguidos, a resistência passou a ser feita por uma imprensa própria daquela época, a *alternativa* ou *nanica*, como chegou a ser conhecida, visto que foi inspirada, de acordo com Kucinski (1991:13), no formato tablóide. A palavra "alternativo" era usada nos Estados Unidos e na Inglaterra para designar arte e cultura não convencionais, conforme registra texto do *Caderno da Comunicação – Série Memória* (2005). O Aurélio consagra a expressão *imprensa alternativa* como "órgão de imprensa que se caracteriza por uma posição editorial renovadora, independente e polêmica".

A jornalista e psicanalista Maria Rita Kehl (2006:34) analisa o papel da chamada *imprensa alternativa* em ensaio apresentado ao projeto *Anos 70: Trajetórias,* posteriormente transformado em livro, que reúne outros 17 textos sobre a década de 1970:

> A ditadura, acuada, prendia e matava sem hesitação. Por efeito do medo ou das sucessivas derrotas, a luta armada contra a ditadura esvaziou-se e surgiram outros meios de resistência: táticas de convencimento, luta ideológica, debate público. Nasceram os tablóides independentes, jornais sustentados muitas vezes por organizações ou partidos proscritos, como o Partido Comunista ou o Partido Comunista do Brasil... Jornais como *Opinião*, *Movimento*, *Versus*, *Bondinho* e, mais tarde, *Em Tempo* (nascido de uma cisão do *Movimento*), *Rádice* e *Luta e Prazer*, do Rio de Janeiro, além de uma imprensa sindical pobre mas muito atuante, propunham a pauta dos avanços da oposição.

Kucinski (1991:13), relata que durante 15 anos da ditadura militar, de 1965 a 1980, nasceram e morreram cerca de 150 periódicos que tinham como traço comum a oposição intransigente ao regime militar. Desse universo, um em cada dois não chegava a completar um ano de existência. Vários ficaram apenas nos dois ou três números. Porém, muitos exerceram influência decisiva nos campos da política e do jornalismo em apenas meia dúzia de edições.

A distensão política iniciou-se no governo do general Ernesto Geisel (março de 1974 a março de 1979) à frente da presidência da República, basicamente por dois motivos, segundo alguns historiadores: 1) as mortes do jornalista Vladimir Herzog, em 1975, e do operário Manuel Fiel Filho, em 1976, ambas nas dependências do DOI-CODI, extinto órgão do Exército brasileiro; 2) a implosão do chamado “milagre econômico”, que acabou por gerar no país uma inflação estratosférica. É do presidente-general Geisel a frase de que a abertura política se daria de forma “lenta, segura e gradual”.

De fato, foi o que aconteceu. João Baptista de Oliveira Figueiredo, último dos presidentes militares, governou o Brasil de março de 1979 a março de 1985. Não conseguiu fazer seu sucessor pelo voto indireto no Colégio Eleitoral; saiu-se vencedor o mineiro Tancredo Neves, que morreu antes de

assumir a presidência. Tomou posse o vice, José Sarney. É importante registrar que durante o período Figueiredo na presidência, os exilados políticos retornaram ao Brasil, em 1979, e foram realizadas, em 1982, as primeiras eleições para governadores de Estado desde o golpe de 1964. Era o início da redemocratização do país.

6.3 – Imprensa, internet e globalização

Para aqueles que viveram os chamados "anos de chumbos" da década de 1970, era impossível imaginar que a grande discussão na virada do século em 2000, na qual está inserida a segunda parte da nossa pesquisa, se daria em torno da expressão "*bug* do milênio" e não na defesa de plenas liberdades democráticas. Com o mundo em efervescência por conta do grande impacto tecnológico originado pela introdução do computador na vida das pessoas e das instituições, e com a galopante globalização financeira e cultural das nações, os olhares se voltaram para o tal *"bug"*, que acabou não acontecendo. Isso não impediu, porém, o investimento de milhões de dólares na criação e comercialização de sistemas que "impediriam" a ocorrência do *"bug".*

Era uma teoria que defendia que todos os computadores poderiam paralisar na passagem de 1999 para o ano 2000, pois não tinham sido programados mais de dois dígitos para a representação do ano, o que remeteria todas as datas para o ano 00 e impediria o correto funcionamento do sistema. Não houve nada disso, e o tal fenômeno, que não existiu, é ainda tratado como lenda.

Fizemos referência ao episódio para ressaltar a importância das mudanças introduzidas pelo computador e pela globalização, principalmente se comparadas 30 anos. Afinal, com o mundo interligado por redes condutoras de informações, qualquer colapso causará danos irreparáveis, principalmente econômicos. Muniz Sodré (2006:12) ressalta que não faltam os que exal-

tem o computador e a internet como “a verdadeira revolução do século”, comparável à imprensa de tipos móveis de Gutenberg, que modificou a maneira de pensar e aprender. É corrente a expressão “Revolução da Informação”, como sucedâneo de “Revolução Industrial”, para designar os impactos em curso. Ainda segundo o autor, o diferencial é a aceleração distributiva (o *oikonomos* intensificado) dos processos. Não é, portanto, a mera presença maciça da técnica nos processos sociais, e sim a singular relação intensificadora das neotecnologias com o fluxo temporal.

Diz Muniz Sodré (2006:14):

> Entram em questão as novas nuances da economia capitalista, que tendem a favorecer uma *catalaxia,* ou seja, um ordenamento mercadológico do mundo, para além de qualquer desígnio humano... como um novo denominador comum configurável como um novo tipo de ideologia planetarista capaz de perpassar as instâncias econômicas, políticas, sociais e culturais.

Ainda segundo o autor,

> Em termos públicos, o fenômeno recebe o nome de globalização, mas politicamente coincide com a ideologia do “neoliberalismo”, uma plataforma econômico-político-social-cultural, empenhada em governo mínimo, fundamentalismo de mercado, individualismo econômico, autoritarismo moral e outros... Livre trânsito de *commodities* e a velocidade circulatória dos capitais especulativos são valores excelsos do novo *´oikonomos´*.

Ao relacionar essas mudanças aos processo de aceleração circulatória dos produtos informacionais, que chamamos de comunicação, Muniz Sodré (2006:15) ressalta que a palavra significava outra idéia: a vinculação social ou o ser-em-comum, problematizado pela dialética platônica, pela *koinonia politiké* aristotélica e, ao longo dos tempos, pela palavra *comunidade*. Daqui, diz o autor, parte a comunicação de que hoje se fala, mas vale preci-

sar que não se trata exatamente da mesma coisa – ela agora integra o plano sistêmico da estrutura de poder.

Steinberger (2005) avalia que as importantes mudanças havidas no mundo nas últimas décadas, principalmente no panorama histórico, político, cultural e econômico, geraram impacto também sobre as práticas jornalísticas. A professora estabelece como marco divisor a queda do Muro de Berlim, ocorrida em 9 de novembro de 1989. Naquele dia, o governo da então Alemanha Oriental (comunista) decidia abrir suas fronteiras e destruir o Muro de Berlim, precipitando o colapso dos regimes do Leste Europeu. "Inaugurou-se uma nova ordem mundial e, acredita-se, se estabeleceu também uma outra forma, considerada moderna, de produzir comunicação", diz a autora.

Segundo Mattelart (2004:17), ao longo dos anos 1980 assistimos aos primeiros sinais de substituição da ideologia do progresso infinito pela ideologia da comunicação sem limites. As indústrias da comunicação e da cultura estavam se convertendo em indústrias estratégicas. Novos desafios se mostravam: a privatização e a desregulação das instituições audiovisuais e das redes de telecomunicação, a construção de uma "comunicação-mundo" no contexto de uma "economia-mundo" (no sentido que a entende o historiador Fernand Braudel), e a mercantilização da cultura, da educação e da religião.

Mattelart (2005:190) afirma:

> Todos os que trabalham com a mídia encontram-se hoje afetados pelo positivismo administrativo, por esse novo utilitarismo estimulador da pesquisa de ferramentas epistemológicas que permitem a neutralização das tensões via soluções técnicas. Os saberes sobre a comunicação não escapam a essa tendência. Os efeitos do fortalecimento dos discursos especialistas, trazidos pela crescente "profissionalização" das atividades de comunicação, cuja fun-

ção explícita é legitimar estratégias e modelos de organização empresariais e institucionais, são cada vez mais perceptíveis.

Chaparro (1994) enfatiza que o extraordinário progresso experimentado pelas técnicas de comunicação, a partir de 1970, representa para a Humanidade uma conquista e um desafio. Conquista porque propicia a difusão de conhecimentos e informações; e desafio porque impõe uma séria revisão e reestruturação dos pressupostos de tudo que se entende por comunicação.

Exatamente no contexto dessa *conquista* e desse *desafio,* consignados por Chaparro, nossa pesquisa busca compreender como se dá a cobertura de Educação na *Folha* nos anos de 1973 e 2002, conforme veremos no próximo capítulo.

7. A pesquisa

"As guerras mundiais, o nazifascismo, o crescimento dos trustes e cartéis, a formação de corporações transnacionais e os desenvolvimentos das tecnologias da mídia modificaram as condições e as possibilidades da comunicação, informação, entretenimento e cultura de indivíduos e coletividades, povos e multidões, por todo o mundo. Forma-se e se expande a indústria cultural, influenciando mais ou menos decisivamente o mundo da política".

Octavio Ianni

7.1 – Perseu Abramo: jornalismo e política

Este capítulo será dedicado ao relato e à análise do surgimento e extinção da editoria de Educação na *FSP*. Servirá, também, para conhecermos a trajetória de Perseu Abramo, o que ajudará a compreender o comportamento editorial do jornal, em relação a 1973. Esta medida é importante porque a figura do primeiro editor de educação da *Folha* aparece com destaque nas entrevistas realizadas para o trabalho. Além disso, possibilitará entender melhor os posicionamentos jornalístico e político dele, indicados como mola propulsora da cobertura feita pela *FSP* na área de educação durante grande parte da década de 1970. Não é intenção recuperar todas as ações de Perseu Abramo, o que mereceria tratado específico, mas procuraremos contextualizar sua trajetória para melhor entender os fatos.

Em entrevista que nos foi concedida, Caio Túlio Costa (2006), jornalista que trabalhou na *Folha* de 1981 a 1995, e ocupou os cargos de secretário de Redação e *ombudsman*, tendo sido ainda diretor do UOL de 1995 a

2001, afirma que a editoria de Educação da *FSP* só ganhou importância na década de 1970 graças à dedicação de Perseu Abramo.

Segundo ele,

> A importância e o tamanho que a *Folha* atribui à cobertura de educação nos anos 1980, 1990, e agora no começo deste século, é a importância natural que ela dá ao tema. A discrepância é a importância que ela dava em meados dos anos 1970, em função do voluntarismo de um editor. Naquela época, o jornal tinha um editor extremamente politizado, que era o Perseu Abramo, e a alta incidência de chamadas na primeira página e a grande cobertura da educação estão diretamente ligadas à personalidade do editor de Educação num momento em que a Universidade Brasileira, por meio de professores muito ativos e principalmente por meio dos estudantes, transformara-se no centro debatedor do movimento social que eclodiu logo em seguida, no sentido de fazer com que a ditadura acabasse. E o jornal, por meio de um editor de esquerda, politizado e socialista, encontrou ali o lugar para disseminar as informações relativas ao questionamento da ditadura. Então, a cobertura de educação, em meados dos anos de 1970, era uma cobertura política, era uma cobertura que dava conta das reformas necessárias à universidade, dava conta dos movimentos estudantis, dava conta da efervescência da universidade, que era onde se fazia política no Brasil. No Congresso Nacional, é bom lembrar, estavam confinados dois partidos: o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e a Arena (Aliança Renovadora Nacional). Todos os outros partidos, principalmente os de esquerda, faziam política nas universidades. A educação era, portanto, uma maneira de se falar das necessidades de reformas educacionais, de liberdades democráticas, de liberdade para os universitários, de liberdade para várias formas de organizações e para as entidades estudantis. Ao se falar da educação, falava-se, na verdade, de política.

A *Folha* de 1973, observou muito bem Costa, não tinha cobertura de política, nem mesmo espaço para editorial, onde a direção do jornal poderia exprimir formalmente sua opinião. Por esses e outros motivos, o jornal é acusado até hoje de não ter resistido à ditadura militar, como o fizeram outros veículos de comunicação, principalmente seu maior concorrente, *O Estado de S.Paulo*, censurado durante longo período.

E foi, possivelmente, diante dessa brecha editorial da falta de uma cobertura política, que a editoria de Educação da *Folha* ganhou espaço e fôlego com as características que veremos ressaltadas no próximo capítulo.

Antes, para compreender os compromissos de Perseu Abramo ao longo da vida, e principalmente durante a passagem pela *Folha de S.Paulo*, faremos uma síntese da sua biografia, tendo como fontes informações disponibilizadas pela fundação que leva o seu nome, e também aquelas contidas no livro *Um trabalhador da notícia (*1997*)*.

7.1.1 – O jornalista

Perseu Abramo nasceu em São Paulo, em 17 de julho de 1929, e morreu em 6 de março de 1996. Seu primeiro emprego, obtido por concurso interno, foi o de suplente de conferente de revisor no *Jornal de São Paulo*, na ladeira do Seminário, em 1946. De 1948 a 1950, trabalhou como repórter no mesmo jornal, e, concomitantemente, colaborou na reportagem da *Folha Socialista*, semanário do então Partido Socialista Brasileiro (PSB). Trabalhou em *A Hora*, de 1951 a 1952, e, nesse ano, entrou para *O Estado de S. Paulo*, onde ficou dez anos, passando por várias funções: redator da seção de Internacional, redator de noticiário local, repórter, chefe de reportagem, cronista de suplemento semanal, redator e responsável pelas seções de Interior e de Esportes. Foi ainda subsecretário de redação e, nessa qualidade, coordenou a equipe que fez a cobertura da inauguração de Brasília. Colaborou na montagem da Rádio Eldorado, encarregando-se da parte de radiojornalis-

mo e dirigindo as edições experimentais dos primeiros "jornais-falados" da emissora. De 1962 a 1970, dedicou-se às atividades do magistério superior, mas, como *freelancer*, colaborou com diversas publicações da Editora Abril, principalmente na série de fascículos *Os Grandes Personagens da Nossa História.*

Em 1970, ingressou na *Folha de S. Paulo*, na qual também exerceu várias funções: coordenador de serviços redacionais, editor de Esportes, editor da Ilustrada e, principalmente, a partir de 1972, editor de Educação. Permaneceu na *Folha* até 1979. Trabalhou no semanário político *Movimento*, de 1980 até seu fechamento, em 1981. Entre 1983 e 1985, trabalhou na TV Globo, na qual colaborou com o Departamento de Jornalismo em projetos especiais. De 1981 a 1983, editou *o Jornal dos Trabalhadores*, órgão do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores. Também foi responsável pela segunda fase do *Boletim Nacional* e outras publicações do PT.

7.1.2 – O professor

No campo do magistério superior, foi professor de Técnica de Jornal na Escola de Jornalismo Cásper Líbero; responsável pela disciplina de Sociologia da Comunicação no curso de graduação de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia; coordenador de Jornalismo da FAAP, São Paulo, e professor de disciplinas técnicas do curso de jornalismo da PUC São Paulo. Participou do projeto de criação e instalação da Universidade de Brasília, onde atuou no Departamento de Ciências Humanas. Lecionou na Universidade Federal da Bahia e na Escola de Sociologia e Política, em São Paulo.

7.1.3 – O sindicalista

No campo sindical, Perseu Abramo sempre teve participação ativa. Na década de 1950, quando a efervescência política freqüentemente unificava não apenas diversas categorias de trabalhadores, mas também estes com outros setores sociais, principalmente os estudantes, fez parte de diversas comissões universitárias de solidariedade a operários em greve e, assim, participou da greve geral de 1953, e de outras campanhas populares, como a do petróleo e a da defesa da escola pública. Na década de 1970, integrou o movimento de oposição sindical que retomou o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo das mãos dos pelegos que o dominavam. Teve atuação importante na formação da Comissão de Liberdade de Imprensa do Sindicato e na preparação das teses que, posteriormente, foram debatidas e aprovadas no Congresso de Liberdade de Imprensa, passos importantes da categoria para combater a censura da ditadura e elevar o grau de conscientização e politização dos jornalistas e dos trabalhadores em geral.

Contribuiu com a formulação e esteve presente na criação dos Conselhos de Representantes de Redação e do Conselho Consultivo desses representantes junto ao Sindicato. Nessa qualidade, participou de campanhas salariais e de negociações com os patrões. Envolveu-se na greve da categoria em 1979, de cujo comando foi um dos integrantes, tendo, como tantos outros jornalistas, sofrido as perseguições patronais que se seguiram ao fim da greve. Nessa ocasião, foi demitido da *Folha de S.Paulo*.

7.1.4 – O político

No plano político e político-partidário, Perseu Abramo também teve intensa participação. Ainda como secundarista, esteve nas campanhas da Anistia e da luta contra a ditadura Vargas, em 1945/1946. Integrou-se à Esquerda Democrática, no apoio à candidatura do líder gráfico João da Costa Pimenta ao Senado da República. Com a fundação do Partido Socialista Brasileiro, oriundo da Esquerda Democrática, passou a integrar a militância desse partido. Opôs-se ao golpe de 1964, juntamente com professores e estudantes da Universidade de Brasília, desde os primeiros momentos. Foi preso pelo Exército quando da invasão da UnB em 9 de abril de 1964, ao lado de outros professores.

Durante toda a ditadura implantada pelo golpe de 1964 fez oposição ao regime militar. Participou das lutas por liberdades democráticas, por anistia, e em apoio às oposições e às greves sindicais, e por reformas partidárias. Essa atuação o aproximou – como aconteceu também com numerosos outros jornalistas – dos líderes sindicais metalúrgicos de São Bernardo do Campo e de Santos, dos petroleiros de Campinas e dos bancários de São Paulo. Logo engajou-se no Movimento Pró-PT (1978/1979) e na fundação do PT (1979/1980). Figura entre os primeiros signatários da ata de constituição do partido, na histórica reunião de 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion, na capital paulista. Daí em diante nunca deixou de militar, não apenas nos postos de direção, mas em todas as frentes partidárias. Ocupou o cargo de secretário de Comunicação da prefeitura de São Paulo no ano de 1989, durante a gestão de Luiza Erundina

7.1.5 – Atenção especial aos estudantes

Como se percebe por sua biografia, Perseu Abramo sempre esteve disponível para atuar na defesa da democracia, e dava especial atenção aos estudantes, conforme expresso por Costa (2003:72-73). O autor relata uma reunião que Perseu manteve em casa com três estudantes, já próximo da meia-noite, quando foi tornada pública a morte do estudante de geologia da USP, Alexandre Vannucchi Leme. Preso em 16 de março de 1973, Vannucchi foi levado para as dependências do DOI-CODI, onde foi torturado dias seguidos até a morte. Com o propósito de esconder o assassinato, a polícia repressiva forjou um atropelamento. Quando a família do estudante tomou conhecimento, ele já estava enterrado no Cemitério de Perus, na periferia de São Paulo.

Segundo relata Costa, três estudantes da Universidade de São Paulo procuraram Perseu Abramo para ouvir alguém mais experiente e que já era, na ocasião, editor de Educação da *Folha*. Ao falar sobre a morte de Alexandre Vannucchi, o jornalista recomendou: “Seja o que vocês decidam fazer, tenham muito cuidado”. Em seguida, comprometeu-se a reunir no dia seguinte a maior quantidade possível de informações para ajudá-los na tomada de decisões. Ainda segundo o autor, toda informação para os estudantes era estratégica e os ajudava na análise da conjuntura. Servia para examinar como se situavam as forças políticas dentro da própria ditadura e a entender melhor o que seria possível fazer.

Assim era a militância de Perseu Abramo, seja no jornalismo, na docência e na política.

7.2 – O surgimento e a extinção da editoria de educação

Uma vez explicitada a amplitude da atuação do jornalista Perseu Abramo, é importante frisar que a *Folha,* de acordo com pesquisa realizada junto ao Banco de Dados daquele jornal, já em 1965 demonstrava interesse na cobertura de educação. É daquele ano o primeiro registro da publicação de uma seção (coluna) destinada a debater o tema. Intitulada *Problemas da Educação,* ela, muito embora editada de forma irregular, foi mantida com o nome até o início da década de 1970. A coluna tratava, como o próprio nome diz, dos problemas relativos ao universo educacional. Somente a partir de 23 de abril de 1972, a *FSP* passou a publicar semanalmente um artigo, assinado por Perseu, retratando as preocupações relativas à área. E em 14 de maio do mesmo ano, o jornal inaugurou cobertura específica de educação, mas que somente viria ganhar status de editoria em 1973.

Avalone Filho (2006), repórter de educação da *Folha* em dois períodos (1975/1979 e 1984/1985), em entrevista ao autor desta dissertação, afirma que a editoria implantada por Perseu Abramo era modelo em termos editoriais, técnicos e profissionais. Porém, diz ele, mais do que a organização, destacava-se muito naquela época uma espécie de escola de ética jornalística. “Aprendíamos muito com o Perseu; ele fazia absoluta questão de que checássemos a informação exaustivamente antes de publicar. Se não houvesse possibilidade de confirmação, não se publicava”. No artigo intitulado *Pedagogia da ética*[16], escrito por ocasião da morte de Perseu Abramo, Avalone Filho conta que Perseu tinha a prática cotidiana de explicar a pauta do dia e discutir a reportagem final com cada um dos profissionais da editoria de Educação.

[16] Disponível no portal da Fundação Perseu Abramo (www.fpabramo.com.br).

Em 1973, a partir da estruturação da editoria, o jornal passou a destinar, nos dias de semana, até cinco páginas à cobertura de vestibulares, movimento docente e a trazer correção de provas, análises e matérias sobre os então 1° e 2° graus, e artigos assinados por jornalistas e especialistas da área. Aos domingos, publicava grandes reportagens, perfis de jovens cientistas e educadores, e a coluna "Educação", assinada por Perseu Abramo. De acordo com trecho do livro já referenciado *Um trabalhador da notícia* (1997), a coluna de Perseu Abramo transformou-se em campo privilegiado para se exercer vigilância constante e combativa contra a ditadura que havia se instalado no país em 1964. A coluna contribuiu de modo significativo para a reorganização da sociedade civil após o golpe de 1964. Conforme relatado no livro já citado, os primeiros textos começam cautelosos, mas à medida que iam se consolidando as diversas frentes de resistências à ditadura, passa a intervir de maneira cada vez mais contundente, fazendo críticas abertas ao governo.

Em 14 de outubro de 1973, por exemplo, Perseu Abramo assinou texto na *FSP* no qual se solidarizava com os professores que não comemorariam O Dia do Professor, data festejada pelo governo na manhã seguinte, porque o Estatuto do Magistério não havia ficado pronto. Intitulado *"O dia de amanhã"*, o artigo retratava o abismo entre a educação que os brasileiros esperavam e aquela realmente oferecida. Ou então no artigo *"O acesso ao ensino superior"*, publicado dia 24 de dezembro daquele mesmo ano, no qual Perseu fazia análise do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) à pós-graduação, falando das dificuldades que os brasileiros encontravam para se educar.

Apesar de enxuta, no que diz respeito ao número de profissionais, a editoria de Educação se manteve modelar até 1979, quando Perseu Abramo

foi demitido da *Folha* por apoiar uma greve de jornalistas, conforme relatado anteriormente.

Esta é a contribuição dada em entrevista pelo jornalista Avalone Filho (2006), sobre a estrutura da editoria de educação da *Folha de S. Paulo* na década de 1970:

> Perseu Abramo era o editor, José Maria de Lima o subeditor, Lúcia Neiza Pereira a bibliotecária, e três repórteres: Ulisses José de Souza, Irede Cardoso e eu. José Roberto Paladino, editor eventual, também ajudava no fechamento. Ainda tínhamos o auxílio da *Agência Folha* e, eventualmente, outras pessoas contribuíam. A organização da cobertura de educação era modelo na época, e acho que até hoje. Existia um banco de dados da editoria, daí o fato de termos uma bibliotecária na equipe, e quando íamos para a rua produzir as matérias, ela nos municiava com informações que complementavam os assuntos que estavam sendo tratados naquele dia. A Lúcia Pereira era a memória da seção, ela cuidava muito bem dessa parte. Eu produzia, normalmente, as matérias de política educacional e as pedagógicas, o Ulisses as de economia da educação (tudo que envolvia números), e a Irede fundamentalmente as matérias de política, que é o que ela gostava muito de fazer. O José Maria é quem cobria todos nós, fazia copidesque (revisão do texto a ser publicado) e participava do fechamento.

É importante abrir parênteses para registrar que, apesar de pouco lembrada como jornalista de educação da *FSP* se comparada a Perseu Abramo, Irede Cardoso foi fundamental para a consolidação da cobertura do tema na década de 1970, início de 1980. Primeiramente como repórter, depois editora de Educação da *Folha de S.Paulo*, Irede abriu espaços para dirigentes sindicais e professores manifestarem opiniões críticas em pleno regime militar. Além da *Folha*, Irede trabalhou na TV Globo, onde produziu e editou quadro da ex-prefeita da São Paulo, Marta Suplicy, no extinto programa TV Mulher.

Formada em Filosofia pela USP e considerada um dos símbolos das lutas feministas e pela abertura política no Brasil, Irede Cardoso, já falecida, foi amiga da filósofa Marilena Chauí e uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores. Vereadora em São Paulo de 1983 a 1992, sempre foi eleita pelo PT. Deixou o partido em abril de 1990, passando para o PV e depois filiando-se ao PMDB em janeiro de 1992. Em 1995, num dos momentos mais confusos de sua vida política, aderiu ao PPB a convite do então prefeito Paulo Maluf, embora tenha liderado o movimento “Maluf Nunca Mais" cinco anos antes.

Feita a observação da importância de Irede Cardoso para a implantação da editoria e cobertura de educação na *FSP*, destacamos que no início da década de 1970 não era comum editorias possuírem arquivos individualizados. Ao colocar uma bibliotecária para montar o banco de dados da área de educação, conforme relato de Avalone Filho, Perseu Abramo transformava-se num precursor. Tinha ele o mesmo entendimento de Erbolato (1991), para quem a notícia, ainda que com pormenores, não possui, muitas vezes, elementos suficientes, de acordo com a importância de que se reveste.

Para Erbolato (1991:83-84),

> Há necessidade, por isso, de complementá-la, de explicá-la e de interpretá-la, a fim de que o leitor possa compreendê-la e conhecer todos os seus significados e implicações... Assim, é praxe, na imprensa, recorrer, quando possível, ao que já foi publicado, para fazer um retrospecto ou apanhado dos antecedentes de um acontecimento.

Apesar de importante e modelar para aquele período, a partir da saída de Perseu Abramo da *Folha*, em 1979, a editoria de Educação foi gradativamente perdendo importância e espaço físico dentro da estrutura do jornal, até ser completamente extinta no início da década de 1990. A cobertura de

educação foi, então, incorporada ao caderno Cotidiano, que oferece ao leitor, segundo a direção da *FSP*, informações úteis ao seu dia-a-dia nas áreas de saúde, segurança, educação, trânsito, meteorologia e direito do consumidor. Traz, ainda, notícias relativas às principais capitais do país.

Antes de a editoria de Educação da *Folha* ser formalmente extinta, o jornal protagonizou uma das mais polêmicas cobertura da área de educação de sua história. No dia 21 de fevereiro de 1988, o jornal publicou uma lista de 1.108 nomes de professores da Universidade de São Paulo (USP) que, num período de dois anos (1985/1986), não teriam publicado um único trabalho científico. Chamada à época de lista dos improdutivos, sua publicação suscitou debates, desmentidos, e acabou por estremecer por um certo período a relação do jornal com os intelectuais, conforme explicitado por Abramo (1991) no texto *Império dos sentidos – Critérios e resultados na Folha de S.-Paulo.* O estudo apresenta o festival de equívocos cometidos pelo jornal na divulgação da lista e na cobertura que ocorreu logo em seguida.

Além disso, a análise de Abramo fala sobre a estratégia de *marketing* adotada pelo jornal, notadamente após a implantação do Projeto Folha, conforme podemos ver a seguir.

Diz ele:

> A *Folha* é o jornal brasileiro que mais revela preocupação com a projeção de imagem. Seu noticiário faz freqüentes alusões aos procedimentos que teriam sido executados durante o levantamento e tratamento das notícias. O jornal edita e comercializa um *Manual Geral de Redação* em que se explicitam os princípios que, idealmente, governariam seu processo produtivo. Mais, existe em operação há alguns anos um Projeto Folha, que incorpora ações de *marketing*, reformas editoriais e de processos de produção, todas elas fartamente propagandeadas. Como é natural, um dos efeitos de toda essa divulgação é incutir no leitor a impressão de que o jornal é, de fato,

confeccionado de acordo com todos aqueles rigores e estipulações normativas. É como se a notícia carregasse, como texto subjacente, seu próprio atestado de veracidade.

No bojo das mudanças editoriais e de produção industrial, citadas por Abramo, o espaço formal de cobertura da área de educação desapareceu da *Folha de S.Paulo*.

7.3 – A setorização da cobertura de educação

O jornalista Fernando Rossetti trabalhou naquela que pode ser chamada de a última equipe de cobertura de educação, e foi também o primeiro repórter solitário do setor.

Rossetti (2006) relatou em entrevista para este trabalho:

> O primeiro período que estive na *Folha* foi entre meados de 1987 e meados de 1988. Existia uma editoria de educação que produzia uma página diária e era publicada na contracapa do caderno principal do jornal. Chamava-se Educação e Ciência. A editoria era relativamente grande: um editor, um subeditor e quatro ou cinco repórteres. Voltei para o jornal em 1990, e a editoria tinha um editor, um subeditor e dois repórteres para produzir a mesma página diária, que ainda era contracapa. Logo em seguida, ocorreu uma grande reforma gráfica, que diminuiu o tamanho do texto e a cobertura de educação foi para dentro do caderno Cotidiano. Ela migrou da contracapa, perdeu espaço próprio e passou a ter uma página semanal, sempre às segundas-feiras. Quando ocorreu essa reforma, que também foi uma reforma econômica, houve uma enxugada da redação, e, de certa maneira, eliminaram os especialistas em educação. Como eu gostava muito da área, passei a levantar e sugerir pautas que eu mesmo acabava cobrindo. A partir de 1995, depois de ter passado seis meses na África do Sul, virei repórter seto-

rista da *Folha de São Paulo* na cobertura de educação. Foi assim até 1999, quando deixei o jornal.

Vale destacar que, num período de oito anos (entre 1979 e 1987), a *FSP* saiu da condição de publicar até cinco páginas diárias sobre educação para apenas uma, conforme atesta Rossetti. Mas isso não foi proposital, segundo diz o jornalista Boris Casoy, que trabalhou no jornal de 1974 a 1988, e ocupou o cargo de diretor de redação por um período. Casoy preferiu não conceder entrevista formal para este trabalho, mas como participou da formulação do Projeto Folha, afirmou, por telefone, que em nenhum momento dos debates existiu qualquer deliberação de se acabar com a cobertura de educação na *Folha*. Para ele, houve uma diminuição na cobertura desta área porque o jornal foi se modificando por inteiro.

É também a visão do atual diretor de redação da *Folha*, Frias Filho (2006). Para ele, conforme entrevista para essa dissertação, o espaço destinado à educação diminuiu à medida que outras áreas ganharam presença dentro do jornal, como por exemplo o crescimento que houve no noticiário de economia a partir dos anos de 1980. Ele cita ainda o desenvolvimento de outras áreas, que ocorreu com o surgimento de novos suplementos de atendimento às necessidades específicas dos leitores, como as coberturas de política e de cultura.

Aliado a tais fatores, Frias Filho cita ainda a falta de "trepidação" jornalística na área de educação que justifique uma cobertura maior.

Afirma o diretor de redação da *FSP*:

O tema educação é considerado importante na pauta jornalística em geral, e na pauta da *Folha* em particular. Mas, ao mesmo tempo, é considerado um tema difícil de ser coberto. Embora as pessoas, de um modo geral, reconheçam a relevância e até o caráter fundamental desse tema, exceto quando há

> uma medida de impacto adotada na área de educação, geralmente por iniciativa do governo ou, eventualmente, do Congresso Nacional, e exceto também quando há uma crise em alguns setores da educação, normalmente é uma área que peca por falta de trepidação jornalística, de visibilidade jornalística. Então, é um desafio realmente ter uma cobertura mais completa e de melhor qualidade na área de educação, sendo um tema, digamos, tão refratário, a meu ver, ao tratamento jornalístico, exceto, como disse, quando você tem uma novidade de impacto ou uma determinada crise no setor. Nós já fizemos desenhos em que tínhamos uma pequena editoria de educação, independente do Cotidiano, e isso ocorreu em períodos de um passado recente; atualmente estamos com uma estrutura em que a cobertura de educação está a cargo de uma mesma editoria, que é a de Cotidiano, sob a autoridade de um mesmo editor, que atualmente é o Rogério Gentile.

Muito embora a linha editorial tenha sofrido mudanças radicais a partir da implantação do Projeto Folha, conforme relatado no capítulo relativo ao histórico da *FSP,* Frias Filho (2006) também apresenta a questão econômica como justificativa para a diminuição da cobertura de educação:

> Nos últimos sete ou oito anos, os jornais vieram reduzindo o seu tamanho físico, diminuindo o número de páginas destinadas à parte editorial. Os jornais começam num nível mais baixo nos anos 70, e aí crescem fisicamente. Refiro-me a São Paulo nos anos 80 e 90; a partir de 1997/1998, quando surgiu essa crise financeira que aparentemente está se encerrando agora, os jornais tomaram providências de redução de custos e reduziram o tamanho. Minha estimativa é que em relação ao final dos anos 90, a *Folha* deva ser hoje, fisicamente, de 25% a 30% menor no espaço editorial. A publicidade se manteve no nível semelhante ao dos anos 90, talvez com uma queda de 5% a 10%. De uma maneira geral, o jornal é hoje fisicamente menor do que era nos anos 90. Esses aspectos talvez ajudem a compreender essas mudanças.

Quanto ao fato de a pesquisa identificar, como ressaltado mais adiante, que a cobertura do jornal em 2002, é focada em São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, o diretor de redação da *Folha* justifica o fato dizendo que cerca de 50% dos exemplares do jornal circulam na Grande São Paulo, 30% no Interior de São Paulo, e os outros 20% nos demais Estados da Federação.

Destacam-se duas importantes questões explicitadas na entrevista do diretor de redação da *FSP*:

1) Apesar de ser considerado um dos maiores e mais importantes jornais do país, a circulação da *Folha* é circunscrita ao Estado de São Paulo: 50% na capital e 30% no interior. Somente os 20% restantes seguem para outras localidades.

Observação em relação ao item 1:

Como a circulação média da *Folha* para 2006 é de 309 mil exemplares/dia[17], a distribuição segue a seguinte ordem: 247.200 unidades ficam no Estado onde está instala a sede do jornal (São Paulo), e os 61.800 restantes seguem para venda nos demais Estados.

2) Em função de várias reformas gráficas, o jornal reduziu de 25% a 30% seu espaço editorial.

Acerca das reformas gráficas que estão sendo implementadas nos jornais brasileiros, inclusive na *FSP*, Citelli (2006) afirma que as mudanças radicais que marcam os processos de circulação comunicativa, decorrentes

[17] *FSP*, 14/01/2007

das transformações técnicas e tecnológicas, promovem alterações nos discursos jornalísticos, sobretudo os impressos.

Ao falar sobre a última reforma gráfica realizada na *Folha de S.Paulo*, em maio de 2006, o autor registrou:

> Conquanto a *Folha* assegure não haver diminuição significativa do espaço destinado aos textos, em média 1%... o colunista Demétrio Magnoli estimou ter perdido 20% do espaço; Jânio de Freitas verificou recuo na mancha que lhe era originalmente destinada e afirmou: "A nova fisionomia da *Folha* impõe dimensão fixa também ao texto nesta coluna, com uma hipótese maior, outra menor. Se o parágrafo anterior não é desprovido de sentido, a forma vem ganhar domínio sobre o conteúdo, que é a própria razão de ser deste e de outros jornais respeitáveis. É uma tendência atual em grande parte da imprensa: a prioridade ao grafismo publicitário" (*FSP*, 21/05/2006). O próprio *ombudsman*, Marcelo Beraba, reiterou que teria menos 4% de espaço para produzir criticas e comentários (2006:106-107).

Como se verifica, a *Folha* passou por significativas mudanças gráficas e editoriais, notadamente entre as décadas de 1980 e 1990, o que alterou, conseqüentemente, a maneira de produzir e editar as reportagens. Essas transformações também se refletiram na cobertura da área de educação, segundo explicitado pelo próprio diretor de redação do jornal, Frias Filhos, e conforme atestam os resultados obtidos nesta pesquisa. O capítulo a seguir destina-se à exposição e análise desses dados.

8. Análises dos resultados

8.1 – Padrão de indexação

Segundo Borin (1987:96), normalmente a técnica de pesquisa por amostragem permite chegar a resultados significativos, mesmo quando é feito um recorte no conjunto universo a ser pesquisado, desde que o seu grau de homogeneidade seja significativo. No caso da nossa amostra, conforme devidamente justificado no capítulo relativo à metodologia, foram analisadas 31 edições da *Folha de S.Paulo* relativas ao ano de 1973, e outras 31 edições de 2002. Chegamos, desta forma, ao que, em metodologia, é classificado de mês composto: ou seja, os 31 dias pesquisados em 1973 compõem a amostra para todo aquele ano, bem como a coleta de dados dos 31 dias de 2002 refletem o segundo período do trabalho.

Seguindo procedimento definido para a Ficha de Pesquisa, elaborada para conduzir a coleta das informações relativas a 1973 e 2002, foram anotadas as seguintes observações para cada uma das reportagens encontradas: 1) data da sua publicação; 2) número da página; 3) título da matéria; 4) centimetragem por coluna (espaço físico da matéria na página); 5) cidade de origem da produção; 6) nomes dos principais entrevistados; 7) setor de atuação: público/privado. Além disso, cada matéria foi identificada por uma palavra-chave, a exemplo de vestibular, MEC, concurso público etc.

Levando-se em consideração que critérios de indexação são sempre relativos, e que os nossos poderiam não ser os mesmos adotados pelo Banco de Dados da Folha ou outro pesquisador para registrar a publicação das matérias de educação na *FSP*, adotamos aquele que acreditamos mais poderia se assemelhar à visão do leitor no momento da leitura do jornal: folheamos todas as páginas das edições *standard* indicadas para pesquisa e identificamos as matérias de educação conforme iam se apresentando no jornal: ora pelo próprio título, que indicava tratar-se de matéria relativa ao tema, ora pelo conteúdo da reportagem, ora pela indicação de editoria específica, como ocorreu no período relativo a 1973. A leitura foi feita da primeira à última página da publicação editorial do jornal. Foram, evidentemente, descartados da leitura os cadernos destinados à publicidade.

A primeira observação diz respeito ao padrão gráfico da *Folha*, o que contribuirá para o entendimento da linha editorial implementada pela direção do jornal em cada um dos períodos. Diferentemente da distribuição dos cadernos e editorias na *Folha* em 2002, que explicita sua cobertura ao definir áreas específicas de matérias, o padrão adotado em 1973 não demonstrava claramente essa mesma preocupação.

Exemplo:

Em 1973, a cobertura da *Folha* era apresentada aos leitores por meio das seguintes editorias, segundo padrão diário de edição: Exterior (internacional), Nacional (País), Local (cobertura da Grande São Paulo), Necrologia, Educação, Economia, Interior (Estado de São Paulo), Esportes e Ilustrada, além de cadernos semanais, como Transportes e Agropecuária. O número de páginas em cada edição variava entre 36 e 44. É interessante observar que a editoria de Exterior ocupava as página 2, 5 e 6 do jornal. Nas intermediárias 3 e 4 eram editadas matérias do Brasil. O padrão gráfico daquele ano não encontra similar na atualidade, quer pela distribuição das editorias, diagramação ou padrão tipográfico. Além dessa constatação, em várias edições de 1973 encontramos as editorias ora no início da publicação, ora no final. Elas não tinham página fixa. Parte delas "flutuava" no corpo do jornal, segundo a necessidade de fechamento do dia.

Em 2002, a *FSP* distribuía sua cobertura jornalística nas seguintes editorias: Brasil (política e movimentos sociais), Mundo (internacional), Ciência (pesquisas), Cotidiano (saúde, segurança, trânsito, direito do consumidor e educação), Dinheiro (conjuntura econômica e negócios), Esporte (principalmente o futebol), Ilustrada (cultura e entretenimento). Além disso, publicava os seguintes cadernos semanais: Folhateen (música, cultura, ensino, comportamento, sexualidade; foco centrado no adolescente), Folha Informática (serviços e matérias sobre o uso do computador), Folha Equilíbrio (saúde e qualidade de vida), Folha Turismo (serviços e principais destinos no Brasil e no mundo), Guia da Folha (programação cultural e gastronômica), Folhinha (foco na criança), Mais (literatura, sociologia, filosofia e artes) e Revista da Folha (moda, família, comportamento, atualidades e consumo). Na edição de domingo trouxe cadernos comerciais, tais como: Folha Veículos (serviços, compra e venda), Folha Construção (serviços e dicas sobre o

comportamento do setor), Emprego (serviços e classificados), Folha Negócio (orientação para montagem de empresas) e Folha Imóveis (serviços, compra e venda).

8.2 – Números que indicam padrão editorial

Na pesquisa relativa ao ano de 1973[18], foram encontradas 415 ocorrências relacionadas ao tema educação, o que permite inferir que a *FSP* publicou, em média, 13,8 matérias de educação por dia naquele ano. Deve-se ressaltar que, na ocasião, a cobertura que envolvia o tema era editada, normalmente, em até cinco páginas diárias do jornal. Porém, duas edições das 31 pesquisadas naquele ano merecem destaque:

Primeiro destaque - Em 7 de janeiro de 1973, a *Folha* publicou em sete páginas do jornal um total de 24 matérias (18 sobre a cobertura de vestibulares que estavam ocorrendo naquela semana), carta enviada ao jornal por um professor fazendo críticas ao sistema de defesa de tese, e três artigos. Perseu Abramo era um dos três articulistas e falava do sistema de exclusão imposto pelo modelo de vestibular vigente àquela época; o jornalista Emir Nogueira assinava outro artigo, que analisava a origem dos nomes próprios; o terceiro texto havia sido publicado originalmente pelo jornal francês *Le Monde,* assinado por Jean-Pierre Bernard. Tratava de uma antiga discussão, muito presente no mundo atual: a transferência de tecnologia para os países em desenvolvimento.

[18] Anexo I

É este o quadro resumo da Ficha de Pesquisa para o dia 7 de janeiro de 1973:

DATA	PÁG	TÍTULO	CM/COL	ORIGEM	FONTE	SETOR	TEMA	P.CHAVE
07/01/73	21	CESCEA: horários e locais	49	SP		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	21	Prazos de matricu-las	12	SP			Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	21	No Ceará, batalha dos exames	19,5	Fortaleza		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	Começa hoje a grande guerra dos vestibulares	8,5	SP/RJ		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	Muito cuidado com o número alfabético	33			Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	O Mapofei tem 4.040 vagas para oferecer, hoje	26	SP		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	Medicina lidera a procura no Cescem	20	SP		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	Testes dão muito trabalho a quem os formula	81	SP		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	Preparativo para que tudo corra bem	39	SP		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	Recomendações fi-nais para os candi-datos	14	SP		Indefini-do	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	23 AR-TI-GO	Alquimias, Alqui-minas...	46	ARTIGO	Perseu Abramo			Crítica, vesti-bular
07/01/73	23	Na FIA, 1.300 para 990 vagas	10				Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	23	Escola vai à justiça com ações contra SE	17,5	Ribeirão Pre-to	Dir. da Es-cola – Prof. José Moreno Cabrerizo	Público	Ensino Médio	Contestação ju-dicial contra SE
07/01/73	23	Computação terá plano de ensino	9,5			Público		Ensino de in-formática
07/01/73	23	Em Pernambuco, candidato cego faz vestibular	14	Recife	Coordena-dor do ves-tibular da UFPE	Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	23 AR-TI-GO	Nomes próprios. A língua nossa de cada dia	40	ARTIGO	Emir No-gueira			Nomes própri-os
07/01/73	23	Exames não impe-dem aula	19,5	SP		Privado	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	23	No Cescea, o maior exame	7			Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	23	Inscrições em Mogi	31,5			Privado	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	24	Mapofei: horários e	63			Público	Ensino Superior	Vestibular

		locais						
07/01/73	25	CESCEM: horários e locais	38,5			Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	25	Hoje, cerca de duzentas escolas	29			Privado	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	26	Matrículas para colégios agrícolas	33,5				Ensino Médio	Inscrições abertas Colégios agrícolas
07/01/73	26	Brasileiro pesquisa em Londres	13,5	Londres	Prof. Euclides Joaquim Lourenço	Público	Ensino Superior	Pesquisa
07/01/73	26	Dia 11 começa concurso para os servidores	42	SP		Público		Concurso público
07/01/73	26	Ciências Agrárias	5,5	Brasília		Público	Ensino Superior	MEC institui comissão agrária
07/01/73	27 CARTA	Carta sobre "O suplício regimental das tradicionais defesas de tese	260	CARTA	Carta de um professor		Ensino Superior	Críticas ao sistema de defesa de tese
07/01/73	27 ARTIGO	Injeção de tecnologia	120	Copyrigth – Le Monde – Opera Mundi	Jean-Pierre Bernard			Resultado de reunião em Paris que debateu a transferência de tecnologia para os países em desenvolvimento

Segundo destaque - A outra edição a merecer destaque na pesquisa relativa ao ano de 1973 é a de 25 de agosto. Nela foram encontradas uma chamada de capa, uma reportagem na editoria de Exterior e outra na de Interior, além de 23 matérias editadas em duas páginas da editoria de Educação.

Vale destacar que nesta data a *Folha* abriu espaço para duas matérias sobre os conflitos políticos no Chile, que vivia um iminente golpe de Estado. Porém, ao invés de produzir reportagens políticas, o jornal optou pelo viés da cobertura estudantil. Em uma das matérias, com dados fornecidos pelas agências internacionais AFP e AP, são retratados os choques entre

policiais e estudantes na capital Santiago. Noutra, que não identifica a origem mas se acredita também seja retirada de telegramas enviados pela agência AFP e AP, fala-se da reorganização do gabinete do presidente comunista Salvador Allende. Ambas têm como pano de fundo a cobertura de protestos estudantis.

Dezessete dias depois dessa segunda edição que destacamos (25 de agosto), e após sangrento golpe perpetrado pelos militares chilenos, comandados pelo general Augusto Pinochet, Salvador Allende foi deposto. Entrincheirado na resistência do Palácio de La Moneda, em 11 de setembro de 1973 Allende cometeu suicídio para não ser preso pelos militares golpistas.

Esta é a tabela resumo da Ficha de Pesquisa para o dia 25 de agosto de 1973:

25/08/73		Novos choques nas ruas de Santiago	99	Santiago(AFP E AP)	Salvador Allende – Presidente, General Carlos Prats e Orlando Latelier – Ministro do Interior e da Defesa			Protesto de estudantes por causa do prolongamento das férias, devido à greve dos transportes
25/08/73		Há engenheiros demais, diz conselheiro	32	Brasília	Tarcísio Damy – CFE	Privado	Ensino Superior	Pedido para abertura da Faculdade de Engenharia Eduardo Prado, da Associação dos Empregados de Comércio de SP, foi indeferido devido à saturação de diplomas de engenharia
25/08/73	02 - Exterior	Allende tenta reorganizar o gabinete	64	Santiago	Salvador Allende – Presidente, General Carlos Prats e Orlando Latelier – Ministro do Interior e da Defesa			Estudantes protestam contra férias forçadas
25/08/73	10	Sugerida no Congresso inclusão da hipnose no currículo odonto-	52	RJ	Álvaro Badra – Dentista		Ensino Superior	Inclusão da hipnose no currículo

		lógico						
25/08/73	10	Expediente da Educação Atos oficiais	101	Expediente da Educação Atos oficiais				Expediente da Educação
25/08/73	10	USP: Alunos já têm seus representantes	14	SP	Fernando Gomes da Silva, Maria Helena Dib, Aparício Dias, Luiz Carlos Morgado, José Eduardo Murtinho Hornos e José Marcos Lemos Forch – Alunos	Público	Ensino Superior	Lista dos representantes eleitos
25/08/73	10	FATEC termina o vestibular com desenho	09	SP		Público	Ensino Superior	Prova de desenho é a última do vestibular
25/08/73	10	Passarinho vai a Conferência Internacional	09	Brasília	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação, Newton Lins Buarque Sucupira – MEC, Abgard Renault, Walnir Cavalcante Chagas – CFE, Luiz Vilarinho Pedroso, Pery Porto e Milton Guilherme Câmara Rebordão			Passarinho e delegação vão a Conferência Internacional
25/08/73	10	Sociólogos elegem nova diretora	06	SP				A Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo vai eleger nova diretoria
25/08/73	10	Curso para auxiliar de dentista	9,5	RJ				Curso para auxiliar
25/08/73	10	Mestre hindu faz o elogio da juventude	11,5	Recife	Tilak e Jyothy – Mestres Hindus	Público	Ensino Superior	Conferência no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE
25/08/73	10	Convênio beneficiará alunos e professores	25			Público		SE e Secretaria da Agricultura firmam convênio
25/08/73	10	Experiência didática faz sucesso na UFPE	25	Recife	Fernando Sodré – Professor UFP	Público	Ensino Superior	Sistema de ensino personalizado Sherman – Keller
25/08/73	10	MOBRAL vai cooperar com o Chile	7,5	RJ	Francisco Tokos Mentlik – Professor do Chile	Público		Acordo para utilização do MOBRAL no Chile
25/08/73	10	Novos cursos	4,5	Blumenau		Privado	Ensino	Pedido de autoriza-

							Superior	ção junto ao CFE para abertura de novos cursos (FUNDESTE)
25/08/73	10	Comemorações na Universidade Federal de MG	12		Antônio Carlos Ribeiro de Andrada – Ex-presidente, Marino Mendes Campos – Vice-reitor	Público	Ensino Superior	46º aniversário da UFMG
25/08/73	10	Vestibulares	27,5					Edital de vestibulares
25/08/73	10	Aniversário da Faculdade de Medicina	8,5	SP	Miguel Reale – Reitor da USP, Orlando Marques de Paiva – Vice – Reitor da USP, Flamínio Fávero, Edmundo Vasconcelos – Médicos e Getúlio Lima Jr. – Secretário da Saúde	Público	Ensino Superior	60º aniversário da medicina da USP
25/08/73	11	Terapeutas ocupacionais reúnem-se hoje	90	SP	Póla M. Poli, Nilza M. N. Maciel, Pessia G. Meyerhof, Veridiana Arb, Maria Cristina Tassinari, Darcy de Oliveira Domingos, Maria Helena Pollini, Oacy Veronesi Taylor, Keito Tanigak e Fátima Tereza de Freitas			Encontro de terapeutas ocupacionais
25/08/73	11	Alunos de Economia discutem extinção	44	SP	Francisco José Camargo, Laerte de Almeida Morais – Professores	Público	Ensino Superior	Extinção do curso noturno de economia
25/08/73	11	Novos cursos na UMC	10			Privado	Ensino Superior	Novos cursos na UMC
25/08/73	11	Em BH, Simpósio de historiadores	44	BH	Eurípedes Simões de Paula, Marcelo Vasconcelos Coelho, Francisco Iglesias, Ivo Porto de Menezes, José Honório Rodrigues, Eduardo D'Oliveira França, Raul Lima e Lygia Cunha –		Ensino Superior	Simpósio de historiadores

					Professores			
25/08/73	11	É difícil formar bons administradores	50		Frederick Harbison – Professor		Ensino Superior	Professor aponta falha no ensino de administração
25/08/73	11	Estudantes comemoram a "peruada"	13,5	SP		Público	Ensino Superior	Alunos de Direito comemoram "peruada"
25/08/73	11	Os sociólogos elegerão seus dirigentes	07	SP				Eleição da Associação dos Sociólogos do Estado de SP
25/08/73	11	Novela vai começar	5,5	RJ				Novela teledidática
25/08/73	12 – Interior	VI Olimpíada Estudantil	09					Olimpíada Estudantil

Comentário: Observamos na coleta de dados dos meses de agosto e setembro de 1973 que a *Folha* trazia reportagens sobre a possibilidade de golpe no Chile, mas nenhum texto tratava da ditadura militar brasileira. Estava em vigência, no Brasil, o AI-5, que impunha uma série de restrições à vida política no país, inclusive censura à cobertura jornalística.

Pesquisa de 2002

A pesquisa relativa a 2002[19] apresentou 68 registros de matérias relacionadas ao tema educação. Esse dado permite inferir que a *FSP* publicou, em média, 2,19 matérias de educação por dia naquele ano. É importante observar que naquela ocasião não mais existia editoria específica de educação

[19] Anexo II

na *Folha,* e toda a cobertura do tema era, como ainda o é, veiculada no Cotidiano.

Gostaríamos de destacar duas edições relativas ao ano de 2002:

Primeiro destaque - Em 27 de maio de 2002, foram publicados na *FSP* um editorial, cujo título era "Melhorar o ensino", e quatro matérias relativas ao ensino superior.

A tabela resumo da Ficha de Pesquisa para esta data:

27/05/02	A2	Editorial -Melhorar o ensino	24		Ricardo Paes de Barros	Público	Infantil, Fundamental, Médio e Superior	Educação
27/05/02	C1	Movimentos sociais reivindicam espaço	32	RJ	Beto Custódio – Ministério da Educação	Público	Ensino Superior	Educafro
27/05/02	C1	Reitores querem mais recursos	24	RJ	Paulo Alcântara Gomes	Público	Ensino Superior	Universidades Brasileiras
27/05/02	C1	Aluno de federal tem perfil menos elitista	10	RJ		Público	Ensino Superior	Questionário socioeconômico do Provão
27/05/02	C1	Vagas não trazem pobres à universidade	138	RJ	Paulo Alcântara Gomes	Público	Ensino Superior	Perfil do Ensino Superior

Segundo destaque - A edição de 16 de junho de 2002 ganha destaque não pelo número de matérias publicadas no Cotidiano (quatro no total), mas pelo espaço que abre na página 3 (Tendências e Debates) para o professor Isaias Raw criticar artigo do jornalista Gilberto Dimenstein que falava da perda de importância da Universidade de São Paulo (USP).

Abaixo a tabela resumo da Ficha de Pesquisa para esta data:

16/06/02	C5	Governos deixam Paraisópolis sem escola	96	SP	Cláudia dos Santos Silva, Antonio Carlos, Grazielli, Creuza Gomes, Natália Amorim, Natasha e William, Mônica Mation e Rodrigo Lobato Junqueira Enout	Público	Infantil, Fundamental e Médio	Falta escola na favela de Paraisópolis
16/06/02	A3	As universidades e o desenvolvimento	57		Autor: Isaias Raw		Ensino Superior	Crítica de um artigo do Dimenstein sobre a perda de importância da USP
16/06/02	C12	FGV tem provas de segunda fase hoje	06			Privado	Ensino Superior	Vestibular
16/06/02	C12	STJ autoriza volta de cursos suspensos	12,5		Laurita Vaz – Relatora ministra		Ensino Superior	Volta de cursos suspensos
16/06/02	C10	Fim de escola deixa Bom Retiro menos judeu	96	SP	Max Waintraub – Escola Renascença	Privado	Infantil, Fundamental e Médio	Escola judaica se muda do bairro
16/06/02	C5	Colégio do Estado tem salas ociosas	25	SP	Marta Suplicy, Neusa Rodrigues da Fonseca Abreu, Cristina Alves Becerra e Monica Mation	Público	Infantil, Fundamental e Médio	Governo e prefeitura divergem sobre vagas

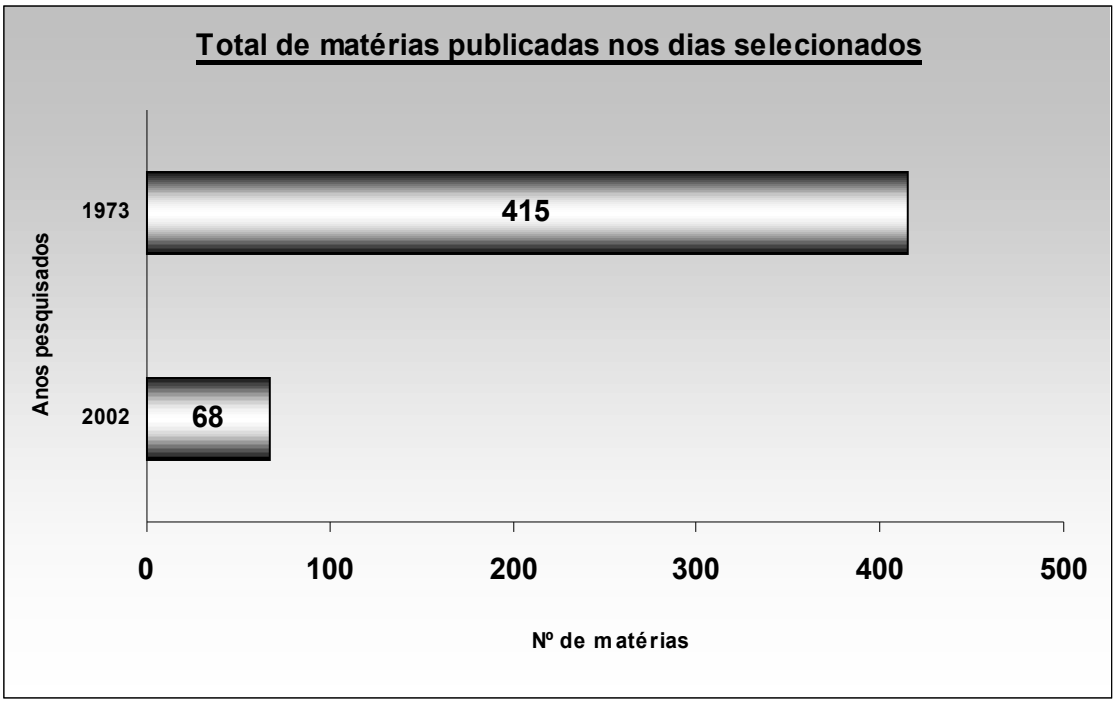
Comentário

A redução no número de matérias de 2002 comparada com 1973, demonstra a evidente aplicação do prescrito no item 4 do Projeto Folha de 1997, já citado, que afirma o princípio de redução da cobertura geral da *Folha*, quando diz: "é recomendável que a gama de assuntos a ser cobertos até mesmo se reduza em alguma medida".

8.3 – Número de matérias publicadas

Uma vez contextualizado o padrão editorial de cobertura da *Folha* nos dois períodos da pesquisa e identificadas significativas mudanças editoriais na concepção da cobertura da área de educação, apresentaremos seis gráficos, por meio dos quais são relacionados os principais resultados dos dados coletados através da leitura do jornal e devidamente registrados nas Fichas de Pesquisa.

Por meio do gráfico a seguir, observamos que a *Folha* reduziu sua cobertura de educação, em 29 anos, em 83,63%. No ano de 1973, houve 415 ocorrências de matérias relacionadas ao tema, enquanto em 2002 esse número foi de 68.



Comentários

Como visto neste e no capítulo anterior, vários foram os fatores que motivaram a *FSP* a reduzir sua cobertura de educação: foram citados a questão econômica, as mudanças gráficas e editoriais, notadamente após a implantação do Projeto Folha, e ainda a falta de "trepidação jornalística", como admitiu seu diretor de Redação, Frias Filho. Mas identificamos um quarto: a migração de temas antes editados em educação, no ano de 1973, e que em 2002 poderiam ser encontrados em outras editorias da *Folha*, a

exemplo de Ciências e Mundo. A questão já havia sido levantada pela Banca de Qualificação deste trabalho de mestrado, e voltou a ser objeto de comentário da jornalista Ana Estela de Sousa Pinto, Editora de Treinamento e encarregada pela direção da *Folha* de interpretar os dados da nossa pesquisa por ocasião da entrevista que nos daria, em 05/12/2006, o diretor de redação do jornal.

Partindo desta premissa, poderiam estar em outras áreas da *Folha*, em 2002, por exemplo, matérias que em 1973 tinham os seguintes títulos:

1) Presidente da sociedade psicanalítica fala sobre o futuro da psicanálise;
2) Acervo de Ouro Preto;
3) Congresso Internacional de Física Nuclear;
4) Congresso de geologia e engenharia;
5) Concurso para serviço militar;
6) Reforma gramatical chinesa;
7) Esses importantes seres chamados micróbios.

Segundo Ana Estela, em 2002 a *FSP* não consideraria matéria os seguintes registros encontrados na pesquisa relativa ao ano de 1973:

1) Expediente da educação – Atos oficiais do governo do Estado;
2) Centenário do colégio Culto à Ciência de Campinas;
3) Homenagem ao organizador da primeira Bienal;
4) Premiados na festa da canção colegial;
5) Jogos estudantis – olimpíada estudantil;
6) Dentistas vão se reunir na Argentina;

7) Curso para auxiliar de dentista;

8) Eleição para representantes discentes da faculdade de biologia da USP;

9) Desfile de bandas escolares.

Antes da entrevista com o diretor de Redação da *Folha*, Ana Estela encaminhou ao pesquisador, via e-mail, duas observações. Na primeira, afirma que 2002 foi ano de eleições e Copa do Mundo de futebol, acontecimentos que obrigatoriamente drenam interesse e ocupam espaço do jornal. A segunda é que, apesar disto, houve aumento no número de matérias de educação em relação a anos anteriores, conforme tabela encaminhada por ela e reproduzida abaixo:

1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
2078	1491	1836	1649	2081	2486	2518	2099	1582

Fonte: Direção da *Folha de S.Paulo* .* 2006 parcial até novembro

OBS: Segundo a tabela, pelo critério de indexação adotado pelo Banco de Dados do jornal, há certa regularidade no número de matérias de educação publicadas pela *Folha*.

Perguntada, também via e-mail, sobre as regras de indexação utilizada pelo Banco de Dados da Folha para registrar matéria de educação, Ana Estela respondeu:

> Não há uma regra fixa para indexar uma matéria de educação no arquivo eletrônico da *Folha*. Os indexadores lêem as matérias e incluem os temas principais no campo “assunto”. Geralmente, matérias que tratem de educação formal, escolar, de universidades, de sistemas de ensino, de comporta-

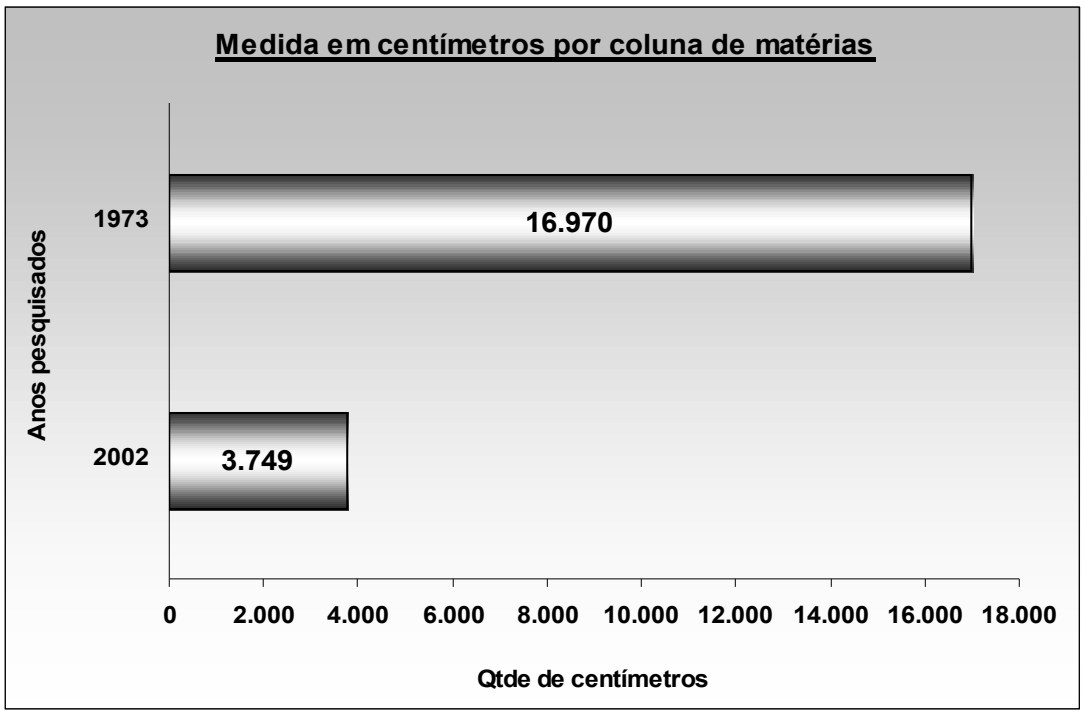
mento, relacionadas a escolas, são indexadas com esse assunto. Mas uma mesma matéria pode ter vários assuntos.

Nos números fornecidos pela *Folha*, estão incluídas matérias de três edições do caderno Fovest de 2002 (28/3, 11/7 e 25/7), além de 46 reportagens veiculadas no caderno Sinapse, de 26/11.

Essas publicações não foram consideradas na nossa pesquisa porque se tratavam de cadernos especiais. Conforme justificado no capítulo sobre a metodologia, adotamos a leitura do jornal *standard* como parâmetro para 1973 e 2002, o que permite comparar os dois períodos sem correr riscos de distorções. Além do mais, o padrão de indexação por nós adotado permite identificar apenas e tão somente matérias de educação, sem nenhuma outra variante.

8.4 – Análise de centímetro por coluna

O próximo gráfico compara os anos pesquisados no que diz respeito ao espaço físico ocupado pelas matérias de educação na *FSP*. Neste quesito houve redução de 77,91% na área de cobertura do jornal.



Comentários

O gráfico confirma a tendência de redução entre 1973 e 2002 na cobertura de educação por parte do jornal. Seus dados estão intimamente relacionados ao resultado apontado no primeiro gráfico que apresentamos. Como diminuiu o número de matérias de educação na *FSP*, seria natural que a sua área física de edição das reportagens também fosse reduzida. Em 1973 a área de matérias ocupou 16.970 centímetros por coluna, contra 3.749 em 2002.

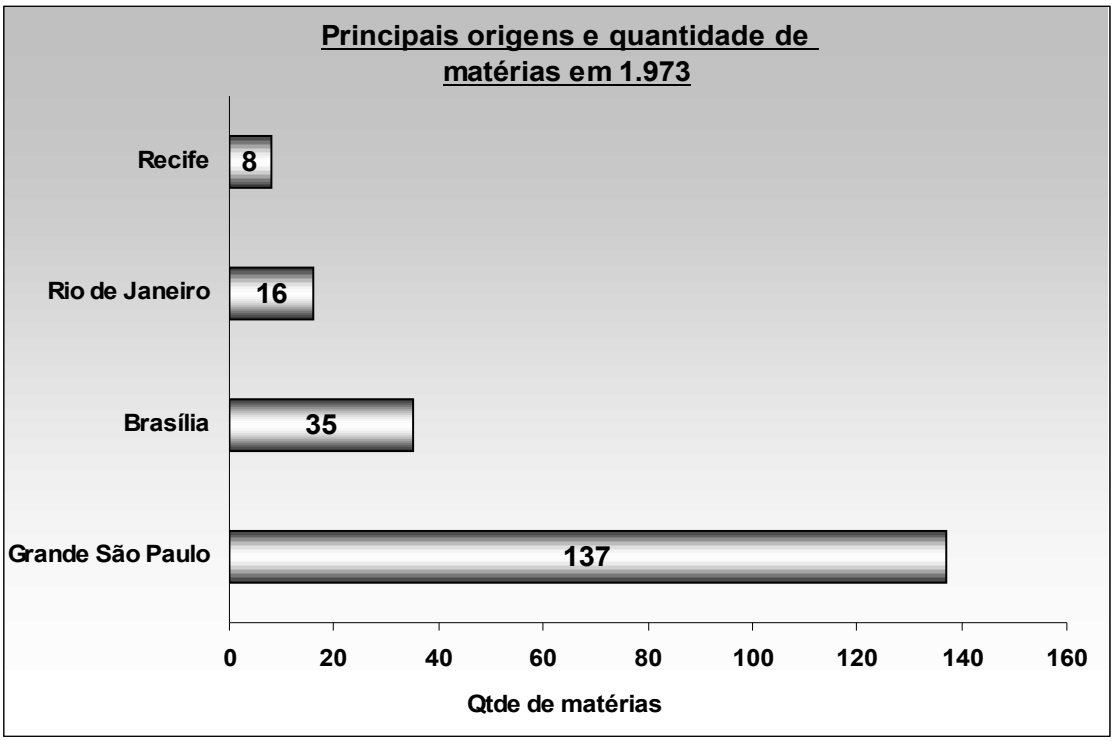
Ao analisar esta questão, Frias Filho disse, em sua entrevista:

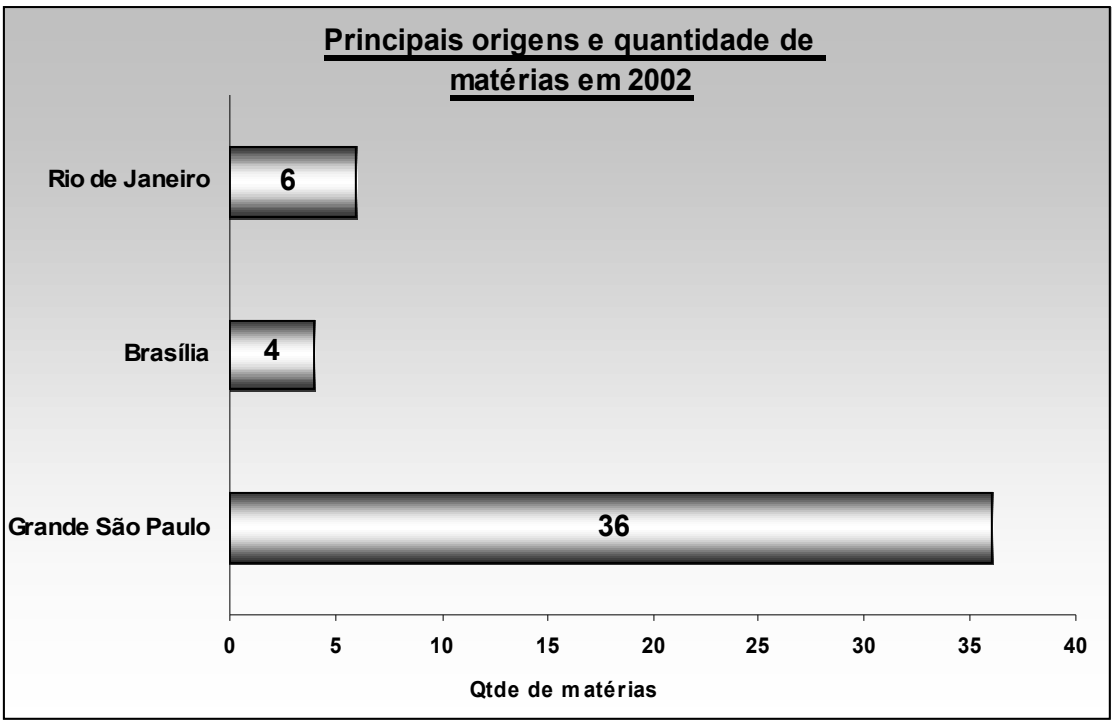
> Não acho certo dizer que uma cobertura de quatro ou cinco páginas seja necessariamente melhor do que uma cobertura de uma ou meia página. Não quero criticar a cobertura que era feita no passado, até porque eu não estava aqui (na *Folha*), mas acho preferível uma matéria informativa bem feita

sobre qualquer assunto a ter várias páginas que sirvam um pouco para tapar buraco. Não acho necessariamente que essa redução seja algo de ruim.

8.5 – Origens das matérias

Os gráficos a seguir mostram as principais cidades de origem das matérias sobre educação publicadas na *FSP,* e possibilitam identificar concentração em São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. O primeiro gráfico, relativo a 1973, identifica 137 reportagens produzidas em São Paulo, 35 em Brasília, 16 no Rio de Janeiro e 8 no Recife. Em 2002, (segundo gráfico) há 36 matérias originadas em São Paulo, 4 em Brasília e 6 no Rio de Janeiro.





Comentários

Evidentemente, há a certeza que o foco principal da cobertura jornalística se concentra nos principais centros de poder de cada país ou região do mundo. Mesmo diante dessa constatação, respaldada por estudos acadêmicos e jornalísticos, não deve deixar de ser observado que este comportamento faz com que o jornal retrate a realidade de determinadas partes ou segmentos da sociedade e não o seu todo. A informação pode ser coletada sistematicamente nos principais órgãos dos governos estaduais (neste caso, nossa pesquisa indica São Paulo e Rio de Janeiro) e no governo federal, por meio do Ministério da Educação (MEC), ignorando as realidades ou fontes regionais. Pode, dessa forma, repetir seleto grupo de fontes. Abrem-se espaços jornalísticos sempre às mesmas pessoas, entidades ou órgãos, não dando voz ao conjunto da sociedade vinculado às questões educacionais.

Apesar de os períodos analisados registrarem indicativos dessa concentração, em 1973 a cobertura da *FSP* foi plural no que diz respeito à publicação de matérias oriundas de Estados fora do eixo São Paulo/Brasília/Rio de Janeiro[20]. Foram encontradas 17 matérias produzidas em cidades como Fortaleza, Aracaju, Blumenau (3 reportagens), Florianópolis (5 matérias), Ouro Preto, Itajaí, Goiânia, Belo Horizonte e Natal. Em 2002 não foi encontrada uma única matéria feita fora do referido eixo.

Segundo disse em entrevista ao autor o jornalista Avalone Filho (2006), a falta de cobertura da área de educação em outros Estados, pela *FSP*, em 2002, reflete não só a maneira com que o jornal trata a cobertura desta área, mas a forma de se fazer jornalismo na atualidade:

> É mais expresso, mais urgente, dá para fazer mais rapidamente. Num passado não muito distante, o repórter, quando tinha de produzir uma matéria, pegava o motorista e saía para a rua. Ia para a USP, para um sindicato, para um instituto de pesquisa, para uma determinada secretaria municipal ou estadual, para uma escola. Ia lá e entrevistava as pessoas, pegava as informações, conferia os dados. Hoje, senta em frente ao computador e pede respostas ao Google, pede respostas ao MEC.

O diretor de redação da *Folha*, Frias Filho, admite que a cobertura do jornal é centrada no eixo São Paulo/Brasília/Rio de Janeiro, e oferece a seguinte explicação:

> São limitações que me parecem, em alguma medida, inevitáveis em qualquer cobertura, pela simples e boa razão de que os recursos são sempre mais restritos do que a gama de temas que poderiam, em tese, ser objeto de atenção jornalística. Evidentemente, qualquer veículo ao ser publicado, faz um recorte na realidade e só traduz, digamos, para o seu público, uma fra-

[20] Ver Anexo I

ção muito restrita, específica desse recorte da realidade. Quer dizer, um jornal que se propusesse a relatar tudo que aconteceu nas últimas 24 horas, seria quase por definição um jornal com um número infinito de páginas; então você tem de fazer escolhas, opções, resumos e deixar certos aspectos negligenciados.

8.6 – Análise da cobertura centrada no eixo SP/Brasília/Rio de Janeiro

A concentração da cobertura de educação da *Folha* em três grandes centros de poder (São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro), aliada a análise das fontes de informações que podem ser identificadas no Anexo II (majoritariamente ligadas a órgãos oficiais), remete à reflexão de que ela pode conter caráter oficial e ser produzida com informações básicas do MEC e das secretarias estaduais de Educação. A análise pode ser feita seguindo duas vertentes: 1) Analisando, no Anexo II, a coluna referente às fontes, na qual aparecem com freqüência as falas do presidente da República, do ministro da Educação, de prefeitos e de secretários estaduais e municipais. Professores de escolas, públicas ou particulares, aparecem somente de forma secundária. 2) Uma segunda maneira de se identificar a forma oficialesca de cobertura da *FSP* em relação à educação está contida no texto do *ex-ombudsman* Bernardo Ajzemberg, publicado em 24 de novembro de 2002.

Vejamos:

Editoria: BRASIL Página: A6
Título: Recuo na Educação
BERNARDO AJZENBERG

Quebrando a tradição de muitos anos, a *Folha* relegou a segundo plano, em 2002, o acompanhamento jornalístico da situação da Educação no país. Em alguns momentos, deixou de publicar fatos importantes. Em outros, abandonou o criticismo, princípio caro ao jornalismo que defende.
O modo como se noticiaram os resultados do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), dia 13, e o Censo do Ensino Superior, quinta passada, foi ex-

pressivo.
Os textos das reportagens possuíam visível tonalidade "oficialesca". Nenhuma análise crítica foi acoplada a eles. Declarações? Só do Ministério da Educação.
No caso do Enem, o ministro Paulo Renato, por exemplo, atribuía a culpa pelo pior resultado desde 98 ao "aumento da participação de alunos cujos pais têm baixa escolaridade, fator que prejudica o acompanhamento e o desempenho escolar".
A reportagem foi incapaz de produzir, ali ou depois, algum contraponto a essa avaliação, no mínimo, polêmica.
A *Folha* publicou um curto editorial sobre o tema, mas foi preciso um texto de alguém de fora (Miguel Jorge, em "A nota baixa do ensino médio", página A3, dia 20) para que surgisse algo mais crítico e aprofundado.
Até sexta, a situação era a mesma no caso do Censo. Nenhum contrapeso às comemorativas considerações oficiais foi exposto, por exemplo, quanto ao fato de ter subido 96%, de 95 a 2001, o total de alunos em universidades ou faculdades privadas à noite. Isso é mesmo bom? Qual é a qualidade desses cursos?
No primeiro semestre, a USP enfrentou meses de greve em algumas faculdades. O jornal só "entrou" no assunto em junho. Mesmo assim, com evidente fragilidade, por exemplo, na reprodução de como se organizava o movimento. Sem falar na demora para apresentar uma radiografia da situação penosa da principal universidade do país.

Exceção e regra

Houve exceções: a cobertura do provão (que avalia os cursos superiores), em junho, incluía críticas de associações de reitores e de universidades particulares; e um balanço da "era FHC", em 21/10, mostrava como o governo, ao privilegiar o ensino fundamental, deixou se acumularem problemas nos outros níveis.
Como sempre, porém, elas confirmam a regra: é incompreensível que o jornal, sabedor das críticas e dos problemas do setor, não os tenha incorporado com regularidade no tratamento dedicado a ele.
O editor-adjunto de Cotidiano, Daniel Bramatti, concorda "em parte" com essa avaliação: "A *Folha* não fez da cobertura de Educação uma prioridade em 2002 e nisso não foi diferente dos demais grandes jornais".
Ressaltando as cerca de 30 edições do Fovest publicadas desde março, ele faz uma ressalva: "No caso dos vestibulares, o desempenho foi bom e superior ao dos concorrentes".
Sobre vestibular, de fato, penso que o problema maior foi outro.

Fuvest

Eles encabeçam as reportagens da *Folha* no dia seguinte às provas da Fuvest nos últimos três anos. O mote de todos é a porcentagem de estudantes que, apesar de inscritos, não fizeram o exame.
Mas não é só o teor dos títulos que se repete. Com variações mínimas, o esquema é o mesmo também nos textos.
O de 2000 começa dizendo qual foi a abstenção (3,37%), registra depois o grau de dificuldade das provas e, à parte, conta o caso de alunos que perderam o exame por causa de atraso. Em 2001, a ordem foi abstenção (3,55%), casos de atraso, grau de dificuldade. Em 2002: abstenção (3,77%), dificuldade, atraso.
Será que essa mesmice reflete a realidade de cada momento? Ou ela pro-

vém, no fundo, de um esquema pré-fabricado de cobertura que prescinde das "ruas"?
O caso do domingo passado responde com nitidez.
Pela primeira vez, todas as provas foram reunidas num único dia, caindo de 160 para 100 o número de questões; o tempo de permanência na sala subiu para cinco horas seguidas, havendo, em média, três minutos para a resolução de cada teste.
Naturalmente, seria ainda maior e aguda a tensão dos estudantes (os mesmos que, lembre-se, foram mal no Enem); mais do que em outros anos, pesariam especialmente, na capacidade de preservação da concentração e do raciocínio, as condições materiais das salas (ventilação, estado das carteiras, espaço etc).
Em tais circunstâncias, não tendia a se acentuar, por exemplo, a desigualdade de condições, já grave, entre alunos da periferia e os de bairros "nobres" para enfrentar o exame?
Não se trata, aqui, apenas, do oferecimento de um serviço de orientação vocacional e pedagógica (como faz o Fovest), mas de algo mais abrangente, de política pública. Assunto, sem exagero, de Estado.
Quais dessas novidades foram exploradas na reportagem de segunda? Nenhuma.
Na terça, quando mais de 150 mil estudantes tentavam avaliar seu desempenho e suas chances (as "notas de corte"), o jornal não trouxe nada sobre Fuvest.
Na quarta, tendo a concorrência tocado no tema no dia anterior, publicou-se pequena orientação para calcular a provável nota de corte em cada curso.
Enquanto o "Mural" da Folha On-line acolhia desde o início queixas sobre o excesso de calor nas salas, só na quinta-feira, no Fovest, a *Folha* tocou nisso.
Prevaleceram o acomodamento ao molde anterior, a falta de aderência ao mundo real.
Esse problema é de natureza diversa do apontado acima, sobre o conjunto do noticiário de Educação. Ambos, porém, refletem um jornalismo acomodado, não-singular, que subestima a reflexão própria e a de especialistas na área. Um jornalismo que comprime a disposição crítica e o refinamento analítico ao invés de estimulá-los. (**Grifo nosso**)

É imprescindível salientar que Ajzemberg não só questiona o oficialismo do jornal na cobertura de educação, como indica que esse tipo de comportamento “provém, no fundo, de um esquema pré-fabricado (***grifo nosso***) de cobertura que prescinde das ruas”. Em outras palavras: Não estaria a *FSP* produzindo matérias que se repetem ano após ano sem criatividade e sem que o jornalista precise sair da redação para pesquisar e levantar dados? Avalone Filho (2006), já citado, disse que parte dos jornalistas, atualmente, não sai da redação. Optam por produzir matérias à distância, via tele-

fone e internet. Viegas (2000), jornalista e ex-coordenadora de Comunicação Social do Ministério da Educação, gestão Paulo Renato Souza, afirma que os jornalistas são viciados (**grifo nosso**) em *releases* (matérias oriundas das assessorias de imprensa) e que a cobertura da imprensa na área da educação é passiva e sem comprometimento social. Aparentemente, como se percebe, esse é o comportamento demonstrado pela *Folha de S. Paulo* na cobertura desta área.

E indica, também, que esse comportamento do jornal é sistêmico. Quatro anos depois da publicação do texto de Bernardo Ajzemberg, outro *ombudsman* do jornal, Marcelo Beraba, desta feita em 17 de dezembro de 2006, voltou ao assunto com análise similar. Ele apresenta números afirmando que a *Folha* reduziu a cobertura de educação em 3%, comparando-se os anos de 2005 e 2006. Além do mais, Beraba mostra que a *FSP* adotou procedimento editorial burocrático na cobertura do tema no mesmo período.

Vejamos:

Editoria: BRASIL
Título: Lição de casa
MARCELO BERABA
17 de dezembro de 2006

A Câmara dos Deputados aprovou no dia 6 o Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica), criado para substituir o Fundef e financiar, a partir de 2007, a educação básica no ensino público. O projeto tramitava no Congresso há um ano e meio.
A ***Folha*** registrou a aprovação com discrição na primeira página do dia 7 ("Fundo para ensino básico é aprovado pela Câmara") e reservou pouco mais de meia página no caderno **Cotidiano**, naquele dia quase todo tomado pela crise dos aeroportos, para a cobertura. No dia seguinte, o jornal publicou um editorial ("Dúvida básica") em que cobrou a regulamentação do novo fundo, mas reconheceu sua importância: "Como resposta aos anseios por maior investimento no ensino básico, o projeto soa promissor".
Na segunda, porém, o jornal publicou uma reportagem com um enfoque que me pareceu errado. Com título forte na capa, o jornal constatou que o "Fundeb atende mesma região do Bolsa Família" (os Estados do Norte e do Nordeste) e procurou políticos da oposição, que disseram temer o uso eleitoral que o governo poderá fazer do novo fundo.

Escrevi, na Crítica Interna: "Se um dos objetivos do Fundeb é exatamente o de "injetar recursos em toda a educação básica pública, principalmente nas regiões mais pobres", é mais do que natural que os Estados do Nordeste e do Norte sejam os mais contemplados com os recursos do fundo. Por isso me pareceu exageradamente político o enfoque dado pelo jornal. Parece lógico que isto aconteça, não? O próprio jornal vem defendendo investimentos em educação pública como caminho para tirar o país do atraso. Seria estranho se a maior parte dos recursos fosse para São Paulo". Do meu ponto de vista, o jornal errou o foco da crítica ao se preocupar prematuramente com o uso político da nova iniciativa e deixar de lado o aprofundamento das lacunas e dúvidas levantadas pelos especialistas.

A reportagem da ***Folha*** que indicava que o Fundeb atenderia prioritariamente os Estados pobres, que já são contemplados pelo Bolsa Família, foi baseada numa simulação da distribuição de recursos do fundo feita pelo professor José Marcelino de Rezende Pinto, da USP. Foi uma simulação porque, enquanto a nova lei não for regulamentada, não é possível saber com exatidão como será a distribuição.

No dia seguinte, o "**Painel do Leitor**" publicou carta em que o mesmo professor lamentava o uso político feito pela *Folha* de suas estimativas, mostrava que os Estados mais pobres continuariam em desvantagem mesmo sendo atendidos pelo fundo e passava um pito na imprensa: "A *Folha* e os demais meios de comunicação deram, nos últimos dias, mais espaço ao "apagão aéreo" do que à educação nos últimos anos. Será que é porque a classe média (que assina a ***Folha***) não estuda em escola pública? Creio que, se a *Folha* deseja fazer jus ao dístico "Um jornal a serviço do país", ela precisa levar a educação mais a sério -com menos opinião e mais reportagem. Que tal criar um caderno de educação como os bons jornais do mundo possuem?"

Não se pode avaliar a cobertura de educação da ***Folha*** apenas por essa reportagem. Mas o professor tem razão quando diz que a imprensa deve levar o assunto mais a sério. Há uma grande distância entre a produção jornalística diária e a percepção, hoje consensual, da educação como fator fundamental para o desenvolvimento.

Essa distância fica evidente num aspecto. A cobertura do Fundeb na ***Folha*** nestes 18 meses foi quase que exclusivamente voltada para a tramitação do projeto no Congresso. Foram poucas as reportagens com discussões sobre o conteúdo do novo fundo e de suas conseqüências para a educação pública. A editoria **Opinião**, no entanto, fez, apenas em 2006, quatro editoriais sobre o tema. O que mostra que há uma consciência do jornal em relação ao problema, mas que não se traduz no dia-a-dia.

Levantamento do Banco de Dados da Folha mostra uma pequena queda na cobertura de educação comparando o primeiro semestre de 2005 com o de 2006 -menos 3% de textos. Neste período o jornal perdeu o Sinapse, que não fazia diferença pela quantidade, mas pela qualidade. Houve uma queda grande (11%) de textos em Cotidiano e cresceu muito a cobertura de vestibular (131%). Educação não é o tema social mais coberto pelo jornal. Perde longe para saúde (1.399 textos contra 879), que também sofreu uma queda (32%) quando se comparam os dois semestres.

É desejável que o jornal cubra criticamente as políticas públicas. Mas que o faça com propriedade.

Os argumentos de Bernardo Ajzemberg, de que a *Folha* cobre a educação de forma oficial, e os números citados por Marcelo Beraba, que indicam que o jornal vem reduzindo a produção de matérias desta área, corroboram o resultado desta pesquisa. Confirmam nossa tese de que o dito nos editoriais do jornal não se transformam em matéria do dia-a-dia.

A cobertura com fontes oficiais que a *FSP* faz em relação à educação, encontra explicação em Chaparro (1994). O autor mostra como são manipulados os jornalista e propõe que qualquer pesquisa aplicada aos jornais de hoje revelará que a esmagadora maioria dos conteúdos jornalísticos oferecidos à opinião pública é relato ou análise de acontecimentos planejados e controlados por instituições ou pessoas que decidiram promovê-los.

Referia-se o professor Chaparro ao que Foucault conceituou como "ordem do discurso". No caso do jornalismo, as pautas e as matérias tendem, assim, a seguir traçado pré-construído (hegemônico), conforme identificado na *FSP* por Bernardo Ajzemberg, e que circula de maneira controlada, pois que são selecionadas e organizadas, dando a falsa idéia de que estamos inseridos no assunto. O discurso é, portanto, o local onde se travam as lutas pela manutenção do poder.

Acerca dessa questão, diz Foucault (2003:40-41):

> É bem possível que o ato de escrever tal como está hoje institucionalizado no livro, no sistema de edição e no personagem do escritor, tenha lugar em uma "sociedade de discurso" difusa, talvez, mas certamente coercitiva. A diferença do escritor, sem cessar oposta por ele mesmo à atividade de qualquer outro sujeito que fala ou escreve, o caráter intransitivo que empresta a seu discurso, a singularidade fundamental que atribui há muito tempo à "escritura", a dissimetria afirmada entre a criação e qualquer outra prática do

> sistema lingüístico, tudo isso manifesta na formulação (e tende, aliás, a reconduzir o jogo das praticas) a existência de certa "sociedade do discurso". Mas existem ainda muitas outras que funcionam de outra maneira, conforme outro regime de exclusividade e de divulgação: lembremos o segredo técnico ou científico, as formas de difusão e circulação do discurso médico, os que se apropriam do discurso econômico ou político.

Bourdieu (1997), ao analisar as relações do jornalismo, reafirma essa ordem ao dizer que se trata de um microcosmo cujas leis são próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte de outros microcosmos. Ao se referir aos jornalistas, Bourdieu (1997:25) enfatiza que eles têm "óculos" especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e vêem de certa maneira as coisas que vêem. Operam seleção e construção do que é selecionado. O princípio da seleção, afirma, é a busca do sensacional, do espetacular.

A falta de comprometimento social, conforme dito por Viegas (2000), o oficialismo identificado pelo *ex-ombudsman* da *FSP*, e a circulação controlada do discurso a que se refere Foucault (2003) evidenciam-se na *Folha de S.Paulo* em 2002 no que diz respeito à cobertura de educação.

8.7 – Análise da cobertura no interior de São Paulo

O gráfico que apresentamos a seguir é referência para se analisar o comportamento da *Folha* quanto à origem das matérias no interior do Estado de São Paulo, onde são distribuídos 30% dos exemplares impressos pela empresa que o edita. Em 1973 aparecem 23 ocorrências; em 2002, quatro.

Principais origens de matérias no interior de São Paulo

1973	2002
Ribeirão Preto	Campinas
Ourinhos	Santos
Campinas	São José dos Campos
São José dos Campos	Ribeirão Preto
Bauru	
Avaré	
Barretos	
Itapetininga	
Araraquara	
Araçatuba	
São José do Rio Pardo	
Botucatu	
Porto Ferreira	
Santos	
São Carlos	

Comentários

Os dados de 1973 demonstram a preocupação da *Folha* com a pluralidade na cobertura de educação. Naquele ano, não só foram veiculadas matérias produzidas em outros estados, como já demonstrado anteriormente, o que evidencia o interesse de uma cobertura nacional, mas também reportagens do interior do estado, representando a importância que era dada à cobertura regional.

Na próxima tabela, que reproduz anotações das Fichas de Pesquisa para o interior de São Paulo em 1973, é possível encontrar até cinco reportagens em uma mesma edição da *FSP*, como ocorreu em 4 de maio de 1973. Naquela data, o jornal trouxe matérias que tratavam das ações da Secretaria Estadual de Educação em relação ao supletivo em Bauru, deterioração de uma escola em Avaré, regularização de diplomas em Ribeirão Preto, a discussão em torno da assinatura com o polegar para os analfabetos em Barretos, e a comemoração dos 100 anos do colégio Culto à Ciência em

Campinas. A tabela traz, ainda, anotações de outras edições com duas e três matérias/dia do interior do Estado, o que demonstra interesse da editoria em apresentar pluralidade de matérias.

07/01/73	23	Escola vai à justiça com ações contra SE	17,5	Ribeirão Preto	Dir. da Escola – Prof. José Moreno Cabrerizo	Público	Ensino Médio	Contestação judicial contra SE
14/02/73	8	Os aprovados em Ourinhos	72	Ourinhos (SP)		Privado	Ensino Superior	Vestibular
01/03/73	13	Professores de comunicação	5	Campinas (SP)	PUCCamp	Privado	Ensino Superior	Vagas para professores
01/03/73	14	Valeparaibano de ensino chama 54	18	São José dos Campos (SP)	Fundação Valeparaibano de Ensino	Privado	Ensino Superior	Vestibular
13/04/73	9	Repercute em Campinas o parecer sobre os reitores	532	Campinas (SP)	SE	Público	Ensino Superior	Regras para o mandato de reitores estaduais e municipais
04/05/73	9	Culto à Ciência: centenário	23,5	Campinas		Privado		Comemoração de 100 anos do colégio
04/05/73	12	Hoje em Bauru reunião para os supletivos	15	Bauru		Público	Ensino Médio	SE do Estado percorre divisões regionais do interior
04/05/73	12	Escola precisa de reforma e pede urgência	14	Avaré	Osvaldo Fernandes – professor	Público	Ensino Fundamental	Escola deteriorada
04/05/73	12	Tribunal contra a SE	20	Ribeirão Preto	Rosângela Todescal Dias da Silva	Privado	Ensino Médio	Regularização de diplomas
04/05/73	12	Repudiada assinatura com o polegar	16	Barretos	Tutomu Kitagawa – Vereador	Público		Projeto para vetar o uso da impressão digital como assinatura
11/05/73	27 – interior	A diretoria do centro cívico	8	Pereiras(SP)		Público		Eleições do centro cívico
19/05/73	12	Nova segurança contra anulação de diplomas	20	Ribeirão Preto	Sidney Sanches Desembargador, Mauro Kinji – estudante	Privado	Ensino Médio	Regularização de diplomas
19/05/73	17 – Interior	Encontro de professores	10,5	Itapetininga				80 professores da área de humanas se reúnem na cidade

19/05/73	17	Faculdade	3,5	Araraquara	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação, Rafael Lia Rolfsen – Professor		Ensino Superior	Rafael Rolfsen foi nomeado interventor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo
29/07/73	17 – Interior	Encontro de professores	10,5	Itapetininga				80 professores da área de humanas se reúnem na cidade
29/07/73	17	Um encontro sobre ensino do Direito	16	Campinas	Miguel Reale – Reitor da USP		Ensino Superior	III Encontro Brasileiro das Faculdades de Direito
02/09/73	20	Licenciados recorrem ao Conselho Federal	30	Araçatuba	Eufrázio de Toledo – Reitor do Instituto Toledo de Ensino, Clóvis Arruda Campos – Inspetor Federal, Renato Ferreira e Antônio Carlos Moreira Marques – Inspetores de Ensino e Laerte Ramos de Carvalho – Professor	Privado	Ensino Superior	Pedido de reconhecimento do curso junto ao CFE
02/09/73	20 – Interior	Faculdade inaugura sua nova biblioteca	20	São José do Rio Pardo (SP)	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação e Olavo Batista Filho – Professor		Ensino Superior	Nova biblioteca
02/09/73	24	Estudantes protestam em Botucatu	27,5	Botucatu	Geraldo Nunes e Terezinha Vanucci – Professores		Ensino Superior	Estudantes paralisam aulas por melhores condições
23/10/73	24	Quem ganhou o desfile das bandas	15,5	Santos				Desfile de bandas escolares
30/10/73	35 – Interior	Calçados para escolares	12	São Carlos	Mario Maffei – Prefeito, Romeu S. Aversa, Ernesto Abbt, Henrique Scabello e João Salvino			Distribuição de calçados
20/11/73	17	Ministro expõe realizações da sua Pasta	110	São José dos Campos	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação, Fernando Mendonça – INPE, Hugo de Miranda – CTA e	Público		Balanço do mandato

					Médice – Presidente			
	23	A PUCAMP convoca candidatos	40	Campinas		Privado	Ensino Superior	Vestibular

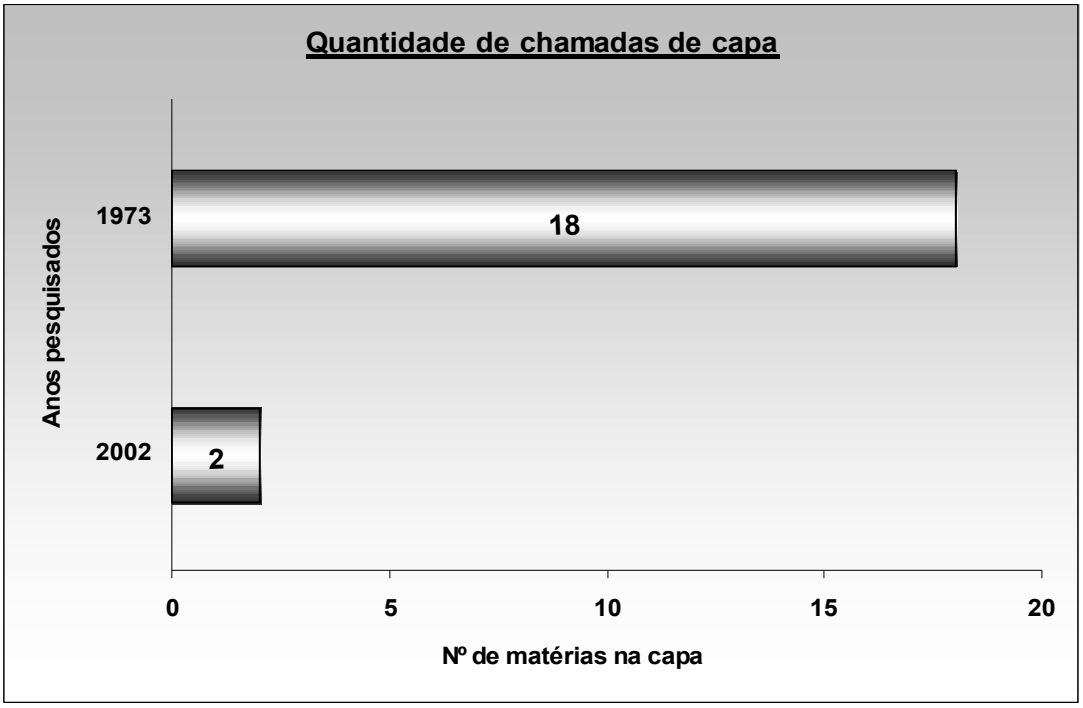
Quanto a 2002, são irrisórios os números da cobertura de educação da *FSP* para o interior de São Paulo. Apenas quatro ocorrências de matérias foram registradas, como veremos na tabela publicada na próxima página. Há que se destacar, porém, pelo menos uma importante explicação para a ocorrência desse fenômeno: o lançamento de uma série de cadernos regionais, conforme relato de Lins da Silva (2005:19), no mercado até hoje. Deste assunto já tratamos em capítulo anterior, mas indica que a cobertura atendeu às demandas nas regiões de São José dos Campos (*Folha Vale*), Campinas (*Folha Campinas)*, e Ribeirão Preto (*Folha Ribeirão).* Conforme justificado no capítulo sobre a metodologia deste trabalho, foram descartadas 50 matérias dos cadernos regionais.

21/05/02	C1	Greve 'política' afeta saúde e educação	215	Campinas	Arakém Martinho – S. Planejamento de Campinas, Ângelo Barreto, Eduardo Debrassi e Sérgio Benassi – Vereadores, Fábio Custódio – Sindicato dos Servidores	Público		2000 crianças ficam sem aulas
04/06/02	C3	SP tem 2000 escolas sem câmeras	28	Santos	Gabriel Chalita e Geraldo Alckmin	Público	Infantil, Fundamental e Médio	SE
26/11/02	A3	São José dos Campos sedia conferência mundial de jornalistas científicos	18	São José dos Campos	James Cornell, Kenki Makino, John Noble Wilford, Wolfang Godê, Glaci Zancan e Mayana Zats	Público e Privado	Ensino Superior	Jornalistas científicos – conferência
26/11/02	C6	Atraso de verba ameaça pesqui-	32	Ribeirão Preto	Osvaldo Baptista Duarte Filho – MEC	Público	Ensino Superior	Verba para pesquisa

		sa da UFS-CAR						

8.8 – Chamadas de primeira página

O gráfico seguinte retrata a quantidade de chamadas de capa na *Folha de S.Paulo* em 1973 e 2002, dentro do recorte que fizemos para a análise da cobertura de educação no jornal. Em 1973, foram registradas 18 chamadas na primeira página e, em 2002, duas, o que caracteriza redução de 88,89%. Esta análise ganha importância diante do fato que a primeira página de cada jornal é considerada, jornalística e academicamente, a apresentação do produto. Ela é pensada com o propósito de atrair o leitor para a compra do jornal na banca, abrindo espaço para as fotos mais impactantes e pequenos textos das matérias que a direção da publicação entende serem as mais importantes do dia.



Comentários

Ao reduzir em 88,89% o número de chamadas de matérias de educação na primeira página, fica evidente a desatenção do jornal em relação ao tema. Se não aparece na capa, é porque o assunto não é importante para a direção do jornal. A primeira edição do Manual Geral de Redação da Folha (1984:68) trata o verbete "Primeira Página" da seguinte maneira:

> É obviamente a página mais importante do jornal. Sua elaboração deve atender os seguintes requisitos:
>
> a) conciliar o propósito de atrair o leitor com o de preservar a credibilidade da *Folha*;
>
> b) manter equilíbrio temático, apresentando ao leitor, na medida do possível, a mais variada gama de assuntos: política, economia, exterior, cultura, local, esporte etc;
>
> c) manter equilíbrio estético;
>
> d) refletir o clima geral do dia anterior ou prefigurar o clima do dia que está começando.

A propósito da primeira página, Frias Filho (2000) disse:

> Mesmo que não exista acordo sobre o que é um "fato" – como isolá-lo, por exemplo, do fluxo em que se dissolvem todos os acontecimentos? –, damos como certo que a cada dia ocorre uma infinidade deles. Somente uma parcela ínfima é recolhida e relatada às pressas pelos jornais; parcela ainda menor é projetada, depois de vencer uma corrida semelhante à da seleção natural, nas primeiras páginas. Elas se convertem, assim, em espelho do mundo, de acordo com a metáfora famosa, mas se trata de espelhos não só convexos, como também duplos. Por meio deles ficamos conhecendo tanto sobre a realidade objetiva, exterior, que procuraram focalizar, quanto sobre o recorte humano – suas idiossincrasias, hábitos e ilusões – que determinou

> a escolha entre o que “vale” e o que “não vale” estar na Primeira Página. A decisão é condicionada por uma mescla, em parte inconsciente, de fatores de mercado, de política editorial, tradição jornalística, gosto plástico, valores. Por trás da multiplicidade de influências, que se articulam de maneira tão incidental quanto os próprios eventos do dia, avultam, porém, duas trações antagônicas. Toda Primeira Página será o resultado de seu conflito e tentará expressar uma fórmula de equilíbrio entre ambas.

Diante do exposto nos gráficos, nas análises e comentários sobre os dados apresentados nesse capítulo, é possível afirmar que a *Folha* reduziu sua cobertura em educação no período pesquisado. No que diz respeito ao número de matérias veiculadas, a diminuição foi de 83,63%; no número de chamadas de primeira página houve queda de 88,89%; e no espaço físico de publicação de matéria foi registrada redução de 77,91%. Como o resultado das tabulações são inquestionáveis e estão devidamente explicitados, buscaremos, no capítulo final, interpretar as razões desses fenômenos.

9. Conclusões

A análise dos números obtidos e as entrevistas realizadas para esta dissertação, aliadas à investigação bibliográfica, nos permitem afirmar que o jornal *Folha de S.Paulo* reduziu significativamente sua cobertura de educação no comparativo dos anos de 1973 e 2002. Confirma nossa hipótese de que o jornal faz discurso em defesa do tema em seus editoriais, apontando a área educacional como a principal saída para a solução dos graves problemas sociais brasileiros, porém não traduz essa preocupação em reportagens que retratem a realidade e o dia-a-dia do setor.

O trabalho mostrou que a *FSP* chegou a ter uma modelar cobertura de educação, que foi definhando com o passar dos anos, principalmente durante a década de 1980, e acabou por completo no início dos anos de 1990. As entrevistas de Avalone Filho, sobre a constituição da editoria de Educação, e Rossetti, relatando o seu fim, foram fundamentais para o perfeito entendimento dos frios números apresentados nos gráficos. São várias, no entanto, as razões apontadas para o abandono da cobertura da área, a exemplo da crise econômica, que contribuiu para reduzir o quadro de profissionais

da *Folha,* e a própria diminuição física do jornal, que restringiu o espaço editorial entre 25% e 30%, conforme admitiu Frias Filho, diretor de redação da publicação. Além dessas razões, outras demandas editoriais, como as ligadas à política, à economia e à cultura, foram incorporadas ao jornal, ocupando espaço anteriormente dedicado à educação.

A entrevista concedida por Costa mostrou o papel que o editor pode exercer ao comandar e formar equipes e orientar o fechamento de reportagens, a exemplo do que fez Perseu Abramo na década de 1970. Mas a *FSP*, após a implantação do Projeto Folha, rompeu com o padrão de produção editorial que permitia que a força de um editor imprimisse seu modelo de cobertura jornalística. Ficou explicito na pesquisa que, na educação da *Folha*, depois de Perseu e após a implantação do referido projeto, nenhum outro conseguiu imprimir uma cobertura estratégica para a área. Os reduzidos espaços destinados à educação em 2002, ganharam contornos burocráticos, onde foram ouvidas, na maioria das vezes, fontes oficiais. A constatação de oficialismo e burocracia na produção de matérias de educação foram feitas por dois *ombudsman* da *Folha*, Bernardo Ajzemberg e Marcelo Beraba, em momentos diferentes.

O trabalho comprova que o declínio da cobertura de educação na *FSP*, mesmo que não tenha sido proposital, acentuou-se após a implantação do Projeto Folha, padrão editorial do jornal nas duas últimas décadas. Da análise do Anexo I, referente a 1973, percebe-se a presença de fontes representativas não só de órgãos oficiais ou a eles relacionados, mas também de professores, diretores, sindicalistas e políticos, contrapondo-se às fontes de 2002, encontradas no Anexo I. Os entrevistados relacionados no segundo período da pesquisa são, na maioria das vezes, ligados à elite educacional do país ou a órgãos dos governos Estaduais, Municipais e Federal.

Diante desta constatação, é importante destacar que uma das orientações do Projeto Folha vem sendo ignorada, quando se produz matéria com viés oficial. No item 5 do projeto implantado em 1997, está explicito que o jornal: "estabelece a necessidade de desestatização do noticiário, pois o jornalismo ainda é fortemente atrelado a agendas, fontes e declarações oficiais". O jornal fere, desta forma, os princípios de pluralidade, democracia e criticidade, tão alardeados quando da divulgação da sua primeira versão no início da década de 1980.

Mesmo com a redução da cobertura de educação, se comparada com o ano de 1973, é imperioso registrar que a *Folha de S.Paulo* é um dos jornais brasileiros que maior atenção dão ao assunto, como identificado por pesquisa ANDI, citada anteriormente. No entanto, essa constatação não implica, da nossa parte, em concordância com cobertura oficial centrada no eixo São Paulo/Brasília/Rio de Janeiro, conforme evidenciado no trabalho. A adoção desse tipo de política editorial acaba por ignorar os vários "brasis" existentes no país. Ao leitor da *FSP* é negado, pela direção da publicação, o direito de conhecer experiências educacionais de outras regiões do país.

O resultado da nossa pesquisa bibliográfica permite afirmar que, na prática, o modelo implantado pelo Projeto Folha é o de mercado, que busca atrair anunciantes e consumidores (leitores). É dessa concepção de jornalismo que se arvora o diretor de redação do jornal, Frias Filho, para relegar a cobertura de educação na *Folha* a um segundo plano, e dizer que ela não é maior porque o tema padece de "trepidação jornalística". Na realidade, queria dizer o *manager* da *FSP* que a área não produz espetáculo, muito próprio para as manchetes comuns nos escândalos políticos e econômicos, e nas denúncias da cobertura cotidiana. Trepidação, etimologicamente, conforme registrado no dicionário Houaiss, diz respeito a:

> agitação, motim, desordem, perturbação; pressa demasiada, precipitação; tremura de doença, do rad. de *trepidátum*, supn. de *trepidáre* 'agitar-se, precipitar-se, andar agitado; correr desordenadamente.

Evidentemente, entendemos o que impõe o mercado às empresas jornalísticas. Não enxergamos o jornalismo como apostolado, como sacerdócio. Porém, daí à espetacularização existe uma diferença muito grande. Zanotti (2005) diz ser ingênuo desconsiderar as bases comerciais sobre as quais se assentam hoje as empresas jornalísticas, o que as obriga de certa forma à construção do *show* informativo, mesmo em espaços até onde recentemente o método não se coadunaria.

Como a educação na *Folha* não mais é coberta por uma editoria específica, o que possibilitaria o debate contínuo de uma área estratégica, e que o tema, normalmente, não promove agitação, motim, desordem ou perturbação, a produção de matérias neste campo fica relegada, digamos, a uma cobertura menor, se comparada a outras áreas do próprio jornal.

Quem perde, seguramente, é o leitor, que não espera do jornal apenas saber o que acontece no dia-a-dia. Ele pretende, acreditamos nós, situa-se dentro dos acontecimentos.

Para Dines:

> Isso só se consegue com o engrandecimento da informação a tal ponto que ela contenha os seguintes elementos: a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e sua posição para o futuro (1986:90).

Em um mundo pós-moderno, no qual, segundo Bauman (2000), as relações são liqüefeitas, diluindo-se constantemente, a afirmativa de Dines mostra-se utópica, porém necessária. Se o jornalismo televisivo tem como

princípio a rapidez e a descontextualização, cabe ao jornal aprofundar-se na análise.

Agora, tão preocupante quanto identificar que a *Folha de S. Paulo* reduziu sua cobertura de educação e que suas matérias não guardam relação com o expresso por Dines, é saber que nem mesmo a população brasileira dedica atenção a esta área. Pesquisa Ibope[21] sobre o ensino básico no Brasil, realizada em novembro de 2006, com 2002 entrevistados, em 143 municípios de todas as regiões do país, indica que a educação ocupa apenas o sétimo lugar no *ranking* de preocupações dos brasileiros. Antes dela, os entrevistados dizem estar apreensivos com áreas como saúde, emprego, fome, miséria e segurança pública.

Diante das constatações deste trabalho e do resultado da pesquisa Ibope, é lícito concluir esta dissertação dizendo que a *Folha de S.Paulo* dá à cobertura de educação o mesmo grau de atenção que o tema desperta na população brasileira.

[21] A pesquisa completa está disponível no site www.ibope.com.br

10. Bibliografia

ABRAMO, Cláudio Weber. *O império dos sentidos – Critérios e resultados na Folha de S.Paulo*. Novos Estudos Cebrap, n° 167, outubro, 1991

ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo*. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

ABRAMO, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2003

ALICE FARIA, Maria. *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo, Contexto, 1996.

_____. *O jornal na sala de aula*. São Paulo, Contexto, 1996

AVALONE FILHO, Olavo. *Entrevista ao autor desta dissertação*. Santos, 10 de outubro de 2006.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação/Educação: aproximações*. *In*: *A TV aos 50*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

_____. *In:* Revista Comunicação & Educação, maio/agosto de 2001.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica - II As técnicas dos jornalismo*. São Paulo, Editora Ática, 1990.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1977.

BARROS FILHO, Clóvis de. *Ética na Comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000.

BELTRÃO, Luiz e QUIRINO, Newlton de Oliveira. *Subsídios para uma teoria da comunicação de massa.* São Paulo, Summus, 1986.

BELTRÃO, Luiz. *Iniciação à filosofia do jornalismo*. São Paulo, Edusp, 2003.

BORIN, Jair. *A notícia e suas versões, no espaço e no tempo dos grupos de pressão – De rabo preso com a classe dominante*. Tese de dourado, ECA/USP, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997

BRAGA, José Luiz, CALAZANS, Regina. *Comunicação & Educação*. São Paulo, Hacker Editores, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

CADERNO DA COMUNICAÇÃO – SÉRIE MEMÓRIAS. Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social da Prefeitura do Rio de Janeiro, 2005.

CAMARGO, José Márcio. *In* Funari, Pedro Paulo*. A universidade brasileira rumo ao Terceiro Milênio*. São Paulo, Revista Adusp, 12, dezembro de 1997.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo, Edusp, 1994.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do jornalismo*. São Paulo, Summus Editorial, 1994.

CITELLI, Adilson. *Palavras, meios de comunicação e educação*. São Paulo, Cortez, 2006.

_____. *Comunicação e educação – A linguagem em movimento*. São Paulo, Ed. Senac, 2002.

_____. (coord). *Aprender e ensinar com textos não escolares*. São Paulo, Cortez, 2002.

COSTA, Caio Túlio. *Ombudsman – O relógio de Pascal*. São Paulo, Geração Editorial, 2006.

_____. *Entrevista ao autor desta dissertação*. São Paulo, 10 de outubro de 2006

_____. *Cale-se*. São Paulo, A Girafa, 2003.

DINES, Alberto. *O papel do jornal*. São Paulo, Summus Editorial, 1986.

DURKHEIN. Emile, *In: Educação e Sociedade*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1976.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo, Editora Ática, 1991.

FREITAS, Hélio Alberto de Oliveira. *Nem tudo é notícia – O grupo Folha na Internet*. Dissertação, Universidade Metodista de São Paulo, 1999.

FREIRE, Paulo. P*edagogia da autonomia*. Rio de Janeiro, Paz &Terra, 1997.

_____. *Conscientização – Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.

FRIAS FILHO, Otavio. *Primeira Página: Folha de S.Paulo*. – 5 ed. – São Paulo, Publifolha, 2000.

_____. *Entrevista ao autor desta dissertação*. São Paulo, 5 de dezembro de 2006.

FOLHA DE S.PAULO. *A educação distante*. São Paulo, 15 de fevereiro, 2000.

_____. *Acesso ao ensino*. São Paulo, 31 de agosto, 2002.

_____. *Jornais ainda crescem, diz diretor de associação mundial.* São Paulo, 31 de agosto, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 2003.

GIDDENS, Anthony. *The Consequences of modernity,* 1990. *In*: Stuarte Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

GRACINDO, Regina Vinhaes. *O escrito, o dito e o feito – Educação e partidos políticos*. Campinas (SP), Papirus, 1994.

GREIMAS, A. J. *In*: NASCIMENTO, Ceolin Patrícia. *Jornalismo em revistas no Brasil. Um estudo das construções discursivas em Veja e Manchete*. São Paulo, Annablume Editora, 2002.

GRINSPUN, Mírian P.S. Zipping. *Educação e tecnologia – Desafios e perspectivas*. São Paulo, Cortez, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2004.

_____. *Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004

KAPLÚN, Mario. *El Comunicador Popular*. Quito, Ecuador, CIESPAL, 1985.

KEHL, Maria Rita. *As duas décadas dos anos 70. In: Anos 70: trajetórias*. São Paulo, Iluminuras, 2006.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo na era virtual – Ensaios sobre o colapso da razão ética*. São Paulo, Editora Unesp, 2004.

_____. *Jornalistas e revolucionários – nos tempos da imprensa alternativa.* São Paulo, Scritta Editorial, 1991.

LACLAU, Ernesto. *New reflections on the resolution of our time,* 1990. *In*: Stuarte Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. *Mil dias: seis mil dias depois*. São Paulo, Publifolha, 2005.

_____. *Mil dias. Análise das mudanças no processo de produção Folha de S.Paulo durante a implantação do Projeto Folha (maio/1984 – fevereiro/1987)*. Tese de livre-docente, ECA/USP, 1987.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo, Edições Loyola, 2003.

MALTA CAMPOS, Maria. *In: Mídia e Educação – Perspectivas para a qualidade da Informação*. 2000.

MANUAL GERAL DA REDAÇÃO. *Folha de S. Paulo*, 1984.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo Fin-de-siècle*. São Paulo, Scritta, 1993.

MARCONI, Paolo. *A censura política na imprensa brasileira – 1968/1978*. São Paulo, Global Editora, 1980.

MATTELART, Armand e Michèle. *Pensar as mídias*. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

_____. Histórias das teorias da comunicação. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

MEC. *Mídia e Educação: perspectivas para a qualidade da informação* - Brasília, 2000

MÍDIA E EDUCAÇÃO. *Perspectivas para a qualidade da Informação*. Brasília, ANDI, 2000.

MOTA, Carlos Guilherme e CAPELATO, Maria Helena. *A história da Folha de S.Paulo (1921-1981)*. São Paulo, Impres, 1980.

MUNIZ SODRÉ. *Antropológica do espelho – Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, Editora Vozes, 2006

PASTORE, José. Jornal da tarde, São Paulo, 17 de novembro de 1999.

PEDRO SOUSA, Jorge. *Elementos de jornalismo impresso*. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 2005.

RELATÓRIO GLOBAL DE MONITORAMENTO: EDUCAÇÃO PARA TODOS. Unesco, novembro de 2005.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Sempre Alerta – Condições e contradições do trabalho jornalístico.* São Paulo, Brasiliense, 1994.

ROSSETTI, Fernando. *Entrevista ao autor desta dissertação*. São Paulo, 8 de dezembro de 2006.

SILVA FILHO, Genésio Zeferino. *Educomunicação e suas metodologias: um estudo a partir de prática de ONGs no Brasil*. Tese de doutorado, 2004.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Planejando os Projetos de Comunicação in: Gestão de Processos Comunicacionais*. Editora Atlas, São Paulo, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998.

STEINBERGER, Margarethe Vorn. *Discursos geopolíticos da mídia – Jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo, Cortez, 2005.

THIOLLENT, Michel J.M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo, Editora Polis, 1980.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo – Vol. I – Porque as notícias são como são*. Florianópolis, Editora Insular, 2005.

UM TRABALHADOR DA NOTÍCIA. São Paulo, Editora Perseu Abramo, 1997.

VEJA. *O X da Educação*. Edição 1976, págs. 84-85-86-88. São Paulo, Abril, 2006.

VIEGAS, Tânia Mara. *In: Mídia & Educação. Perspectivas para a qualidade da Informação*. Brasília, ANDI, 2000.

VIEIRA, Geraldinho. *In: Mídia & Educação. Perspectivas para a qualidade da Informação*. Brasília, ANDI, 2000.

VILLELA, Milú. *Educação, instrumento contra desigualdade*. Folha de S.Paulo, pág. 3, 15 de setembro de 2005.

ZANOTTI, Carlos Alberto. *As prévias eleitorais no espetáculo noticioso*. Dissertação de mestrado, ECA/USP, 1995.

Bibliografia complementar

Além das publicações citadas, devem ser acrescentadas as seguintes leituras complementares:

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. São Paulo, Paz e Terra, 2003.

IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.

Kunczik, Michael. Conceitos de jornalismo – Norte e sul. São Paulo, Edusp, 1997.

MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo, Cortez Editora, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI*. São Paulo, Cortez Editora, 2004.

SOARES, Suely Galli. *Educação e comunicação – O ideal de inclusão social pelas tecnologias da informação. Otimismo exacerbado e lucidez pedagógica. São Paulo*, Cortez Editora, 2006.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *O problema da imprensa*. São Paulo, Edusp, 1997.

Entrevistas

Entrevista com Caio Túlio Costa, realizada dia 10 de outubro de 2006, em São Paulo. Ele trabalhou na *Folha* de 1981 a 1995; foi editor da Ilustrada, secretário de Redação, correspondente internacional e ombudsman. De 1995 a 2002, foi diretor do UOL.

Em 1973, a Folha de S. Paulo tinha uma editoria de Educação composta de vários repórteres especializados e destinava quatro páginas, em média, ao assunto. Em 2002, a cobertura do tema é diluída no caderno Cotidiano e publica-se uma matéria a cada três dias. O que pode ter contribuído para essa drástica redução?

A importância e o tamanho que a *Folha* atribui à cobertura de educação nos anos 80, 90, e agora no começo deste século, é a importância natural que ela dá ao tema. A discrepância é a importância que ela dava em meados dos anos 70, em função do voluntarismo de um editor. Naquela época, o jornal tinha um editor extremamente politizado, que era o Perseu Abramo, e a alta incidência de chamadas na primeira página e a grande cobertura da educação estão diretamente ligadas à personalidade do editor de educação num momento em que a Universidade Brasileira, por meio de professores muito ativos e principalmente por meio dos estudantes, transformara-se no centro debatetor do movimento social que eclodiu logo em seguida, no sentido de fazer com que a ditadura acabasse. E o jornal por meio de um editor de esquerda, politizado e socialista, encontrou ali o lugar para disseminar as informações relativas ao questionamento da ditadura. Então, a cobertura de educação, em meados dos anos 70, é uma cobertura política, é uma cobertura que dá conta das reformas necessárias à universidade, dá conta dos movimentos estudantis, dá conta da efervescência da universidade, que era onde se fazia política no Brasil. No Congresso Nacional, é bom lembrar, estavam confinados dois partidos: o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e a Arena (Aliança Renovadora Nacional). Todos os outros partidos, principalmente os de esquerda, faziam política nas universidades. A educação era, portanto, uma maneira de se falar das necessidades de reformas educacionais, de liberdades democráticas, de liberdade para os universitários, de liberdade para várias formas de organizações e para as entidades estudantis. Ao se falar da educação, falava-se, na verdade, de política.

E quanto à pequena cobertura de educação na atualidade?

A grande questão é a seguinte: por que não se discute a qualidade da educação brasileira nos seus diversos níveis?, Por que não se discute a justeza ou não do sistema de vestibular?, Por que não se discute a qualidade das universidades privadas, que são fábricas de compras de diplomas? Por que não se discutem as crises das universidades federais e estaduais? Por que não se discute a falta de produtividade dessas mesmas universidades? Por que nada disso é pauta sistemática dos meios de comunicação? A resposta

a todas essas indicações é uma só: a preocupação com a qualidade da educação não é uma preocupação programática dos jornais.

Mas em seus editoriais os jornais se referem à educação como a grande solução de todos os grandes problemas da sociedade brasileira.
Não tem uma pessoa que não considere educação uma prioridade nacional. Esse tipo de defesa virou quase uma bandeira geral de todo mundo. Porém, entre considerar e de fato trabalhar para que ela seja prioridade, há um abismo, e esse abismo é o que leva você a produzir a sua pesquisa.

Você tem algum indicativo do motivo de a Folha não produzir reportagens sobre educação com esse olhar que você coloca neste momento?
É uma questão de projeto editorial. Ele está voltado para as questões mais políticas, mais econômicas e mais culturais, onde, possivelmente, o jornal acha que vai encontrar mais leitores. Mas essa não é uma lacuna somente da *Folha*; é de toda a chamada grande imprensa, na discussão da qualidade da educação. Penso que a imprensa deveria dar uma atenção quase que prioritária a essa questão da educação, deveria tratar a educação como trata a política, a economia, a cultura, o esporte. Por que a indústria de mídia não entende assim? Não sei responder; ela que está com a palavra.

Nossa pesquisa indica que a cobertura de educação da Folha, na atualidade, é feita no eixo Rio de Janeiro/São Paulo/Brasília, e tem como fonte principal o MEC. Qual a sua avaliação?
Essa é uma cobertura preguiçosa, que coleta os dados e não investiga. Acho que tem várias explicações para isso; uma delas está na questão da educação do jornalista, ou seja, na má formação do jornalista. As outras explicações estão na rapidez com que o repórter tem de produzir a notícia e na falta de pautas consistentes. Esses fatores fazem com que o jornalista passe a "comer na mão" das autoridades. Além disso, tem a questão econômica, uma vez que é muito caro você manter uma equipe e ter uma rede de cobertura tão ampla no país inteiro, ou pelo menos nas principais capitais. Então, todos os jornais, não só a *Folha*, cobrem basicamente Brasília, São Paulo e Rio.

Você acredita que parte das matérias da edição impressa da Folha tenha migrado para esse portal da internet ligado ao grupo Folha?
O UOL tem um enorme aporte educacional e está reunindo parceiros importantes da educação. Mas acho que a migração não foi de assunto; o que migrou foi o serviço que antes era prestado pelo impresso. Por exemplo: publicar a lista das principais redações ou as listas dos aprovados nos vestibulares consumia uma quantidade enorme de papel, e isso é um custo muito alto para a indústria de jornal. Na internet o espaço é mais barato. Então esse serviço migrou mesmo, e acho que a internet pode dar esse serviço melhor.

Entrevista com Olavo Avalone Filho, realizada dia 10 de outubro de 2006, em Santos (SP). Ele foi repórter de educação da *Folha* em dois períodos: de 1975 a 1979, e 1984 e l985.

Como era estruturada a editoria de educação da Folha em meados da década de 1970?

Perseu Abramo era o editor, José Maria de Lima o subeditor, Lúcia Neiza Pereira a bibliotecária, e três repórteres: Ulisses José de Souza, Irede Cardoso e eu. José Roberto Paladino, que era editor eventual, também ajudava no fechamento. Ainda tínhamos o auxílio da *Agência Folha* e, eventualmente, outras pessoas contribuíam. A organização da cobertura de educação era modelo na época, e acho que até hoje. Existia um banco de dados da editoria – daí o fato de termos uma bibliotecária na equipe – e quando íamos para a rua produzir as matérias, ela nos municiava com informações que complementavam os assuntos que estavam sendo tratados naquele dia. A Lúcia Pereira era a memória da seção, ela cuidava muito bem dessa parte. Eu produzia, normalmente, as matérias de política educacional e as pedagógicas, o Ulisses as de economia da educação (tudo que envolvia números), e a Irede fundamentalmente as matérias de política, que é o que ela gostava muito de fazer. O José Maria é quem cobria todos nós, fazia copidesque e participava do fechamento. Porém, mais do que essa organização, o que se destaca muito nessa época é uma espécie de escola de ética jornalística. Aprendíamos muito com o Perseu. Ele fazia absoluta questão de que checássemos a informação exaustivamente antes de publicar. Se não houvesse possibilidade de confirmação, não se publicava. Era, portanto, uma editoria modelo em termos editoriais, técnicos e profissionais.

Nossa pesquisa indica que em 1973, a Folha publicava até 27 matérias de educação em uma única edição, e em 2002, em média, uma a cada três dias. Qual a sua avaliação sobre esse decréscimo?

Vou destacar dois aspectos. Primeiro, o jornal reflete a realidade maior, ele reflete a sociedade, reflete a política nas suas instâncias mais definidas e decisivas. E segundo, é uma questão de política interna. Naquela época, o Perseu lutava muito para que os assuntos de educação estivessem sempre presentes no jornal; cobriam-se a escola pública, a escola privada, as organizações de ensino de diversos níveis, a política estudantil, a política na educação (associações e sindicatos) e o ensino científico. Uma das coberturas com as quais o Perseu tinha mais carinho eram as reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Tanto é verdade que os repórteres da *Folha,* à época*,* tornaram-se especialistas em ciências. Atualmente não se vê uma cobertura da SBPC, mas na década de 1970 publicávamos páginas especiais. Enfim, era uma cobertura de educação no seu sentido mais nobre.

Isso foi possível somente graças ao comportamento do editor (Perseu Abramo) ou contava com o apoio da direção do jornal?
A força e interesse do Perseu foram fundamentais, mas havia a concordância dos proprietários do jornal, principalmente do próprio Otavio Frias de Oliveira.

Em 2002, a Folha cobre educação de forma oficial, segundo o próprio ombudsman Bernardo Ajzenberg. Qual a sua avaliação sobre esse fato?
Vejo essa postura com muita tristeza. Trata-se de uma escolha que os editores fazem e que não contribui para a sociedade. Não se lembram mais de Paulo Freire, que fazia teoria do conhecimento voltado para a educação; era profundo o que ele pensava, o que ele fazia, e educação tem a ver com as coisas mais simples, coisa de gentileza, da elegância, das boas maneiras. Educação é simples de falar, mas difícil de fazer porque envolve políticas públicas. O modelo educacional que acho ideal e que poderia funcionar para o Brasil foi o de Leonel Brizola, chamado CIEP. Nele, projetos pedagógicos e arquitetônico se complementavam e a criança passava o dia todo na escola, fazia três refeições. Além disso, tinha todo tipo de atividade na escola; quer dizer, a mãe deixava cedo e pegava a criança no final do dia. O aluno e a aluna deixavam a escola alimentada e instruída. Atualmente a cobertura é oficial e modelos como este sequer são debatidos. Na década de 1970, as fontes eram as mais diversificadas porque buscava-se gente do país todo e não só de algumas regiões. Os melhores cérebros do país estavam na agenda do Perseu e, conseqüentemente, à disposição do reportariado. A *Folha* tinha variadas fontes de informação, e a edição era super-diversificada; tinha um pé na USP, um pé na UNICAMP, um pé nas Federais, não era uma coisa focada só na palavra oficial. Representantes de movimentos reivindicatórios, líderes de associações de professores e diretores, diretores de sindicatos, esse pessoal todo estava na agenda do Perseu. Aprendemos a fazer uma cobertura de educação dentro dessa proposta. Os problemas da educação são basicamente os mesmos, o que mudou foi, na verdade, a forma de fazer jornalismo na *Folha*.

Atualmente, fazer reportagens com poucas fontes, a maioria oficial, é uma opção?
É mais fácil, é mais expresso, é mais urgente, dá para fazer mais rapidamente. Num passado não muito distante o repórter, quando tinha de produzir uma matéria, pegava o motorista e saía para a rua. Ia para a USP, para um sindicato, para um instituto de pesquisa, para uma determinada secretaria municipal ou estadual, para uma escola. Ia lá e entrevistava as pessoas, pegava as informações, conferia os dados. Hoje, senta em frente ao computador e pede respostas ao Google, pede respostas ao MEC. O educador Paulo Freire pregava a comunicação, o entendimento, a busca, a cultura e o movimento, nunca a estática para se descobrir as coisas.

Entrevista com Otavio Frias Filho, realizada dia 05 de dezembro de 2006.

Quais os critérios utilizados pela Folha ao cobrir educação na atualidade, uma vez que as matérias sobre o tema são editadas no caderno Cotidiano, concorrendo com outras áreas?

O tema educação é considerado importante na pauta jornalística em geral, e na pauta da *Folha* em particular. Mas, ao mesmo tempo, é considerado um tema difícil de ser coberto. Embora as pessoas, de um modo geral, reconheçam a relevância e até o caráter fundamental desse tema, exceto quando há uma medida de impacto adotada na área de educação, geralmente por iniciativa do governo ou, eventualmente, do Congresso Nacional, e exceto também quando há uma crise em alguns setores da educação, normalmente é uma área que peca por falta de trepidação jornalística, de visibilidade jornalística. Então, é um desafio realmente ter uma cobertura mais completa e de melhor qualidade na área de educação, sendo um tema, digamos, tão refratário, a meu ver, ao tratamento jornalístico, exceto, como disse, quando você tem uma novidade de impacto ou uma determinada crise no setor. Nós já fizemos desenhos em que tínhamos uma pequena editoria de educação, independente do Cotidiano, e isso ocorreu em períodos de um passado recente; atualmente estamos com uma estrutura em que a cobertura de educação está a cargo de uma mesma editoria, que é a de Cotidiano, sob a autoridade de um mesmo editor, que atualmente é o Rogério Gentile.

De 1973 a meados da década de 1980, a Folha tinha uma editoria específica de educação, com editor, subeditor, repórteres e espaço preestabelecido geograficamente. Esse modelo desapareceu por causa das mudanças industriais pelas quais o jornal passou nas últimas décadas, pelo desinteresse de sua direção em relação ao tema, ou pelo desinteresse do próprio leitor? Qual a explicação?

Acho que o espaço destinado à educação diminuiu à medida que outras áreas ganharam presença dentro do jornal, como por exemplo o crescimento que houve no noticiário de economia a partir dos anos 80. O crescimento que houve com o surgimento de novos suplementos de atendimento às necessidades específicas dos leitores também foi muito grande a partir desse período. Recuando para um período anterior, na época dos anos 70, o noticiário político estava muito esvaziado, o país estava vivendo uma época em que a atividade política era muito reprimida e havia, efetivamente, um interesse muito restrito na política, seja porque ela era decidida em outro lugar, era decidida num circuito do comando militar, seja porque a cobertura política estava sob censura. Então, encontramos uma série de assuntos que não eram objetos da pauta jornalística e que passaram a ser; vejamos o crescimento que houve, por exemplo, na cobertura de televisão, ou o crescimento que houve na própria cobertura de artes e cultura em geral. Eu diria que houve uma volta da política, com um espaço grande no noticiário, um crescimento no espaço destinado à economia e o surgimento de outros nichos.

Além disso, nos últimos sete ou oito anos, os jornais vieram reduzindo o seu tamanho físico, diminuiu o número de páginas destinadas à parte editorial. Os jornais começam num nível mais baixo nos anos 70, e aí crescem fisicamente. Refiro-me a São Paulo nos anos 80 e 90; a partir de 1997/1998, quando surgiu essa crise financeira que aparentemente está se encerrando agora, os jornais tomaram providências de redução de custos e reduziram o tamanho. Minha estimativa é que em relação ao final dos anos 90, a *Folha* deva ser hoje, fisicamente, de 25% a 30% menor no espaço editorial. A publicidade se manteve no nível semelhante ao dos anos 90, talvez com uma queda de 5% a 10%. De uma maneira geral o jornal é hoje fisicamente menor do que era nos anos 90. Esses aspectos talvez ajudem a compreender essas mudanças.

Em algum momento da história recente da Folha existiu uma deliberação explícita para reduzir a cobertura da área de educação?
Não me lembro ter havido alguma reunião para, conscientemente, decidir isso. Diria que é uma evolução ao longo dos anos e até das décadas, porque diferentes fatores foram exercendo um jogo de influências.

Nossa pesquisa identifica, no ano de 2002, uma cobertura concentrada em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Por quê?
São limitações que me parecem, em alguma medida, inevitáveis em qualquer cobertura, porque pela simples e boa razão de que os recursos são sempre mais restritos do que a gama de temas que poderiam, em tese, ser objeto de atenção jornalística. Evidentemente, qualquer veículo ao ser publicado faz um recorte na realidade e só traduz, digamos, para o seu público, uma fração muito restrita, específica desse recorte da realidade. Quer dizer, um jornal que se propusesse a relatar tudo que aconteceu nas últimas 24 horas, seria quase por definição um jornal com um número infinito de páginas; então você tem de fazer escolhas, opções, resumos e deixar certos aspectos negligenciados. E para ser mais concreto, a situação da *Folha*, hoje em dia, se distribui, a grosso modo, da seguinte maneira: cerca de 50% dos exemplares circulam na Grande São Paulo, cerca de 30% circulam no Interior de São Paulo, e os outros 20% circulam nos demais Estados da Federação. Mesmo com essa circulação aparentemente concentrada no Estado de São Paulo, a *Folha* ainda é um dos principais jornais brasileiros e tem uma fração maior da sua circulação fora do Estado de origem, neste caso próximo dos 20%. Mas isso reduz, digamos, o público potencial para um enunciado sobre educação num recorte geográfico de Minas, por exemplo, do Rio Grande do Sul, de Pernambuco, da Bahia. Essas circunstâncias demográficas reduzem bastante o grau de interesse de parte do público leitor. Então, estamos, de certa forma, presos à nossa base demográfica, que é 80% São Paulo, seja capital ou Interior.

A Folha faz pesquisas para conhecer o interesse de leitura do seu leitor?

Sim, fazemos pesquisas para tentar conhecer o ponto de vista do leitor. Temos o hábito de pesquisar o mundo do leitor, e eu diria que, pelas minhas vivências dessas pesquisas, elas apontam uma contradição e um desafio profissional para quem está fazendo um jornalismo especificamente nessa área. Qual é a contradição e qual é o desafio? É o seguinte: invariavelmente as pessoas dão grande prioridade ao tema educação. Quando perguntados no abstrato, as pessoas dão grande importância ao tema educação, bem como à saúde. São temas que as pessoas dão a máxima importância. Agora, jornalisticamente, os veículos de comunicação de modo geral, aí incluída a *Folha*, são freqüentemente felizes ao converter esse interesse pela saúde em matéria jornalística, geralmente matéria de leitura utilitária; é vasta a literatura jornalística sobre longevidade, manutenção da boa forma, dieta, exercícios e assim por diante. Mas, enquanto na área de saúde o jornalismo conseguiu dar uma boa resposta para essa demanda, na área de educação não vejo uma resposta de boa qualidade. Quer dizer, ou a gente fica num noticiário oficial, cobrindo o que as secretarias de educação ou o MEC fazem ou dizem, ou deixam de fazer ou deixam de dizer, ou a gente faz, eventualmente, matérias de uma forma muito não sistemática sobre currículos, sobre conteúdos, ou eventualmente um bom serviço sobre a avaliação de colégios e pesquisas de opinião sobre avaliação da rede pública. A meu ver, o esforço bem-sucedido que se faz com saúde não se consegue fazer na educação. É muito raro uma matéria de educação ter uma repercussão mais forte. Em tese, esse tipo de cobertura traz grande prioridade, grande importância, mas em termos práticos isso não resulta num bom atendimento jornalístico, nem no reconhecimento por parte do leitor.

O que se percebe é que a educação é prioritária como discurso, mas a grande verdade é que ela não está refletida na cobertura jornalística do dia-a-dia.

É um assunto que todo mundo atribui prioridade, que tem grande importância, mas difícil de transformar em notícia, provavelmente porque os processos em educação sejam longos, sejam cumulativos. As evoluções ou mesmo as involuções em termos de desenvolvimento educacional se medem ao longo de anos; são processos, digamos, vagarosos. Talvez por isso mesmo seja difícil para a linguagem jornalística encontrar uma maneira de traduzir esse interesse em matérias diárias que sejam interessantes. Como já disse, quando há uma novidade na legislação ou quando há uma inovação em algum desses mecanismos de atenção que partem do governo, aí sim dá até matéria de destaque e que repercute bastante, mas no dia-a-dia é difícil você cobrir processos; é algo pouco palpitante do ponto de vista do repórter e do leitor.

Comente, por favor, a seguinte constatação: a Folha de 1973 comportava uma editoria completa de educação; em meados da década de 1980, havia alguns profissionais dedicados à cobertura dessa área; no final da década de 1990, a cobertura estava vinculada à imagem de um único jornalista, Gilberto Dimenstein, que assinava uma coluna semanal de educação.

O Dimenstein tem uma projeção pública e institucional muito grande. De todos os jornalistas que tenham atuado nessa área na *Folha,* desde o Perseu, ele é aquele que tem, digamos, visibilidade e projeção pública maiores; então acho que a coisa esteja associada à pauta. O Dimenstein é uma pessoa preocupada com esse desafio de como transformar a educação em assunto jornalisticamente interessante. Ele tem essa identificação e temos muito orgulho de a *Folha* ter atuado como uma plataforma para o trabalho dele. Sobre a questão do espaço, insisto: não acho necessariamente certo dizer que uma cobertura de quatro ou cinco páginas seja necessariamente melhor do que uma cobertura de uma ou meia página. Não quero criticar a cobertura que era feita no passado, até porque eu não estava aqui, mas acho preferível uma matéria informativa bem-feita sobre qualquer assunto a ter várias páginas que sirvam um pouco para tapar buraco. Não acho necessariamente que essa redução seja algo ruim.

Os sindicatos, de uma maneira geral, definharam suas atuações nas últimas décadas. Aqueles ligados à área de ensino não fugiram à regra. Esse fato pode ter contribuído para a perda de espaço da educação na mídia?

Acho oportuno você lembrar disso, porque é um aspecto que eu não tinha levado em conta. Faz todo sentido. Na medida em que há uma atuação sindical forte na área de educação, como havia nos anos de 1980 e 1990, esse campo passa a gerar notícia; na atualidade, não.

Entrevista com Fernando Rossetti, realizada dia 08 de dezembro de 2006, em São Paulo .

Você trabalhou dez anos na Folha, a maior parte do tempo como repórter de educação. Como era estruturada a cobertura dessa área?
O primeiro período que estive na *Folha* foi entre meados de 1987 a meados de 1988. Existia uma editoria de educação que produzia uma página diária e era publicada na contracapa do caderno principal do jornal; chama-se "Educação e Ciência". A editoria era relativamente grande: um editor, um subeditor e quatro ou cinco repórteres. Voltei para o jornal em 1990, e a editoria tinha um editor, um subeditor e dois repórteres para produzir a mesma uma página diária, que ainda era contracapa. Logo em seguida, ocorreu uma grande reforma gráfica que diminuiu o tamanho do texto e a cobertura de educação foi para dentro do caderno Cotidiano. Ela migrou da contracapa, perdeu espaço próprio e passou a ter uma página semanal, sempre às segundas-feiras. Quando ocorreu essa reforma, que também foi uma reforma econômica, houve uma enxugada da redação e, de certa maneira, eliminaram os especialistas em educação. Como eu gostava muito da área, passei a levantar e sugerir pautas que eu mesmo acabava cobrindo. O Otavio (Frias Filho) sempre foi uma pessoa que gostou da cobertura de educação. Ele apoiava bastante, mesmo de uma forma distante. Eu notava que quando o texto voltava, tinha anotações do Otavio para eu corrigir certas coisas. Era perceptível que ele tinha um olhar especial para educação, embora tivesse que gerir uma empresa jornalística que tem que dar lucro. Existe a cultura no mundo jornalístico que educação não dá leitura, o que, acredito, não seja verdade. A partir de 1995, depois de ter passado seis meses na África do Sul, virei repórter setorista da *Folha de S. Paulo* na cobertura de educação. Foi assim até 1999, quando deixei o jornal. Naquela época aconteceu uma coisa muito importante: o jornal começou a ter o "Datadia", ou seja, o Datafolha criou um mecanismo para apurar junto aos leitores a média de leitura diária das matérias. E percebemos que tem certas matérias de educação que dão leitura. E são exatamente aquelas que falam direto com o leitor, focando e falando da vida dele e do filho dele; isso dá leitura. Agora, falar de políticas públicas de educação não dá leitura. Se não traduz para o mundo do leitor, não funciona como comunicação de educação.

Na ocasião estavam em debate várias questões fundamentais para a educação, o que exigia cobertura jornalística. Se não fosse você, o jornal teria destacado outro repórter para cobrir o setor?
Acredito que sim, porque havia todo um contexto, estavam ocorrendo gigantescas reformas na educação. No Estado de São Paulo, a Rose Neubauer (secretária de Educação do Estado) estava fazendo a reorganização das escolas, estava implantando um sistema de avaliação importante. O Paulo Renato (ministro da Educação) estava propondo a reforma universitária que até hoje não foi implantada por completo, estava implantando o Provão e havia uma intensa discussão da LDB. Era impossível não falar de educação; a

questão era como falar da educação. Eu me destaquei porque era setorizado, entendia e discutia as questões da educação.

No final da década de 1990, a cobertura de educação já era esporádica na Folha. O jornal saiu, em 1973, de uma editoria completa, para apenas um repórter dedicado a essa cobertura na virada do século. Qual a sua avaliação sobre esse comportamento empresarial?

Acho que a mudança é global, associada a um problema cultural brasileiro, que é um descaso com a educação. Existiu um fenômeno global, que foi o preço do papel; começou a ficar cada vez mais complicado para os meios de comunicação sobreviver. Além disso, houve uma diminuição nas verbas de publicidade e, por último, a internet. Quando o ambiente econômico é hostil para os meios de comunicação, os jornais enxugam e acabam cortando em áreas que não consideram prioritárias. Na outra ponta encontramos uma questão cultural que não valoriza o tema educação. E para comprovar, basta ver uma pesquisa Ibope, que foi divulgada recentemente: a população coloca em 7º lugar sua prioridade educacional.

O jornal deveria ter responsabilidade social na cobertura dessa área?

Estamos numa sociedade onde o conhecimento é a coisa mais importante para gerar riqueza. O Brasil, na verdade, poderia dar um salto no processo de industrialização e não passar pelo processo de industrialização que a China está passando. Ele poderia saltar para uma identidade mais de serviço e de conhecimento, mas está marcando passo. É óbvio que é uma questão estratégica investir em educação, e aí os jornais têm uma responsabilidade social; deveriam investir mais e pautar essa área. Nos EUA e na Inglaterra os jornais também sofreram solavancos econômicos, mas mantêm páginas e páginas para cobrir educação. Os jornais brasileiros precisam parar de achar que a educação se dá somente na sala de aula; a educação na sociedade atual, que é do conhecimento, ocorre no jeito que você se relaciona, no modo que você constrói conhecimento, mas os jornais não entenderam isso ainda.

Além disso, a pouca cobertura é feita ouvindo somente as fontes oficiais.

A educação no Brasil é coberta de cima para baixo. Fala-se com ministro, com o secretário, com supervisor, com o diretor. O professor aparece nas matérias somente perifericamente; aluno, então, coitado, quase não tem voz. Isso acontece por incompetência e por restrição ao número de pessoas nos jornais cobrindo o setor. A pauta é do governo e não temos repórteres com repertório suficiente para questionar a informação; então segue-se o fluxo de discurso do governo.

Modelo da Ficha de Pesquisa

Data:_____

1) Número da página:_____

2) Título da matéria: _____

3) Cm2 de coluna: _____

4) Origem da reportagem (cidade): _____

5) Nome da(s) fonte(s) citada(s) ou entrevistada(s):_____

6) Setor de atuação: Público ou privado?_____

7) Tema abordado:

7.1 - Educação infantil: _____

7.2 - Ensino fundamental: _____

7.3 - Ensino Médio: _____

7.4 - Ensino Superior: _____

8) Resumo (palavra chave)_____

Anexo I

DATA	PÁG	TÍTULO	CM/COL	ORI-GEM	FONTE	SETOR	TEMA	P.CHAVE

07/01/73	21	CESCEA: horários e locais	49	SP		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	21	Prazos de matriculas	12	SP			Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	21	No ceará, batalha dos exames	19,5	Fortaleza		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	Começa hoje a grande guerra dos vestibulares	8,5	SP/RJ		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	Muito cuidado com o número alfabético	33			Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	O Mapofei tem 4.040 vagas para oferecer, hoje	26	SP		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	Medicina lidera a procura no Cescem	20	SP		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	Testes dão muito trabalho a quem as formula	81	SP		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	Preparativo para que tudo corra bem	39	SP		Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	22	Recomendações finais para os candidatos	14	SP		Indefinido	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	23 ARTIGO	Alquimias, Alquiminas...	46	ARTIGO	Perseu Abramo			Crítica, vestibular
07/01/73	23	Na FIA, 1.300 para 990 vagas	10				Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	23	Escola vai à justiça com ações contra SE	17,5	Ribeirão Preto	Dir. da Escola – Prof. José Moreno Cabrerizo	Público	Ensino Médio	Contestação judicial contra SE
07/01/73	23	Computação terá plano de ensino	9,5			Público		Ensino de informática
07/01/73	23	Em Pernambuco, candidato cego faz vestibular	14	Recife	Coordenador do vestibular da UFP	Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	23 ARTIGO	Nomes próprios. A língua nossa de cada dia	40	ARTIGO	Emir Nogueira			Nomes próprios
07/01/73	23	Exames não impedem aula	19,5	SP		Privado	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	23	No Cescea, o maior exame	7			Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	23	Inscrições em Mogi	31,5			Privado	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	24	Mapofei: horários e locais	63			Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	25	CESCEM: horários e locais	38,5			Público	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	25	Hoje, cerca de duzentas escolas	29			Privado	Ensino Superior	Vestibular
07/01/73	26	Matriculas para colégios agrícolas	33,5				Ensino Médio	Inscrições abertas Colégios agrí-

								colas
07/01/73	26	Brasileiro pesquisa em Londres	13,5	Londres	Prof. Euclides Joaquim Lourenço	Público	Ensino Superior	Pesquisa
07/01/73	26	Dia 11 começa concurso para os servidores	42	SP		Público		Concurso público
07/01/73	26	Ciências Agrárias	5,5	Brasília		Público	Ensino Superior	MEC institui comissão agrária
07/01/73	27 CARTA	Carta sobre "O suplício regimental das tradicionais defesas de tese	260	CARTA	Carta de um professor		Ensino Superior	Críticas ao sistema de defesa de tese
07/01/73	27 ARTIGO	Injeção de tecnologia	120	Copyrugth – Le Monde – Opera Mundi	Jean-Pierre Bernard			Resultado de reunião em Paris que debateu a transferência de tecnologia para os países em desenvolvimento
12/01/73	CAPA	Valeu a pena?	4	CAPA		Privado	Ensino Superior	Vestibular
12/01/73	10	Teste, o meio nefasto de avaliação	10,5	SP	José Goldenberg - Chefe Departamento de Física/USP	Público	Ensino Superior	Vestibular
12/01/73	10	Para a maioria, acabou	55,5	SP		Público	Ensino Superior	Vestibular
12/01/73	10	Uma candidata tenta suborno	6	Recife			Ensino Superior	Vestibular
12/01/73	10	Mapofei não anula itens	18,5	SP	Coord. do vestibular. Prof. Izrael M. Rozemberg	Público	Ensino Superior	Vestibular
12/01/73	10	Delegado do MEC diz: qualquer nota aprova	37,5	SP	Olavo Batista Filho. Delegado do MEC	Privado/Público	Ensino Superior	Vestibular
12/01/73	10	Representação ao CFE	11,5	SP	Júlio dos Santos Oliveira	Privado/Público	Ensino Superior	Vestibular – Crítica
12/01/73	10	O decreto que abriu a escola à anota 0,5	43			Público/Privado		Decreto 68.908/13/06/71
12/01/73	11	Três versões de uma prova de física	145,5			Público	Ensino Superior	Prova do Mapofei
12/01/73	11 ARTIGO	Um físico critica as provas de física	15	ARTIGO	José Goldenberg		Ensino Superior	Vestibular
12/01/73	11	Em Sergipe, o computador é um inimigo	12	Aracajú	Profs. José Lopes Gama e Jorge de Oliveira Neto	Público	Ensino Superior	Informática
12/01/73	11	O roubo das questões da prova	12	Recife		Privado	Ensino Superior	Vestibular – roubo de gabarito
12/01/73	11	A memorização ao lado de bons itens	10,5	SP	Prof. José Carlos Manoel Leal			Vestibular
12/01/73	12/13	Continuação da pág. Sobre prova de física	430	SP		Público		Vestibular
12/01/73	14	Segunda começa a agonia da PUC	23	SP		Privado	Ensino Superior	Vestibular
12/01/73	14	Neste ano, haverá dois su-	7		Prof. Waldemar Bernardes	Público	Ensino Médio	Supletivo

		pletivos						
09/02/73	CAPA	Formação do magistério: Normas	1,5	CAPA			Ensino Superior	CFE Normas para o Magistério
09/02/73	9	O ano começa hoje só para mestres	30	SP		Privado/Público	Ensino Médio	Início do primeiro semestre de 73
09/02/73	9	Os alunos terão mais 7 dias	33	SP		Privado/Público		Início do ano letivo
09/02/73	9	Proposta criação de um novo ministério	29	RJ	Afonso Arinos			Conselho Federal de Cultura
09/02/73	9	Aprovadas normas do magistério	14			Privado/Público	Ensino Médio	Magistério OBS: Matéria chamada na capa, mas que vem em segundo plano na página interna
09/02/73	9	Escolas de E. Física devem ser completas	17		Paulo Natanael de Souza – membro do CFE	Privado/Público	Ensino Superior	Educação física
09/02/73	9	Fac. de Medicina do ABC sofre inquérito	15	SP		Privado	Ensino Superior	Dir. Acadêmico encaminha denúncia ao MEC
09/02/73	9	OMEC: nova lista para odontologia	44	SP		Privado	Ensino Superior	Vestibular
09/02/73	9	Comunicação Anhembi: 180	11	SP		Privado	Ensino Superior	Vestibular
09/02/73	9	Faculdades Anchieta: 63	11	SP		Privado	Ensino Superior	Vestibular
14/02/73	8	Diretores concursados vão propor ação judicial para obter cargos	26	SP		Público	Ensino Médio	Concurso público
14/02/73	8	Medicina de Santo Amaro:60	16	SP		Privado	Ensino Superior	Vestibular
14/02/73	8	Os aprovados em Ourinhos	72	Ourinhos (SP)		Privado	Ensino Superior	Vestibular
14/02/73	8	Língua portuguesa, a segunda na França	37	Paris (AP)				Lê Figaro, diz que língua portuguesa é a segunda mais falada
14/02/73	8	O ex-idioma clandestino	33,5	Paris (AP)				Continuação Lê Figaro
14/02/73	8	Termina amanhã a semana de estudos	45	SP	SE	Público	Ensino Médio	Educação
14/02/73	8	Freqüência livre: MEC é contra	12,5	Brasília	MEC		Ensinos Fundamental e Médio	Política educacional. Projeto de lei do dep. Alfeu Gasparini (Arena)
14/02/73	8	Católica não responde a denúncia	9,5			Privado	Ensino Superior	Vestibular
14/02/73	8	Atendimento da demanda escolar	5,5	SP		Público	Ensinos Fundamental e Médio	SE – melhora do atendimento
14/02/73	8	Novos cursos técnicos	4,5		SE de SP	Público	Ensino Médio	Novos cursos

01/03/73	3 ARTIGO	Educação e Cultura Editoria Nacional	32,5	ARTIGO			Ensino Superior	Reforma do Ensino Superior
01/03/73	12	Hoje, remoção para mestras do MM	23,5	SP	João Beber Filho Dep. Municipal de Ensino	Público	Ensino Médio	Magistério Municipal
01/03/73	12	SE promete vagas a todos	44,5	SP	SE	Privado/Público	Ensinos Fundamental e Médio	Vagas nas escolas públicas
01/03/73	12	CPP insiste sobre estudos do estatuto	20,5	SP	Centro do Professorado Paulista	Público	Ensinos Fundamental e Médio	Atividade associativa
01/03/73	13	Os novos diretores escolhem vagas	35	SP		Público	Ensino Médio	Posse de diretores
01/03/73	13	Concedida liminar contra imposto	12	SP	Raul Schinden Advogado	Público	Ensino Médio	Matricula de aluno
01/03/73	13	Nova atribuição de aulas?	26	SP	SE - Apesnoesp	Público	Ensinos Fundamental e Médio	Aulas excedentes de II Grau
01/03/73	13	Professores de comunicação	5	Campinas (SP)	PUCCamp	Privado	Ensino Superior	Vagas para professores
01/03/73	13	Volta às aulas	4	Blumenau (SC)		Privado	Ensino Superior	Volta às aulas
01/03/73	14	S. Miguel Paulista: 90 nomes	26,5	SP	Faculdade S. Miguel Paulista	Privado	Ensino Superior	Vestibular
01/03/73	14	Valeparaibano de ensino chama 54	18	São José dos Campos (SP)	Fundação Valeparaibano de Ensino	Privado	Ensino Superior	Vestibular
01/03/73	14	Excepcionais terão mestres habilitados	15	SP	SE	Público	Ensinos Fundamental e Médio	Política educacional
01/03/73	14	Santa Casa de novo	6,5	SP	Fac. Ciências Médicas	Privado	Ensino Superior	Vestibular
01/03/73	14	OMEC mais 10	6,5	SP		Privado	Ensino Superior	Vestibular
01/03/73	15	PUC convoca mais de 300 vestibulandos	424	SP	PUC/SP	Privado	Ensino Superior	Vestibular
01/03/73	15	Começam a acabar os exames vestibulares	136	SP			Ensino Superior	Vestibular
01/03/73	15	Expediente da Educação Atos oficiais	288	Expediente da Educação Atos oficiais	Governo do Estado			Notas informativas
01/03/73	15	INL editará livros para alfabetizados	13	Brasília	Inst. Nacional do Livro			Livro didático
01/03/73	15	MEC é contra projeto sobre professores	14	Brasília	MEC			Pagamento de professores
01/03/73	15	Mobral	4	Florianópolis (SC)			Alfabetização de adultos	Alfabetização
01/03/73	15	Itália aprova reforma	6,5	Roma (AFP)	Ministério da Educação		Ensino Superior	Reforma universitária
01/03/73	15	Revah morreu em Paris	8	Paris (AFP)				Morre Israes Salvador Revah
01/03/73	15	Instalação do	7,5	SP	SE	Público	Ensino	Construção de

		GESC em Taubaté					Fundamental	grupo escolar
01/03/73	15	Alunos da PUC não ganharam o mandato	437	SP	Mario Antonio Ferreira Milano – Juiz Reitoria da PUC/SP Dir. Acadêmico Leão XV	Privado	Ensino Superior	Medida de segurança
07/04/73	CAPA	Exames supletivos no Caderno Escolar	4,5	CAPA		Público/Privado	Ensino Médio	Chamada para o caderno que circularia na 2ª dia 09/04/73
07/04/73	9	Repercute em Campinas o parecer sobre os reitores	532	Campinas (SP)	SE	Público	Ensino Superior	Regras para o mandato de reitores estaduais e municipais
07/04/73	9	Orientadores: aprovado parecer	532		CFE			Regulamenta a profissão de orientador profissional
07/04/73	9	2 anos, 290 pedidos reformados	42		Fundo estadual de construção escolar – SE	Público	Ensino Fundamental	Reforma de escolas
07/04/73	9	Vestibular elitiza a cultura, diz professor	28	Rio de Janeiro	Prof. Antonio Luiz Mendes	Privado	Ensino Superior	Critica ao modelo do vestibular
07/04/73	9	No Tribunal de Justiça SE vence caso da idade	12	SP	TJSP	Público	Ensino Médio	Mandado obriga aluno com mais de 20 anos ser aceito na rede oficial
07/04/73	9	"Hoje, praticamente, só não estuda quem não quer"	15	SP	Prof. João Berbes Filho, Dir. Dep. Municipal de Ensino	Público/Privado		Palestra ufanista sobre o ensino no Brasil
13/04/73	1ª	As críticas de um técnico ao Mobral	14,5	Brasília	John O Cairns Téc. da UNESCO	Público	Alfabetização	Crítica ao Mobral
13/04/73	9	Escola de SP perde segurança na Justiça	14	SP	Tribunal de Justiça de SP		Ensino Médio	Matrícula no colegial
13/04/73	9	Culto à ciência: centenário	23,5	Campinas		Privado		Comemoração de 100 anos do colégio
13/04/73	9	Entregue 6 novas escolas	14	SP	Governo do estado	Público	Ensino Infantil	Construção de escolas
13/04/73	9	Técnico (UNESCO) critica fins e meios do Mobral	56	Brasília	John O Cairns	Público	Alfabetização	Mobral
13/04/73	9	Mobral afirma adequados os métodos pedagógicos	53	Rio de Janeiro	Arlindo Lopes Correa, Sec. Ex. do Mobral	Público	Alfabetização	Mobral
13/04/73	9	O que é e o que faz	61			Público	Alfabetização	Notas sobre o Mobral
13/04/73	9	Hoje, a escolha de vagas na GSP	7			Público	Ensino Fundamental	Preenchimento de vagas
13/04/73	10	Expediente da Educação. Atos oficiais.	94	Expediente da Educação Atos oficiais				Atos oficiais do Estado
28/04/73	CAPA	Ministro e Secretaria em	9	CAPA	Esther de Figueiredo Ferras	Público	Política Educacio-	Rebate críticas à SE

		São José					nal	
28/04/73	9	Será dia 6 a prova datilográfica da SE	17.0	SP	SE	Público		Concurso público - Escriturário
04/05/73	12	Na área social, futuro da psicanálise	120	RJ	Leão Cabernite – Pres. da Sociedade Psicanalítica			A psicanálise precisa atuar mais no campo social
04/05/73	12	Como será o pulo de nível a nível	24	SP		Público	Ensino Superior	Comissão especial de progressão na carreira – funcionalismo público
04/05/73	12	Técnico de educação passa a inspetor	28	SP	Esther de Figueiredo Ferraz – Secretária da Educação	Público	Ensino Médio	Projeto de lei
04/05/73	12	Hoje em Bauru reunião para os supletivos	15	Bauru		Público	Ensino Médio	SE do Estado percorre divisões regionais do interior
04/05/73	12	Alunos ficam sem aulas, mas ganham merenda	11	SP		Público		Mesmo em recesso, escolas continuam distribuindo merenda
04/05/73	12	Ouro Preto	04	Ouro Preto	Rondon Pacheco – Gov. MG	Público		Acervo arquitetônico, histórico e cultural das cidades mineiras
04/05/73	12	Vestibular sem freqüentar o cursinho	46		Erci Lima Ayola – professora	Privado	Ensino Médio	Preparação para o vestibular
04/05/73	12	Escola precisa de reforma e pede urgência	14	Avaré	Osvaldo Fernandes – professor	Público	Ensino Fundamental	Escola deteriorada
04/05/73	12	Mais 400 mestres acionam o Estado	32	SP	Raul Schwiden Júnior e Robson Crispin Valle – advogados professores	Público		Regularização da situação de trabalho
04/05/73	12	Tribunal contra a SE	20	Ribeirão Preto	Rosângela Todescal Dias da Silva	Privado	Ensino Médio	Regularização de diplomas
04/05/73	12	Conceituação de cursos de nível superior	16	SP		Público	Ensino Superior	A SE orienta institutos de ensino superior municipais e estaduais
04/05/73	12	Repudiada assinatura com o polegar	16	Barretos	Tutomu Kitagawa – Vereador	Público		Projeto para vetar o uso da impressão digital como assinatura
04/05/73	12	Menores vão à Justiça	20	SP	Raul Schwinden – advogado	Público	Ensino Médio	Ação para incluir candidatos emancipados com menos de 21 nos exames supletivos
04/05/73	12	No Exterior exposição do Pelletron	10,5	SP	Oscar Salla – professor	Público	Ensino Superior	Congresso Internacional de Física Nuclear
04/05/73	12	Engenheiros e geólogos em reunião	10,5	SP	André Davino e Alcides Frangipani		Ensino Superior	Congresso Internacional de Geologia e En-

								genharia
04/05/73	27 – Interior	Uma olimpíada de estudantes	6,5	Machado(SP)				Olimpíada Estudantil
04/05/73	27 – interior	A diretoria do centro cívico	8	Pereiras(SP)		Público		Eleições do centro cívico
11/05/73	11	CFE pune baixa freqüência	32	Brasília	José Vasconcelos – CFE	Público	Ensino Superior	Punição para professores faltosos
11/05/73	11	Concurso: serviço militar	12					Concurso para serviço militar
11/05/73	11	Expediente da Educação Atos oficiais	88	Expediente da Educação Atos oficiais				Expediente da Educação
11/05/73	11	Alunos da PUC decidem não pagar a sobretaxa	28	SP	Leda Maria Pereira Rodrigues – vice-reitora	Privado	Ensino Superior	Alunos se recusam a pagar sobretaxa
11/05/73	11	Escola cobra matrícula, mas, não dá aulas	14	Florianópolis	Manuel Victor Gonçalves – Deputado (MDB)	Privado		Denúncia de escola que não iniciou as aulas
11/05/73	11	Escola de Enfermagem em Mogi	20	SP	André Cano Garcia – Diretor	Privado	Ensino Superior	Novo curso de enfermagem
11/05/73	11	SC: Diretor de Fundação volta ao cargo	11	Itajaí (SC)	Luiz Antônio Cechinel – Diretor	Público	Ensino Superior	Diretor reassume o cargo
11/05/73	11	Curso na UFSC	04	Florianópolis		Público	Ensino Superior	Novo curso
11/05/73	11	Supletivo	3,5	Blumenau		Público	Ensino Fundamental	Supletivo dinâmico pelo rádio
11/05/73	12	Emancipados sem vez	26		Carlos Fernando Carbonel – estudante	Público	Ensino Médio	Estudantes emancipados não podem receber o certificado
11/05/73	12	Madureza: poucas inscrições	100	SP		Público	Ensino Fundamental e Médio	Exames supletivos de 1º e 2º grau
11/05/73	12	Nova segurança contra anulação de diplomas	20	Ribeirão Preto	Sidney Sanches Desembargador, Mauro Kinji – estudante	Privado	Ensino Médio	Regularização de diplomas
11/05/73	12	UM EXEMPLO DE CORAGEM	09		Harold Krents – aluno de Direito de Oxford			Cego lança livro
11/05/73	30 – Interior	Realidade Brasileira	08	SP	Pedro Brasil Bandecchi – Professor	Público		Debate sobre a realidade brasileira
19/05/73	CAPA	Madureza: inscrições abertas	8,5	CAPA		Público	Ensino Fundamental e Médio	Prazo para inscrição dos exames supletivos
19/05/73	CAPA	A freqüência em debate	3,5	CAPA		Público	Ensino Superior	Debate sobre resolução do CFE que pune professor faltoso
19/05/73	07 – exterior	Escrita chinesa será simplificada	11,5	Tóquio(AP)				Reforma gramatical chinesa
19/05/73	10	Aprovados na Faculdade de Tecnologia	114	SP		Público	Ensino Superior	Lista de aprovados

19/05/73	10	Expediente da Educação Atos oficiais	58	Expediente da Educação Atos Oficiais				Expediente da Educação
19/05/73	10	Vídeo - tape	04	SP		Público		Formato vídeo – tape
19/05/73	11	Encerram-se hoje as inscrições	43	SP	SE	Público	Ensino Fundamental e Médio	Prazo para inscrição dos exames supletivos
19/05/73	11	Professores e diretores diante da obrigatoriedade	78		José Vasconcelos – CFE, Edna Felizardo Massei, Almir Tolstoi Rocha Pita, Tereza Martin, José De Vito, Cleid Torres Abude e Vitor Gialluisi – Professores	Público	Ensino Superior	Resolução do CFE que pune professor faltoso
19/05/73	11	Seminário começa 2ª para tratar do tema	32	SP	Heitor Gurgulino de Souza – Diretor do Departamento de Assuntos Universitários	Privado	Ensino Superior	Seminário para aproximação das escolas particulares com o MEC
19/05/73	11	Maior rapidez para os que aprendem depressa	62	SP	João Carlos Di Gênio – Objetivo, Moisés Lam – Prof. Objetivo	Privado	Ensino Superior	Palestra sobre educação com João Carlos Di Gênio
19/05/73	11	Apenas um mês e meio para entrar em vigor	56		José Vasconcelos – CFE	Público	Ensino Superior	Íntegra da resolução do CFE para professores
19/05/73	11	Para formar mestres	22	Brasília	Miguel Reale – Reitor da USP	Público	Ensino Superior	VI Seminário sobre Assuntos Universitários – discussão de diretrizes e normas
19/05/73	17 – Interior	Encontro de professores	10,5	Itapetininga				80 professores da área de humanas se reúnem na cidade
19/05/73	17	Faculdade	3,5	Araraquara	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação, Rafael Lia Rolfsen – Professor		Ensino Superior	Rafael Rolfsen foi nomeado interventor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Pardo
16/06/73	CAPA	MEC lança campanha de trânsito	09	CAPA			Ensino Fundamental	MEC e CONTRAN anunciam campanha de trânsito
16/06/73	CAPA	Passarinho promete nova universidade	06	CAPA		Público	Ensino Superior	40º aniversário da Escola Paulista de Medicina – Ministro promete outra universidade
16/06/73	02 – Exterior	50 estudantes estão presos em Bogotá	14,5	Bogotá	José Evidio Beltran – Estudante			Conflito entre estudantes e policiais
16/06/73	04 – Nacional	Painel A corrida à Universidade	10				Ensino Superior	Previsão de nº de alunos nas universidades para o ano de 1974

16/06/73	11	As comemorações da Paulista de Medicina	36	SP	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação, Figueiredo Ferraz - Prefeito Salvador Julianelli, Fauze Carlos – Deputados, Horácio Kneese de Melo – Professor	Público	Ensino Superior	Comemoração dos 40 anos da Escola Paulista de Medicina
16/06/73	11	Ministro defende inspeção contínua	36,5	SP	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação	Privado	Ensino Superior	Ministro fala sobre ensino particular
16/06/73	11	Os psicólogos reúnem-se novamente hoje para defender sua profissão	81	SP	Waldecy Alberto Miranda – Presidente da Associação Profissional dos Psicólogos do Estado de São Paulo		Ensino Superior	Psicólogos defendem a importância da profissão
16/06/73	11	Deputado aponta déficit de salas	22	SP	Alberto Goldman, Theodosina Ribeiro, Salvador Julianelli, Ricardo Izar, Castelo Branco – Deputados, Esther Figueiredo Ferraz – Secretária da Educação	Público		Discussão sobre investimentos na Educação
16/06/73	11	MEC e CONTRAN lançam campanha de trânsito	25	Brasília	Silvio Diniz – Presidente do CONTRAN		Ensino Fundamental	Campanha de trânsito
16/06/73	11	Não se falou de transportes no seminário	23,5	SP e Campinas		Público	Ensino Superior	Transporte para acesso aos campus da USP e da UNICAMP
16/06/73	11	Vestibulares	26,5				Ensino Superior	Edital de Vestibulares
26/06/73	10 – Local	A Nova São Paulo surge no projeto dos estudantes da FAU	121	SP	Carlos Satochi Okamura, José Otávio Closs Scharlach, Kunie Higaki, Luis Guilherme de Moraes Monteiro, Newton Massafumi Yamoto, Paula Maria Motta Lara, Tersia Pilonia de Paoli e Yoshio Arakawa – Estudantes	Público	Ensino Superior	Estudantes da FAU criam projeto para uma Nova São Paulo
26/06/73	10 – Local	Entre o Tietê e o Pinheiros	144	SP	Carlos Satochi Okamura, José Otávio Closs Scharlach, Kunie Higaki, Luis Guilherme de Moraes Monteiro, Newton Massafumi Yamoto, Paula Maria Motta Lara, Tersia Pilonia de Paoli e Yoshio Arakawa – Estudan-	Público	Ensino Superior	Estudantes da FAU criam projeto para uma Nova São Paulo

					tes			
26/06/73	14	MEC organiza seu Centro Especial	25	Brasília	Nize Pires – Secretaria Geral do Ministério da Educação	Público		Centro de atendimento aos excepcionais
26/06/73	14	Expediente da Educação Atos oficiais	64	Expediente da Educação Atos oficiais				Expediente da Educação
26/06/73	14	Empresários	3,5	SP	Marcello Miliet Kihel – Empresário	Privado		Palestra
26/06/73	14	Reitor da USP em Sergipe	04	SP	Miguel Reale – Reitor da USP	Público	Ensino Superior	Palestra
26/06/73	15	Precários vencem 1ª luta	96	SP	José André Bereta – Juiz, Raul Schwinden – Advogado	Público		Professores acionam a Justiça para resolver situação de trabalho
26/06/73	15	Comissão da AL não discute e aguarda	40	SP	Hatiro Shimomoto, Sólon Borges dos Reis, Daud Jorge Simão, Theodosina Ribeiro, Agnaldo de Carvalho Júnior – Deputados, Esther de Figueiredo Ferraz – Secretária de Educação, Paulo Nathanael – Secretário Municipal de Educação	Público	Ensino Fundamental	Municipalização das escolas do 1º Grau
26/06/73	15	SE afirma linha de ação	52	SP	Comunicado SE: Esther de Figueiredo Ferraz	Público		Reforma de ensino
26/06/73	15	Escolas vão combater fumo e álcool	11,5	SP		Público		Escolas do Estado participam de campanha para combater fumo e álcool
26/06/73	15	Homenagem ao organizador da I Bienal	09	SP	Osvaldo Correa Gonçalves – Presidente do Conselho Diretor da Bienal de Arquitetura			Homenagem
26/06/73	16	30% não voltaram ao local de inscrição	50	SP	Waldemar Bernardes – Coordenador dos Exames Supletivos da SE	Público	Ensino Médio	Exames supletivo
26/06/73	16	Cientistas de Amanhã estarão no Fundão	55	RJ	Maria Julieta Ormastroni – Diretora executiva do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, Luiz Antonio F. Bezerra, Ricardo Brandão Daltro, Renato Bonavige, Sérgio Luiz Schimidt, José Roberto Tavares Branco e Nelson Célio Diniz – Estudantes			Concurso "Cientistas de Amanhã"

26/06/73	16 ARTIGO	A educação como mudança	70	ARTIGO	Pierre Furter – Professor da Faculdade de Genebra			X Congresso Nacional da Escola de Pais
26/06/73	16	Novas terapias para o Câncer	78	SP	Philip Rubin – Universidade de Rochester	Público	Ensino Superior	Palestras na Medicina da USP
21/07/73	11	O grande sonho dos físicos talvez já seja uma realidade	42	SP	José Goldenberg – Professor Instituto de Física da USP	Público		Descoberta da fusão nuclear
21/07/73	11	Deputado interpelará secretária	15		Caio Pompeu de Toledo – Deputado e Esther de Figueiredo Ferraz – Secretária de Educação	Público	Ensino Superior	Bolsa de estudos para estudantes carentes
21/07/73	11	Rondon atuará o ano todo no V. do Ribeira	32		Laudo Natel – Governador, Miguel Colasuonno – Secretário do Planejamento, Armando Barroso – Prefeito de Sorocaba, Mário de Mello Bonadia – Prefeito de Jacupiranga, Raul Czarny, Major Newton Heraclio Ribeiro – SUDELPA	Público		Projeto Rondon
21/07/73	11	Lançado o concurso sobre Santos Dumont	51	SP		Público e Privado	Ensino Fundamental e Médio	Edital do concurso escolar
21/07/73	11	Carta da Udemo a Natel sobre o Estatuto	25		Laudo Natel – Governador, Esther de Figueiredo Ferraz – Secretária de Educação, Osiro Silveira – União dos Diretores do Ensino Médio Oficial	Público	Ensino Médio	Estatuto do magistério
21/07/73	11	Psicólogos recebem apoio do ministro	38	SP	Mário Machado Lemos – Ministro da Saúde, Arthur de Alcântara – Conselho Nacional de Saúde, Dante Moreira Leite – Presidente da Sociedade de Psicologia de São Paulo, Waldecy Alberto Miranda, Lygia Portugal Rodrigues – Associação Profissional dos Psicólogos do Estado de São Paulo		Ensino Superior	Regularização da profissão
21/07/73	11	Educadores gaúchos	11	SP	Ramiro Frota Barcellos, Mozart Pereira Soares – Professores, Padre Guy Paulo			Livro sobre o acidente de avião nos Andes

					Bisi e a Jornalista Maria Dinorah L. do Prado			
21/07/73	11	Expediente da Educação Atos oficiais	50	Expediente da Educação Atos oficiais				Expediente da Educação
21/07/73	11	SC: Denúncia de fraudes nos supletivos	19,5	Florianópolis	Honorato Zonta e Jorge de Souza Coelho – Colégio Sebastião Toledo dos Santos, Rubens Braun, Nelcy Ilha Lindner e Manoel Luiz Olega Rio – Colégio Normal Pedro II	Privado	Ensino Médio	Fraude em exames supletivos
21/07/73	11	Madureza em MT vai começar 2ª feira	19,5			Público	Ensino Fundamental e Médio	Calendário de provas dos exames supletivos
21/07/73	11	SUDENE apoia Educação no Nordeste	12		General Evandro de Souza Lima – SUDENE	Público		Programas educacionais com iniciativa da SUDENE
21/07/73	11	Seminário vai debater homossexua - lismo	9,5		Marcus Fernandino – UFMG, Alberto Lyra – Psiquiatra			Debate sobre homossexualismo
21/07/73	11	Recomendações dos secretários ao Ministério	12			Público		Recomendações para aperfeiçoar o sistema de ensino
21/07/73	12 – Interior	Premiados na festa da canção colegial	32	SP	Francisco Rossi – Prefeito, Deo Lopes, Hamilton Silva, Américo Silveira, Valdomiro de Deus, Mauro Celso Swezzatto, José Sebastião e Sérgio Delano – Estudantes	Público		Festival de música na cidade
21/07/73	26 – Esportes	Jogos Estudantis estão alcançando ótimo nível	24	Brasília	Maria Elisa Guimarães, Leila Maria Costa Louzada, Fernando Prado, Abtel Neto, Cristina Teresa Bassani e Selma Dias – Atletas			Jogos Estudantis
29/07/73	17	Os catetos, a hipotenusa, as crianças e o Psicodrama	79,5	SP	Maria Greeb – Diretora da Escola de Psicodrama Pedagógico		Ensino Fundamental	Método de aprendizagem chamado Psicodrama
29/07/73	17	Um encontro sobre ensino do Direito	16	Campinas	Miguel Reale – Reitor da USP		Ensino Superior	III Encontro Brasileiro das Faculdades de Direito
29/07/73	17	Pediatria	04	Buenos Aires(AFP)				VII Congresso Continental de Pediatria
29/07/73	17 ARTIGO	A língua nossa de cada dia: Nomes de ci-	46,5	ARTIGO	Autor: Emir M. Nogueira			Artigo sobre simplificações e adaptações de

		dades						nomes para a ortografia brasileira
29/07/73	18 ARTIGO	Esses importantes seres chamados micróbios	300	ARTIGO	J. Reis			Micróbios
29/07/73	19 ARTIGO	O problema do diploma internacional	44	Colônia – Alemanha ARTIGO	Konrad Adenager, Charles de Gaule Autor: Antônio Carlos Pimpão		Ensino Superior	Questão da validade do diploma internacional
29/07/73	19	Diretor do MEC comenta os salários	17,5	Brasília	Newton Sucupira – MEC	Público	Ensino Superior	Salário de professores universitários
29/07/73	19	Será indicado novo Reitor para Goiás	8,5	Goiânia	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação, Domingos Juliano, Quintiliano Avelar, Paulo de Bastos Perillo, Hermínio Pedroso, Jamil Yasi e Clenon Orlando Gomes – Professores	Público	Ensino Superior	Indicação de novo Reitor
29/07/73	20	Secretário explica como está o ensino municipal	112,5	SP	Paulo Nathanael – Secretário Municipal de Educação	Público		Panorama do ensino municipal
29/07/73	20	Licenciados recorrem ao Conselho Federal	30	Araçatuba	Eufrázio de Toledo – Reitor do Instituto Toledo de Ensino, Clóvis Arruda Campos – Inspetor Federal, Renato Ferreira e Antônio Carlos Moreira Marques – Inspetores de Ensino e Laerte Ramos de Carvalho – Professor	Privado	Ensino Superior	Pedido de reconhecimento do curso junto ao CFE
29/07/73	20	Vestibulares	24				Ensino Superior	Edital de vestibulares
29/07/73	20	Expediente da Educação Atos oficiais	105	Expediente da Educação Atos oficiais				Expediente da Educação
29/07/73	21	Administração pela TV, hoje 2ª época	59	SP				Lista de alunos que devem prestar o exame do CIEE
29/07/73	21	Farmacotécnica quer adaptar seu currículo	15	SP			Ensino Superior	I Encontro Nacional de Professores de Farmacotécnica
29/07/73	22 CARTA	Seção de cartas: Diálogo	62	CARTA				Carta dos leitores
29/07/73	22	Colômbia obteve financiamento para o ensino	12	Washington		Público		Financiamento do Banco Mundial para programa educacional na

								Colômbia
29/07/73	23	SC examina a unificação dos supletivos	15	Florianó-polis	Paulo Blasi – Secretário de Educação de SC	Público	Ensino Médio	Unificação dos exames para evitar fraudes nos supletivos
29/07/73	23	Congresso mé-dico	03	Quito(AP)				VII Congresso Latino Ameri-cano de Gine-cologia
29/07/73	23	Palestra na FAAP	03	SP	Mário Altenfel-der – Presidente da FUNABEM (atual Febem)	Público		Palestra sobre responsabilida-de na educação do menor inter-nado
29/07/73	23	GT vai estudar terminologia para escolas	20	SP	Esther de Figuei-redo Ferraz – Se-cretária de Edu-cação, Terezinha Fram, Erasmo de Freitas Nuzzi e Rosa Tedeschi Viana Manso Vi-eira – Professo-res	Público		Grupo de tra-balho para alte-rar terminolo-gias como Gru-po Escolar, Gi-násio, Colégio entre outros
29/07/73	23	Em Pernambu-co, Mobral promove pes-quisas	09	Recife	Jenira Arruda – Coordenadora Geral do Mobral Municipal	Público		Pesquisa sobre ensino no am-biente de traba-lho, social e de vivência
22/08/73	CAPA	Alunos da US-Pescolhem hoje represen-tantes	09	CAPA		Público	Ensino Su-perior	Escolha de re-presentantes para participar do Conselho Universitário
22/08/73	09	Reformada a Secretaria da Educação	87,5	SP	Laudo Natel – Governador, Car-los Antônio Roc-ca – Secretário da Fazenda	Público		Mudanças na SE
22/08/73	09	Expediente da Educação Atos oficiais	50	Expedien-te da Edu-cação Atos ofici-ais				Expediente da Educação
22/08/73	09	Prédio escolar interditado pelo FECE	16	Araçatuba	Marcelo Anania de Paula, Shin Kato, Reyolando Brasil – Eng. Fundo Estadual de Construção Escolares,			Interdição da escola
22/08/73	09	Santos teria uma escola para a pesca	21	SP	Lauto Natel – Governador, Tat-suo Tanaka – Embaixador do Japão	Público		Possibilidade de convênio Brasil – Japão para a criação de uma escola de pesca
22/08/73	09	Folclore	4,5	SP	Socióloga Leda Vinocur Freitag	Privado	Ensino Su-perior	Faculdade Ibe-ro Americana comemora a semana do fol-clore
22/08/73	09	Volta o ensino municipal	18		José Borges dos Santos Junior – Reverendo, Alpinolo Lopes Ca-sali	Público	Ensino Funda-mental	Municipaliza-ção do ensino

					– – Presidente do Conselho Estadual de Educação			
22/08/73	09	No mundo todo, evasão escolar e desnutrição	7,5	Nova York(AFP)	Helvi Sipita – ONU			Evasão escolar
22/08/73	10	APAE defende direitos do excepcional	25,5	SP	Alda Moreira Estrazulas – Presidente da APAE SP			Presidente da APAE defende direito dos excepcionais
22/08/73	11	Alunos da USP hoje nas eleições	132	SP	Aparício Dias, Fernando Gomes da Silva, José Eduardo M. Hornos, Luiz Carlos Morgado, Maria Carolina Negreiros, Maria Helena Dib, Virginio Santos Neto, Helena Saja e Zita	Público	Ensino Superior	Escolha de representantes para o Conselho Universitário
22/08/73	12	Ensino supletivo, dois anos de procura	112		Emílio Garrastazu Médici – Presidente, Paulo Dutra – – Ex Diretor do MEC, Walnir Chagas – CFE	Público	Ensino Médio	Situação do ensino supletivo
22/08/73	12	As diretrizes	32			Público		Legislação dos supletivos
22/08/73	12	Concurso municipal de Santos Dumont	49,5	SP	Figueiredo Ferraz – Prefeito, Edenyr Machado – – Secretário de Turismo, Paulo Nathanael – Secretário Municipal de Educação, Orlando C. Almeida, Maria Salete Macedo, Maria Thereza Fumagalli, Jeanette B. Shayer e Maria José Brasileiro do Prado Bohn	Público		Concurso de cartazes, maquetes e réplicas
22/08/73	12	Ensino de PE é copiado por bolsistas	15,5	Recife	Lupércio Pereira de Carvalho – Professor			Programa de educação à distância
22/08/73	12	Controle de isentas do salário-educação	24,5	Brasília	Emílio Garrastazu Médici – Presidente			Aprovação de normas para a apuração do nº de alunos be-

								neficiados por empresas isentas do salário-educação
22/08/73	12	Dentistas vão reunir-se na Argentina	09	Buenos Aires(AFP)				Congresso de dentistas
22/08/73	21	III Encontro de CEEs, em São Paulo, está debatendo o ensino supletivo	44	SP	Erasmo de Freitas Nuzzi, Olavo Batista Filho – MEC, Arnaldo Laurindo – CEE, Amin Aur – SENAC	Público	Ensino Médio	Encontro de CEEs debate ensino supletivo
22/08/73	21	Paulistas procuram os exames do Rio	36	RJ		Público	Ensino Médio	Paulistas fazem supletivo no Rio por causa de diferenças nas normas
22/08/73	21	Educação entra em programa da Ford	32					Programa da Forde de auxílio à pesquisa educacional
22/08/73	21	DAU desconhece casos de diplomas falsos	19,5	Brasília	General Antônio Bandeira – Polícia Federal, Heitor Gurgulino de Souza – Departamento de Assuntos Universitários do MEC			Denúncia de diplomas falsos
22/08/73	21	Sem escola	7,5			Público		Professora passou em concurso para escola que não existia
22/08/73	21	Listas saem logo	13		Waldemar Bernardes – SE	Público		Resultados dos exames Madureza
22/08/73	21	Livro poderá ser monopólio do Estado	22	Brasília	Siqueira Campos, Eduardo Anísio Teixeira – Deputados	Público		Deputado propõe monopólio de livros e materiais gráficos didáticos com a criação da Edibras
22/08/73	21	Ação cultural	03	Brasília	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação	Público		Lançamento do PAC – Programa de Ação Cultural
22/08/73	21	Prática Forense	3,5			Privado	Ensino Superior	Faculdade de Direito de Tupã inaugurará seu próprio fórum, que servirá para aulas práticas
25/08/73		Novos choques nas ruas de Santiago	99	Santiago(AFP E AP)	Salvador Allende – Presidente, General Carlos Prats e Orlando Latelier – Ministro do Interior e da Defesa			Protesto de estudantes por causa do prolongamento das férias, devido à greve dos transportes
25/08/73		Há engenheiros demais, diz conselheiro	32	Brasília	Tarcísio Damy – CFE	Privado	Ensino Superior	Pedido para abertura da Faculdade de Engenharia Eduardo Prado, da Associação dos Empregados de

								Comércio de SP, foi indeferido devido a saturação de diplomas de engenharia
25/08/73	02 - Exterior	Allende tenta reorganizar o gabinete	64	Santiago	Salvador Allende – Presidente, General Carlos Prats e Orlando Latelier – Ministro do Interior e da Defesa			Estudantes protestam contra férias forçadas
25/08/73	10	Sugerida no Congresso inclusão da hipnose no currículo odontológico	52	RJ	Álvaro Badra – Dentista		Ensino Superior	Inclusão da hipnose no currículo
25/08/73	10	Expediente da Educação Atos oficiais	101	Expediente da Educação Atos oficiais				Expediente da Educação
25/08/73	10	USP: Alunos já têm seus representantes	14	SP	Fernando Gomes da Silva, Maria Helena Dib, Aparício Dias, Luiz Carlos Morgado, José Eduardo Murtinho Hornos e José Marcos Lemos Forch – Alunos	Público	Ensino Superior	Lista dos representantes eleitos
25/08/73	10	FATEC termina o vestibular com desenho	09	SP		Público	Ensino Superior	Prova de desenho é a última do vestibular
25/08/73	10	Passarinho vai à Conferência Internacional	09	Brasília	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação, Newton Lins Buarque Sucupira – MEC, Abgard Renault, Walnir Cavalcante Chagas – CFE, Luiz Vilarinho Pedroso, Pery Porto e Milton Guilherme Câmara Rebordão			Passarinho e delegação vão à Conferência Internacional
25/08/73	10	Sociólogos elegem nova diretora	06	SP				A Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo vai eleger nova diretoria
25/08/73	10	Curso para auxiliar de dentista	9,5	RJ				Curso para auxiliar
25/08/73	10	Mestre Hindu faz o elogio da juventude	11,5	Recife	Tilak e Jyothy – Mestres Hindus	Público	Ensino Superior	Conferência no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE
25/08/73	10	Convênio beneficiará alunos e professores	25			Público		SE e Secretaria da Agricultura firmam convênio
25/08/73	10	Experiência didática faz su-	25	Recife	Fernando Sodré – Professor UFP	Público	Ensino Superior	Sistema de ensino personali-

		cesso na UFP						zado Sherman – Keller
25/08/73	10	MOBRAL vai cooperar com o Chile	7,5	RJ	Francisco Tokos Mentlik – Professor do Chile	Público		Acordo para utilização do MOBRAL no Chile
25/08/73	10	Novos cursos	4,5	Blumenau		Privado	Ensino Superior	Pedido de autorização junto ao CFE para abertura de novos cursos (FUNDESTE)
25/08/73	10	Comemorações na Universidade Federal de MG	12		Antônio Carlos Ribeiro de Andrada – Ex-presidente, Marino Mendes Campos – Vice-reitor	Público	Ensino Superior	46º aniversário da UFMG
25/08/73	10	Vestibulares	27,5					Edital de vestibulares
25/08/73	10	Aniversário da Faculdade de Medicina	8,5	SP	Miguel Reale – Reitor da USP, Orlando Marques de Paiva – Vice – Reitor da USP, Flamínio Fávero, Edmundo Vasconcelos – Médicos e Getúlio Lima Jr. – Secretário da Saúde	Público	Ensino Superior	60º aniversário da medicina da USP
25/08/73	11	Terapeutas ocupacionais reúnem-se hoje	90	SP	Póla M. Poli, Nilza M. N. Maciel, Pessia G. Meyerhof, Veridiana Arb, Maria Cristina Tassinari, Darcy de Oliveira Domingos, Maria Helena Pollini, Oacy Veronesi Taylor, Keito Tanigak e Fátima Tereza de Freitas			Encontro de terapeutas ocupacionais
25/08/73	11	Alunos de Economia discutem extinção	44	SP	Francisco José Camargo, Laerte de Almeida Morais – Professores	Público	Ensino Superior	Extinção do curso noturno de economia
25/08/73	11	Novos cursos na UMC	10			Privado	Ensino Superior	Novos cursos na UMC
25/08/73	11	Em BH, Simpósio de historiadores	44	BH	Eurípedes Simões de Paula, Marcelo Vasconcelos Coelho, Francisco Iglesias, Ivo Porto de Menezes, José Honório Rodrigues, Eduardo D'Oliveira França, Raul Lima e Lygia Cunha – Professores		Ensino Superior	Simpósio de historiadores
25/08/73	11	É difícil formar bons administradores	50		Frederick Harbison – Professor		Ensino Superior	Professor aponta falha no ensino de administração
25/08/73	11	Estudantes comemoram a	13,5	SP		Público	Ensino Superior	Alunos de Direito comemo-

		"peruada"						ram "peruada"
25/08/73	11	Os sociólogos elegerão seus dirigentes	07	SP				Eleição da Associação dos Sociólogos do Estado de SP
25/08/73	11	Novela vai começar	5,5	RJ				Novela teledidática
25/08/73	12 – Interior	VI Olimpíada Estudantil	09					Olimpíada Estudantil
02/09/73	07 – Exterior	Estudantes suspensos no Uruguai	13	Montevidéu (AP)				Estudantes de esquerda são suspensos por incidentes em colégio
02/09/73	20 – Interior	Faculdade inaugura sua nova biblioteca	20	São José do Rio Pardo (SP)	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação e Olavo Batista Filho – Professor		Ensino Superior	Nova biblioteca
02/09/73	22	A experiência da Universidade do Ar	24	Londres	Philip Willians – Professor		Ensino Superior	Universidade aberta a maiores de 21 anos em Londres
02/09/73	22	Professores vêm explicar a Futurologia	30,5		Richard G. Woods e Arthur M. Harkins – Professores		Ensino Superior	Professores darão palestras sobre o futuro da Educação, Ciências Sociais, entre outros
02/09/73	22	Vestibular	12				Ensino Superior	Edital de Vestibulares
02/09/73	22	MEC tem novo diretor de Supletivo	14	Brasília	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação, Joaquim Alfredo Soares Vianna e Paulo Dutra de Castro – Professores	Público		Troca de diretor do Supletivo
02/09/73	22	Santos Dumont	04					União Paulista de Educação sugere a prefeitos e vereadores que batizem praças e tuas com o nome do aviador
02/09/73	22 CARTA	Diálogo: Carta dos leitores		CARTA				Carta dos leitores
02/09/73	22	Nova escola	05	SP	Miguel Colasuonno – Prefeito e Paulo Nathanael – Secretário Municipal de Educação	Público	Ensino Fundamental	Inauguração de escola no Ipiranga
02/09/73	22	Expediente da Educação Atos oficiais	106	Expediente da Educação Atos oficiais				Expediente da Educação
02/09/73	23	Não há técnicos em Cartografia	140				Ensino Médio	SE organizou um currículo para técnico em Cartografia em nível de 2º

								grau
02/09/73	23	Os perigos de um bom modelo	15				Ensino Médio	Ressalvas sobre o currículo para técnicos em Cartografia
02/09/73	23	O Brasil é um País sem mapas	93		A. J. Braden Berger – Cartógrafo Canadense			Falta de mapas no País
02/09/73	23 ARTIGO	A língua nossa de cada dia: Anético	39	ARTIGO	Autor: Emir M. Nogueira			Anético – Sem ética
02/09/73	23	Rede Feminina promove curso sobre o câncer	08					Curso sobre Câncer
02/09/73	24	Faculdade quer mais professores	24				Ensino Superior	Aluno se queixa de falta de professores na Faculdade de Medicina de Botucatu
02/09/73	24	Novo curso da SUDENE no norte de Minas	8,5	Recife	General Evandro de Souza e João do Valle Maurício – Professor	Público		Curso de formação de professores
02/09/73	24	Estudantes protestam em Botucatu	27,5	Botucatu	Geraldo Nunes e Terezinha Vanucci – Professores		Ensino Superior	Estudantes paralisam aulas por melhores condições
02/09/73	24	Quem ganhou o desfile das bandas	15,5	Santos				Desfile de bandas escolares
02/09/73	24	Sociologia comemora 40 anos de pesquisa	58	SP	Miguel Reale – Reitor da USP, Cap. Antônio Soares do Patrocínio, Laudo Natel – Governador, Cyro Berlinck, Reverendo José Borges do Santos Junior, Leônidas Horta de Macedo, Olavo Baptista Filho, Antonio De Lorenzo, Roberto Simonsen e Armando Salles de Oliveira	Público	Ensino Superior	40º aniversário da Escola de Sociologia e Política de São Paulo
02/09/73	24	FMU colabora na revisão da Constituição	11		Salvador Julianelli – Deputado, Dalmo do Valle Nogueira, Arnold Fioravante, Ulisses Guimarães, Hildebrando Dantas, Bruno Afonso de André, José Frederico Marques, Hely Lopes Meirelles, Ney de Mello Almada, Onésimo Silveira, José Pereira Gomes Filho, Camilo Aschar, Ruy Barbosa Nogueira, Olavo Tabajara da Silvei-			Comissão da FMU ajuda na revisão da constituição

						ra, Darnay Carvalho, Amauri Mascaro do Nascimento e Alberto Quartim de Moraes Junior			
	02/09/73	24	Reale vai empossar diretores	07	SP	Miguel Reale – Reitor da USP, – Dr. Fauso Haroldo Ribeiro e Mario Guimarães Ferri	Público	Ensino Superior	Novos diretores da Edusp e da Coordenadoria de Administração geral
02/09/7302/09/702	/09/73	24	Nova escola	03			Público		Nova escola em Carapicuíba
02/09/7302/09/702	/09/73	24	Matemática	05				Ensino Infantil	Laboratório de matemática
02/09/7302/09/002	/09/73	24 ARTIGO	Novos rumos	96	ARTIGO	Perseu Abramo	Público		O autor pede atenção das autoridades responsáveis com a educação do Estado de SP
02/09/7302/09/715	/09/73	11	SE divulga locais do próximo supletivo	180	SP				Locais de prova
15/09/7315/09/715	/09/73	11	Novo recesso escolar em outubro	54	SP		Público	Educação Infantil e Fundamental	Recesso escolar para cumprir a carga de horas do ano letivo
15/09/7315/09/715	/09/73	11	FECE: Natel já nomeou o novo diretor	07	SP	Laudo Natel – Governador, Ruy Teixeira de Aquino, João Pedro de Carvalho Neto e Oswaldo Muller da Silva	Público		Troca de diretores do FECE
15/09/7315/09/715	/09/73	11	Precários: agora é a vez dos serventes	14	SP	Raul Schiwinden – Advogado APEOESP	Público		Funcionários acionam o Estado por garantias da CLT
15/09/7315/09/715	/09/73	11	CFE adota novo sistema para credenciamento	19,5	Brasília	Roberto Santos – Presidente CFE			Credenciamento de cursos de pós-graduação
15/09/7315/09/715	/09/73	11	O ensino de artes como terapêutica	12		Maria Margarida M. J. de Carvalho – Psicóloga			Aulas de artes plásticas
15/09/7315/09/715	/09/73	11	Rondon instala novo campus em Cáceres	12	Brasília	Costa Cavalcanti – Ministro do Interior	Público	Ensino Superior	Projeto Rondon instala campus no Mato Grosso
15/09/7315/09/715	/09/73	11	Alunos já têm representantes na Biomédicas	12	SP	Josmar Edson Delôvo, Mirna Gabriel, Dayse Tamie Tanaka, Lucy Koschar, Yuri Matsuo, Davi Rumel, Gustavo Pinto Neto, Enna Chen, Pilar Tetilha Manzano, Eliane Jany, Hélvio Nicolau Moisés, Varnjan Di-	Público	Ensino Superior	Alunos representantes no Instituto de Ciências Biomédicas da USP

					chtchekenian, José Carlos Sant'Ana, Francisco Napoli, Antonio Carlos Barnabé e Maria Elisa G. de Araújo Jorge			
15/09/7315/09/715/09/73	11	Octanagenario conclui mais um curso	07	Londres	William Allin		Ensino Superior	Homem de 80 anos se forma em Geografia
15/09/73	11	Expediente da Educação Atos oficiais	72	Expediente da Educação Atos oficiais				Expediente da Educação
15/09/73	12 – Interior	Campanha do Bochecho começou nas escolas	24	Porto Ferreira – SP	Dorival Braga – Prefeito e Dr. Emil Razuk	Público	Ensino Fundamental	Campanha de bochecho nas escolas
06/10/73	02 – Exterior	Vitória estudantil pela nova reitoria	22	Buenos Aires (AP e AFP)	Rodolfo Puiggros – Ex-Reitor, Jorge Taiana – – Ministro da Educação, Alberto Banfil, Juan Perón e Ernesto Villanueva		Ensino Superior	Estudantes resistem à indicação do governo para novo reitor da Universidade de Buenos Aires
06/10/73	09 ARTIGO	A língua nossa de cada dia: Na França, chegou a hora do português	45	ARTIGO	Emir M. Nogueira			Artigo baseado no suplemento de educação do Lê Monde
06/10/73	09	Supletivo encerrou as inscrições	105		Waldemar Bernardes – SE	Público		Inscrições para Supletivo
06/10/73	09	Emancipados: CFE aprova parecer	21	Brasília	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação e Esther de Figueiredo Ferraz – Secretária da Educação		Ensino Médio	Decisão sobre menores de 21 anos emancipados poder prestar exame supletivo
06/10/73	09	Para a GB, decisão do conselho foi boa	24	RJ				Decisão sobre menores de 21 anos emancipados poder prestar exame supletivo
06/10/73	09	Normas da USP para o vestibular 74	38	SP	Miguel Reale – Reitor da USP	Público	Ensino Superior	Normas para o vestibular
06/10/73	09	Litoral do Piauí será pesquisado	18	RJ	Reis Velloso – Ministro do Planejamento e Costa Cavalcanti – – Ministro do Interior	Público		Estudo sobre o litoral do Piauí
06/10/73	09	Invalidez incluída no seguro-educação	34	RJ	Hamílcar Barros			Governo Federal aprova inclusão
06/10/73	09	Campanha	3,5		Raymundo Padilha – Governador do			Campanha amigos da natureza

					RJ			
06/10/73	09	"Educação"	3,5					Jornal tablóide "Educação"
06/10/73	09	Traduzir é impossível	90		Júlio Garcia Morejón, Roosevelt Haman e Dante Moreira Leite – Professores			I Encontro de tradutores e intérpretes
06/10/73	09	Santos Dumont abre a semana do Cartunista	21		Cap. Amadeu Saraiva			Conferência sobre o tema "Santos Dumont Universal"
06/10/73	09	Deputados criticam calendário escolar	14	SP	Laudo Natel – Governador, Ruy Codo e Gióia Júnior – Deputados	Público		Calendário escolar
06/10/73	10	Expediente da Educação Atos oficiais	68	Expediente da Educação Atos oficiais				Expediente da Educação
06/10/73	10	Irregularidades em seis escolas	52	Brasília			Ensino Superior	Irregularidades em escolas de ensino superior
06/10/73	10	Bailarino fica sem regulamentação	08	Brasília				CFE nega regulamentação para a profissão de bailarino
06/10/73	10	Gratificação para 10 anos de RETIDE	08	Brasília				CFE aprova lei que estabelece a concessão de gratificação por tempo de serviço
23/10/73	CAPA	Guanabara veta os emancipados no supletivo	7,5	CAPA	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação, Chagas Freitas – Governador Guanabara e Celso Kelly – SE Guanabara			Veto as inscrições dos emancipados para os exames supletivos
23/10/73	CAPA	Concurso adiado devido a uma "trama criminosa"	7,5	CAPA				Concurso de ingresso ao magistério cancelado
23/10/73	CAPA	Hoje a USP elege seu novo reitor	7,5	CAPA	Miguel Reale – Reitor da USP	Público	Ensino Superior	Eleição para novo reitor
23/10/73	17	Hoje, eleição para reitor da USP	42	SP	Miguel Reale – Reitor da USP	Público	Ensino Superior	Eleição para novo reitor
23/10/73	17	Há falta de bibliotecários	41		Murilo Barros da Cunha – CF de Biblioteconomia		Ensino Superior	Falta de bibliotecários
23/10/73	17	Parcas comemorações	29,5		Cacilda Basílio de Souza Reis			Comemorações do dia do Livro
23/10/73	18	Emancipados não podem fazer exame	16	RJ	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação, Celso Kelly – SE e Chagas Freitas – Governador da Guanabara			Veto a participação de menores de 21 anos nos exames supletivos
23/10/73	18	A viagem do ministro: coo-	06	Brasília	Jarbas Passarinho – Ministro da			Cooperação Brasil – Para-

		peração			Educação			guai
23/10/73	18	CESCEA, Mackenzie e FMU começam	48	SP		Público/Privado	Ensino Superior	Vestibulares
23/10/73	18	Vestibulares	60				Ensino Superior	Edital de vestibulares
23/10/73	18	Contra a Ordem	12	Brasília	Tarso Dutra – Senador			Senador é contrário a criação da Ordem dos Professores do Brasil
23/10/73	19	"Trama criminosa" é que causou adiamento	224	SP	Ilton Pena – SE, Osiro Silveira, Rubens Bernardo – Pres. APEOESP, Raul Schiwinden – APEOESP, Áureo Cruz – Delegacia de Ensino Básico do ABC, Danilo da Cas e Ernane Gianoco	Público		Cancelado concurso de ingresso ao magistério
23/10/73	35 – Interior	Calçados para escolares	12	São Carlos	Mario Maffei – Prefeito, Romeu S. Aversa, Ernesto Abbt, Henrique Scabello e João Salvino			Distribuição de calçados
24/10/73	CAPA	Escolhidos os candidatos a reitor da USP	08	CAPA	Laudo Natel, Orlando Marques Paiva, Pascoal Ernesto Américo Senise e Laerte de Almeida Moraes	Público	Ensino Superior	Nomes dos candidatos
24/10/73	15	Sem exame, emancipado protesta	52,5		Jarbas Passarinho – Ministro da Educação e José Rodrigues Mano			Protesto dos emancipados
24/10/73	15	Um experimento de convivência humana	72		José Maria Montero e Thor Heyerdahl – Psicólogos			Pesquisa sobre o comportamento de pessoas de diferentes nacionalidades
24/10/73	15	Argentina faz congresso de odontologia	7,5	Buenos Aires (AFP)				Congresso
24/10/73	15	Emissora de rádio para alunos	9,5	Brasília		Público	Ensino Superior	Universidade de Brasília irá instalar rádio
24/10/73	16	Verbas para o MEC no Congresso	18	Brasília	Dinarte Mariz e João Cleofas – Senadores	Público		Gastos com educação
24/10/73	16	Bailarinos protestam contra CFE	18		Joshey Leão, Márcia Haideé – Bailarinos		Ensino Superior	Regulamentação da profissão
24/10/73	25	Cinco ganham Nobel de Física e Química	23,5	Estocolmo (AFP)				Ganhadores do Nobel
24/10/73	25	Física: escolha foi demorada	71					Nobel de física
24/10/73	25	Trabalho pioneiro premiou os químicos	28					Nobel de química
24/10/73	25	Função gratificada e cargo	18		Laudo Natel – Governador	Público		Regras para cargos da SE

		em comissão						
24/10/73	25	Brasil ganha prêmio mirim na Coréia	13	Florianópolis	Orlando Bertolli – SE SC, Carlos Eduardo F. da Cunha e Ricardo Lippel – Alunos			Alunos premiados na Coréia
24/10/73	25 ARTIGO	Física do Estado Sólido	41	ARTIGO	José Reis			Artigo sobre Nobel de física
24/10/73	25	TV Educativa	3,5		Pres. Médici			Presidente autoriza a cessão de terreno para a TV
24/10/73	26	Já foram escolhidos os 3 candidatos a reitor da USP	180	SP	Orlando Marques de Paiva – Atual vice-reitor, Pascoal Ernesto Américo Senise, Laerte de Almeida Moraes, Miguel Reale, Laudo Natel, Luiz Ferreira Martins e Luiz Marques	Público	Ensino Superior	Candidatos
24/10/73	26	Silêncio, as crianças estão lendo	92		Geni, Doraci, Avizins, Airton de Oliveira e Roberval Coelho Santana – Crianças, Sônia Machado de Oliveira – Bibliotecária			Histórias da biblioteca Monteiro Lobato
30/10/73	05 – Exterior	160 professores são presos no Uruguai	43,5		Samuel Lichtensztein – Reitor, Juan Maria Bordaberry – Presidente			Governo autoritário prende professores
30/10/73	08 – Nacional	FMU homenageiam a Imprensa e a Justiça	56	SP	Octavio Frias de Oliveira – FSP, Tácito Morbach de Góes Nobre – TJ, Laudo Natel – Governador, Waldemar Mariz de Oliveira Junior – Secretário de Justiça, Dalmo do Vale Nogueira – Professor, José Pereira Gomes Filho – Justiça Federal e Edevaldo Alves da Silva – Presidente FMU			Octavio Frias discursa na FMU
30/10/73	16	Expediente da Educação Atos oficiais	58	Expediente da Educação Atos oficiais				Expediente da Educação
30/10/73	16	Vestibulares	64				Ensino Superior	Edital de Vestibulares
30/10/73	16	Especialização será condição do concurso	30	SP	José Braz Zanchetta – Departamento de Educação Física e Esportes (DEFE)	Público	Ensino Infantil	Concurso para recreadores
30/10/73	16	MAPOFEI: previsão é de	41				Ensino Superior	Vestibular

		12 mil inscritos						
30/10/73	17	Ministro expõe realizações da sua Pasta	110	São José dos Campos	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação, Fernando Mendonça – INPE, Hugo de Miranda – CTA e Médice – Presidente	Público		Balanço do mandato
30/10/73	18	Afinal, a Faculdade muda? Estudantes acham que não	172	SP	José Pinto Antunes – Diretor, Luiz Antonio Alves de Souza – XI de Agosto, Ilário de Paula e João Pedro da Silva – Funcionários, Canuto Mendes de Almeida – Professor, Ronaldo Robson, Jacira Botino de Moraes, Maria Cecília de Franco, José Nuzzi Netto, Luís Antonio Arruda Sampaio, Dorival Casaqui, Edson Planes e José Wilson Sperto – Alunos	Público	Ensino Superior	Mudança para a Cidade Universitária
30/10/73	18	Negada segurança a emancipada	37	DF e RJ	Magy Rosângela Rodrigues Guedes – Estudante e Jarbas Passarinho – Ministro da Educação	Público	Ensino Médio	Emancipada não pode fazer supletivo
30/10/73	18	MEC poderá anular as provas, diz o ministro	34		Jarbas Passarinho – Ministro da Educação e Newton Sucupira – MEC	Público	Ensino Médio	Parecer do MEC sobre o problema dos emancipados
08/11/73	CAPA	As Arcadas fora da USP	6,5	CAPA	José Pinto Antunes – Diretor da Faculdade de Direito da USP	Público	Ensino Superior	Diretor contrário à mudança do para a cidade universitária
08/11/73	18	Diretor quer as Arcadas fora da USP	96	SP	José Pintor Antunes – Diretor da Faculdade de Direito da USP, Miguel Reale – Reitor da USP	Público	Ensino Superior	Diretor contrário à mudança do para a cidade universitária
08/11/73	18	Verbas para pesquisas em Geociências	15	Brasília	Heitor Gurgulino de Souza – MEC	Público	Ensino Superior	Verbas para pesquisas
08/11/73	18	Mais uma faculdade de Direito na GB	12	Brasília		Privado	Ensino Superior	CFE aprova abertura de cursos na Guanabara
08/11/73	18	Cooperativas ajudam o aprendizado rural	24				Ensino Fundamental e Médio	Cooperativas escolares
08/11/73	18	Vestibulares	24				Ensino Superior	Edital de Vestibulares
08/11/73	18	Mackenzistas almoçam com	09	SP	Laudo Natel – Governador		Ensino Superior	Almoço de estudantes com o

		o governador						governador
08/11/73	18	APLUB recebe inscrições para bolsas	13		Daniel Juckwski – APLUB		Ensino Superior	Associação dos Profissionais Liberais Universitários
08/11/73	18	GB: Supletivo anula provas fraudadas	17	RJ				Provas falsificadas
08/11/73	18	Sede do CPP	2,5					Centro do Professorado Paulista
08/11/73	19	Os reitores analisam custo do aluno	54,5	Brasília	Cláudio Moura de Castro – Professor		Ensino Superior	Custo do aluno
08/11/73	19	APEOESP dá orientação a assistentes	5,5	SP				APEOESP orienta assistentes sociais
08/11/73	19	Vagas definem o limite de idade	43		Maria do Carmo Endsfeldz – Professora	Público	Ensino Fundamental	Falta de vagas
08/11/73	19	Deputado é contra estudantes na Câmara	19	Brasília	Flexa Ribeiro – Deputado	Público	Ensino Superior	Deputado é contra alto número de estagiários na Câmara Federal
08/11/73	19	CEE só vai discutir supletivo no dia 12	23		Reverendo Borges – Pres. CEE, Alpinolo Lopes Casali e Arnaldo Laurindo – CEE	Público		Ensino Supletivo
08/11/73	19	Coordenador interino do Ensino Básico	07		Paulo Gomes Romeu – Secretário da Educação do Estado, Erasmo de Freitas Nuzzi – Coordenador interino e Luis Pasquale Filho – ex-goordenador	Público	Ensino Fundamental	Coordenador interino
08/11/73	19	OAB escolhe Reale para seu representante	10	SP	Miguel Reale, José Ribeiro de Castro Filho – Presidente OAB			Reale representará OAB em congresso
08/11/73	19	Merenda	03	Natal				Convênio entre governo do RGN com o ministério da educação
08/11/73	19	Mostra Romântica	4,5					Mostra Romântica
08/11/73	20	Expediente da Educação Atos oficiais	106	Expediente da Educação Atos oficiais				Expediente da Educação
20/11/73	CAPA	Boa notícia para 20 mil professores	08	CAPA				Professores substitutos terão salário nas férias
20/11/73	21	Projeto beneficia os substitutos	80		Laudo Natel – Governador			Professores substitutos terão benefícios
20/11/73	21	Expediente da Educação Atos oficiais	60	Expediente da Educação Atos oficiais				Expediente da Educação
20/11/73	22	UMC selecio-	10,5		Walter de Abreu	Privado	Ensino Su-	Contratação de

		na professores de Direito			Garcês – Diretor UMC		perior	professores
20/11/73	22	Novo prédio	03	Blumenau			Ensino Superior	Novo prédio da Fundação Universitária de Blumenau
20/11/73	23	Vestibulares	86				Ensino Superior	Edital de Vestibulares
20/11/73	23	Sem Estatuto, SP teria verbas suspensas	84	SP	Paulo Gomes Romeo – SE, Sólon Borges dos Reis – Deputado, Osirio Silveira – UDEMO e Rubens Bernardo – APEOESP	Público		Estatuto do Magistério
20/11/73	23	CESCEA encerra inscrição	27				Ensino Superior	Vestibular
20/11/73	23	No penúltimo dia, a dúvida e a certeza	25		Oscar Thiede e Sônia Regina Laet – Estudantes		Ensino Superior	Vestibular
20/11/73	23	A PUCAMP convoca candidatos	40	Campinas		Privado	Ensino Superior	Vestibular
20/11/73	23	Vestibular-75 será discutido amanhã na GB	13	Brasília	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação e Heitor Gurgulino de Souza – MEC	Público	Ensino Superior	Vestibular
20/11/73	24	Os prêmios Santos Dumont	08		Paulo Gomes Romeo – SE	Público		Entrega dos prêmios
20/11/73	24	A "obra aberta" na feira escolar	36		Leonor Gonçalves Simões – Professora		Ensino Fundamental e Médio	Feira escolar
20/11/73	24	Alunos de Economia criticam currículo	27				Ensino Superior	Currículo
20/11/73	24	Dia 27, a escolha do vice-reitor da USP	20	SP	Orlando Marques de Paiva – Reitor da USP, Antonio Adamastor Correia, Ferdinando Galli e Josué Camargo Mendes – candidatos	Público	Ensino Superior	Vice-reitor
20/11/73	24	Verbas para Universidade de S. Catarina	16	Florianópolis	Roberto Lacerda – Reitor	Público	Ensino Superior	Verbas
20/11/73	24	Vagas para professores	06	RJ				Vagas para professores
20/11/73	24	Novas instalações	3,5		Laudo Natel – Governador		Ensino Superior	Instituição Educacional Paes de Barros
10/12/73	CAPA	Encerrado o vestibular / 74 na Santa Casa	08	CAPA			Ensino Superior	Vestibular
10/12/73	05 – Nacional	Santa Casa: costa de aprovados sai quarta	46				Ensino Superior	Vestibular
10/12/73	05 – Nacional	As aulas aos sábados	10		Rui Codo – Deputado, Paulo Gomes Romeo – SE	Público		Suspensão das aulas aos sábados
18/12/73	CAPA	Estatuto do Magistério até março	08 / 1 coluna	CAPA				MEC adia prazo

18/12/73	17	MEC adia prazo para o Estatuto	24	Brasília	Jarbas Passarinho – Ministro da Educação	Público		MEC adia prazo
18/12/73	17	A Ordem esclarece: exame ainda existe	22		Sigmaringa Seixas – OAB DF		Ensino Superior	Exames da OAB
18/12/73	17	Holanda estuda peça teatral brasileira	08		Cassiano Nunes – UNB		Ensino Superior	Curso de cultura brasileira na Holanda
18/12/73	17	Prêmio Nobel de física fará palestra em SP	09	SP	Chen Ning Yang – Nobel de física			Palestra
18/12/73	17	Academia da Força Aérea inicia provas	11			Público		Provas da Força Aérea
18/12/73	17	Não haveria portaria de censura	15		Jarbas Passarinho – Ministro da Educação e Júlio Ribeiro – escritor			Ministro afirma não censurar bibliotecas
18/12/73	17	Aniversário	05		Morency Arouca – Escola de Engenharia de São Carlos		Ensino Superior	Aniversário da Escola de Engenharia de São Carlos
18/12/73	18	Reale será indicado para o CFE	7,5		Jarbas Passarinho e Miguel Reale	Público		Reale indicado para o CFE
18/12/73	18	Sem saneamento básico é inútil fornecer merenda	35	SP	Samir Achôa – Vereador	Público		Exames médicos para escolares
18/12/73	18	Posse do novo vice-reitor da USP, hoje	06	SP	Josué Camargo Mendes – vice-reitor, Manuel Nunes Dias – Professor ECA e Orlando Marques de Paiva – Reitor USP	Público	Ensino Superior	Vice-reitor
18/12/73	18	MEC instala comissão em Campinas	08		Jarbas Passarinho – Ministro da Educação, Péricles Sampaio – MEC, Ruy Almeida – Deputado e José Alexandre dos Santos Ribeiro – SE Campinas	Público		MEC instala comissão em Campinas
18/12/73	19	Mackenzie já começou a prova	17	SP		Privado	Ensino Superior	Vestibular
18/12/73	19	Vestibulares	26				Ensino Superior	Edital de Vestibulares
18/12/73	19	Hoje, 14 mil fazem exame na PUC	54	SP		Privado	Ensino Superior	Vestibular
18/12/73	19	Como foi a prova da PUC	20	SP	Astor Andrade, Rogério Abinader, Ricardo Ennio e Jairo Grymberg – Professores	Privado	Ensino Superior	Vestibular
18/12/73	18	Matrículas: algumas escolas nada sabiam	29			Público	Ensino Fundamental e Médio	Matrículas
18/12/73	18	Expediente da Educação Atos oficiais	65	Expediente da Educação				Expediente da Educação

				Atos oficiais				
18/12/73	21	A prova de Matemática e Física da Universidade Católica	432			Privado		Resolução da prova

Anexo II

ATA	PÁG	TÍTULO	CM/COL	ORIGEM	FONTE	SETOR	TEMA	P.CHAVE
08/01/02	C6	Química orgânica é principal tema da prova	54	SP	Edison de Barros Camargo, Francisco Alves – Professores, Fábio Kakuta e Marina Martins - Estudantes	Público	Ensino Superior	Análise da prova da FUVEST
09/01/02	C6	Burocracia emperra projeto de alfabetização	96	SP	Fernando José de Almeida	Público	Ensino Infantil, Fundamental e Médio	Burocracia – Prefeitura de São Paulo
09/01/02	C7	Provas foram "razoáveis" dizem candidatos	36	SP	Mariano Pontes e Caroline Santana – Estudantes	Público	Ensino Superior	FUVEST
09/01/02	C6	Secretaria alega problemas de documentação	34	SP	Mariza Darezo, Jailson Santos de Lima – Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos	Público	Ensino Fundamental e Médio	SE de SP
09/01/02	C6	Professora teme parar de receber	72	SP	Helena Rodrigues dos Santos	Público	Ensino Infantil, Fundamental e Médio	Governo do Estado – voluntários
15/02/02	C1	Creche ganha operação de limpeza	28	SP	Marta Suplicy	Público	Ensino Infantil	Creche
15/02/02	C6	UFSCAR e Unifesp divulgam aprovados	48	SP		Público	Ensino Superior	Vestibular
20/02/02	C2	Professor de brinquedo	39		Autor: Gilberto Dimenstein			Professor incentiva invenções de alunos e uso de brinquedos no aprendizado
20/02/02	A3	Em busca da perfeição	81		Autora: Glaci Zancan			Avaliações dos cursos de Pós Graduação
01/03/02	C3	Alunos cobram promessas de Marta Suplicy	22	SP	Marta Suplicy – Prefeita, Luana de Andrade e Stephane Lima – Estudantes	Público	Ensino Fundamental	Alunos questionam a prefeita
22/04/02	03 – Folhateen	Rumo ao novo desafio	16	SP		Privado	Ensino Médio	Colégio São Pedro
22/04/02	03 – Folhateen	Projeto criado por estudantes de Porto Alegre vence competição nos EUA	48	SP		Público e Privado	Ensino Médio	Tecnologia
05/05/02	C6	Clínica da PUC tem serviço pioneiro	32	SP	Rosa Farah	Privado	Ensino Superior	Clínica de Psicologia
17/05/02	C5	1ª fase da Fuvest terá um dia e menos testes	74	SP	Roberto Costa – Fuvest, Ernesto Birner, Antonio Mario Salles e Carlos Eduardo Bindi – Professores	Público	Ensino Superior	Novas regras para a FUVEST
21/05/02	C1	Greve 'políti-	215	Cam-	Arakém Martinho	Público		2000 crianças ficam

		ca' afeta saúde e educação		pinas	– S. Planejamento de Campinas, Ângelo Barreto, Eduardo Debrassi e Sérgio Benassi – Vereadores, Fábio Custódio – Sindicato dos Servidores			sem aulas
27/05/02	A2	Editorial -Melhorar o ensino	24		Ricardo Paes de Barros	Público	Infantil, Fundamental, Médio e Superior	Educação
27/05/02	C1	Movimentos sociais reivindicam espaço	32	RJ	Beto Custódio – Ministério da Educação	Público	Ensino Superior	Educafro
27/05/02	C1	Reitores querem mais recursos	24	RJ	Paulo Alcântara Gomes	Público	Ensino Superior	Universidades Brasileiras
27/05/02	C1	Aluno de federal tem perfil menos elitista	10	RJ		Público	Ensino Superior	Questionário socioeconômico do Provão
27/05/02	C1	Vagas não trazem pobres à universidade	138	RJ	Paulo Alcântara Gomes	Público	Ensino Superior	Perfil do Ensino Superior
04/06/02	C3	SP tem 2000 escolas sem câmeras	28	Santos	Gabriel Chalita e Geraldo Alckmin	Público	Infantil, Fundamental e Médio	SE
16/06/02	C5	Governos deixam Paraisópolis sem escola	96	SP	Cláudia dos Santos Silva, Antonio Carlos, Grazielli, Creuza Gomes, Natália Amorim, Natasha e William, Mônica Mation e Rodrigo Lobato Junqueira Enout	Público	Infantil, Fundamental e Médio	Falta escola na favela de Paraisópolis
16/06/02	A3	As universidades e o desenvolvimento	57		Autor: Isaias Raw		Ensino Superior	Crítica de um artigo do Dimenstein sobre a perda de importância da USP
16/06/02	C12	FGV tem provas de segunda fase hoje	06			Privado	Ensino Superior	Vestibular
16/06/02	C12	STJ autoriza volta de cursos suspensos	12,5		Laurita Vaz – Relatora ministra		Ensino Superior	Volta de cursos suspensos
16/06/02	C10	Fim de escola deixa Bom Retiro menos judeu	96	SP	Max Waintraub – Escola Renascença	Privado	Infantil, Fundamental e Médio	Escola judaica se muda do bairro
16/06/02	C5	Colégio do Estado tem salas ociosas	25	SP	Marta Suplicy, Neusa Rodrigues da Fonseca Abreu, Cristina Alves Becerra e Monica Mation	Público	Infantil, Fundamental e Médio	Governo e prefeitura divergem sobre vagas
11/07/02	C2	"Para mim fazer"	84		Autor: Pasquale Cipro Neto			Língua portuguesa
11/07/02	C5	Alckmin intervém nas negociações da greve	60	SP	Geraldo Alckmin, Antonio David, Francis Aubert, Hélio Nogueira Cruz e Adolpho José Melfi	Público	Ensino Superior	Greve na FFLCH
25/07/02	A6	Educação da	60	SP	FHC, Oscar Pila-	Público		Assessores de candida-

		era FHC é alvo de crítica			gallo, Newton Lima, Lula, Carlos Maldonado, Ciro Gomes, Guiomar Namo de Mello, José Serra, César Callegari e Anthony Garotinho			tos em debate sobre educação na FSP
25/07/02	C2	O vaga-lume e o 0300	84		Autor: Pasquale Cipro Neto			O autor fala sobre serviços 0300 e a linguagem utilizada por eles
25/07/02	C4	Inscrição para exame do ITA abre dia 1º	05			Público	Ensino Superior	Vestibular
25/07/02	06 – Equilíbrio	Escola precisa demonstrar vínculo com aluno	125		Autora: Rosely Sayão			Questão de uniforme nas escolas é de segurança para alunos
02/08/02	C7	Protesto de alunos termina em pancadaria	96	SP	Geraldo Alckmin e Valdomiro Cordeiro	Público	Ensino Superior	Protesto na USP
31/08/02	CAPA	Na educação, candidatos contrariam gestão FHC	9,5		FHC	Público		Propostas dos 4 candidatos para educação
31/08/02	A2	Editorial – Acesso ao ensino	25			Público		Editorial sobre os dados preeliminares do Censo Educacional 2002
31/08/02	A2	Direito à liberdade de educar	42		Autor: Dom Luciano Mendes de Almeida	Público		Autor fala de mensaghem enviado pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil aos candidatos
31/08/02	C6	Secretaria afirma que diretora agiu para preservar segurança de estudantes	28	SP	Maeli Prado e Gilberto Marques – Jornalistas presos, Elia Maria de Oliveira Lima e Marilande Souza Ferreira Prado	Público		Policiais detêm jornalistas e SE diz que diretora desconhecia eles e o que faziam
31/08/02	C10	Fatec divulga lista de aprovados	13			Público		Aprovados no vestibular
31/08/02	07 – Especial Eleições	Quatro candidatos contra um professor	246	RJ	Paulo Renato Souza, FHC, Oscar Pilagallo, Newton Lima, Lula, Carlos Maldonado, Ciro Gomes, Guiomar Namo de Mello, José Serra, César Callegari e Anthony Garotinho			Propostas diferentes das políticas de FHC para educação
03/09/02	C3	Programa de crédito da Caixa para curso superior recebe inscrições até dia 27	39				Ensino Superior	Regras para financiamento do FIES
03/09/02	C3	Unesp inicia inscrição para alunos carentes	SP			Público	Ensino Superior	Inscrições para alunos carentes isentos da taxa
03/09/02	C3	Marco Aurélio critica redução de cursos	18	Brasília	Marco Aurélio, FHC, Marco Maciel, Ramez Tebet e Aécio Neves	Público	Ensino Superior	Redução da duração dos cursos superiores é criticada por presidente interino

03/09/02	C4	Rateio de recursos distorce estatísticas de ensino	84	RJ	Maria Clara di Pierrô e Maria Auxiliadora Rezende	Público		Estatísticas de ensino supletivo é alvo de dúvidas
07/10/02	C4	Mortalidade e Educação serão principais desafios	20	SP	José Carlos Pereira da Silva	Público	Infantil, Fundamental e Médio	CENPEC – prioridade de governo
07/10/02	C4	Nível em creche de São Paulo é maior	14	SP	Vera Rullo	Público	Ensino Infantil	Alergias em creches
07/10/02	C4	Secretária afirma desconhecer pesquisa	14	SP	Vera Vagnozzi Rullo	Público	Ensino Infantil	Pesquisa alergia em alunos
07/10/02	C4	Crise de gêmeos diminui nas férias	14	SP	Fábio Azevedo, Fernando Azevedo, Maria Silvia Azevedo, Sueli Marques, Bruno Marques e Renata Marques	Público	Ensino Infantil	Alergias em creches
07/10/02	C5	Baratas desencadeiam reações alérgicas em alunos	98	SP	Vera Vagnozzi Rullo e Maria Cândido de Rizzo	Público	Ensino Fundamental	Alergias em colégios públicos
30/10/02	C4	Carreira mais disputada na USP é publicidade	110	SP	José Coelho Sobrinho	Público	Ensino Superior	Vestibular
30/10/02	C4	Rede estadual vai ampliar educação	40	SP	Carlos Ramiro de Castro, Gabriel Chalita e Maria Silvia Bonini	Público	Ensino Médio	Avaliação
13/11/02	A18	Uniban investiga própolis contra tumor	16	SP	José Augustin Quincoces	Privado	Ensino Superior	Pesquisa Uniban
13/11/02	C1	Para ministro, banir trote é crime	35	Brasília	Paulo Renato Souza, Maria Helena Guimarães de Castro	Público	Ensino superior	Exame nacional de cursos
13/11/02	C1	Nota geral do ENEM é a mais baixa desde 98	144	Brasília	Paulo Renato Souza	Público	Ensino Médio	Avaliação do ensino médio
13/11/02	C3	Perfil dos alunos é mais realista, diz governo	38	Brasília		Público	Ensino Médio	Perfil social dos alunos
13/11/02	C3	Unicamp divulga locais de 1ª fase	78	SP		Público	Ensino Superior	Locais de prova
23/11/02	C4	Estudo da USP avalia violência nas escolas	30	SP	Marcelo Daher e Marilendia Frazão	Público	Ensino Fundamental, Médio e Superior	Pesquisa sobre violência nas escolas
23/11/02	C6	700 candidatos são aprovados para 2ª fase	06	SP		Privado	Ensino Superior	Vestibular FGV
23/11/02	C7	Redação e questões compõem primeira fase da Unicamp amanhã	57	SP	Thais Nicolefi de Camargo e Leandro Tessezer	Público	Ensino Superior	Vestibular
26/11/02	A3	São José dos Campos sedia conferência mundial de jornalistas científi-	18	São José dos Campos	James Cornell, Kenki Makino, John Noble Wilford, Wolfang Godê, Glaci	Público e Privado	Ensino Superior	Jornalistas científicos – conferência

		ficos			Zancan e Mayana Zats			
26/11/02	A3	O lugar das universidades públicas	84	SP	Autor: Herman Chaimovich	Público	Ensino Superior	Desafio das universidades públicas
26/11/02	C6	Atraso de verba ameaça pesquisa da UFSCAR	32	Ribeirão Preto	Osvaldo Baptista Duarte Filho – MEC	Público	Ensino Superior	Verba para pesquisa
18/12/02	C5	ITA busca doações para bancar expansão	139		Michal Gartenkrut – Reitor ITA, Omar Abou Samra e Carlos de Almeida	Público	Ensino Superior	Busca por mais verbas
18/12/02	C5	Questão da Unesp tem mais de uma resposta	27	SP	Edmilson Motta, Fernando Dagno e Nelson Dutra	Público	Ensino Superior	Questão da prova
18/12/02	C5	Unicamp cria 360 vagas e 3 cursos	54			Público	Ensino Superior	Unicamp cria vagas e cursos
24/12/02	CAPA	Controle da Febem passa à Educação	12		Geraldo Alckmin, Saulo de Castro Abreu Filho, Gabriel Chalita, Nagashi Furukawa, Mauro Arce, FHC e Andréa Calabi	Público		Febem passa à Educação
24/12/02	A10	Alckmin transfere Febem para a Educação	150		Geraldo Alckmin, Saulo de Castro Abreu Filho, Gabriel Chalita, Nagashi Furukawa, Mauro Arce, FHC e Andréa Calabi	Público		Febem passa à Educação
24/12/02	C5	Dar continuidade é 'privilégio', dis Buarque	57		Cristóvam Buarque, Paulo Renato Souza, Lula e Maria Helena Guimarães	Público		Transição de governo